

INSTITUTO DE LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE DO MINHO

**ESTRATÉGIAS DE ARGUMENTAÇÃO E CONSTRUÇÃO DA IMAGEM
PESSOAL NO DEBATE POLÍTICO TELEVISIVO**

DANIELA FILIPA MACEDO BRAGA MOREIRA DA SILVA

LICENCIADA EM LÍNGUAS E LITERATURAS MODERNAS – VARIANTE DE ESTUDOS PORTUGUESES
PELA FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

DISSERTAÇÃO SUBMETIDA PARA SATISFAÇÃO PARCIAL DOS REQUISITOS
DO GRAU DE MESTRE EM LINGUÍSTICA

DISSERTAÇÃO REALIZADA SOB A SUPERVISÃO DA

PROFESSORA DOUTORA MARIA ALDINA MARQUES

PROFESSORA AUXILIAR DO INSTITUTO DE LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DA UNIVERSIDADE DO MINHO

BRAGA, OUTUBRO DE 2004

À minha mãe.
Ao Luís.
À minha mana.

Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara.

Livro dos Conselhos

José Saramago, 1995. *Ensaio sobre a*

Cegueira. Lisboa: Caminho.

Todo o conhecimento é autoconhecimento.

Boaventura Sousa-Santos (1987) 2001. *Um*

Discurso sobre as Ciências. Porto: Afrontamento.

AGRADECIMENTOS

Parece que cheguei ao fim de mais esta etapa da minha vida. Uma etapa bastante solitária, como é habitual neste tipo de trabalhos académicos. Uma etapa em que aprendi muito, mas acima de tudo em que aprendi que quanto mais se estuda um assunto menos parece saber-se sobre ele. E que de facto a aprendizagem é um longo processo infindável, mas sempre inebriante.

Ao longo deste processo, estive, antes de mais, a Doutora Maria Aldina Marques, que muito admiro e que foi, sem desprestígio para ninguém, a melhor orientadora que eu alguma vez julguei encontrar. Pelas sua objectividade, rigor, profissionalismo, eficiência e acima de tudo pela sua amizade, os meus sinceros e indefectíveis agradecimentos.

Em segundo lugar, ou talvez em outro lugar, tenho que agradecer à minha família, em especial ao meu marido, à minha mãe e à minha irmã, por todo o carinho e apoio que me deram em mais esta travessia.

Não posso deixar ainda de agradecer a todos os meus amigos, em especial à Maria João e ao Professor Diamantino que tão bem compreenderam as minhas ausências em termos profissionais e pessoais. Um obrigado muito especial também ao Secundino, o meu companheiro nesta viagem.

Por último, uma palavra de gratidão à menina Adelina do CEHUM, incansável e amabilíssima.

RESUMO

Este trabalho tem por objectivo apresentar as estratégias discursivas que contribuem para a construção do ethos ou imagem pessoal do locutor e que lhe permitem assumir uma posição de domínio no debate político televisivo. Essas estratégias decorrem da forma como o locutor gere as suas intervenções no debate e como manipula o seu discurso no sentido de construir imagens de si próprio e do público para quem se dirige. Considerámos assim três tipos de estratégias: 1) *estratégias de domínio e controlo do debate* (que passam pela expressão daquilo que C. K. Orecchioni designa por taxemas de posição dominante e que se manifestam no debate através de assimetria nas formas de tratamento, da duração da intervenção, da manutenção forçada de vez, da intrusão, da interrupção, e de actos de fala de interdição, autorização, crítica, refutação e troça); 2) *estratégias de construção do ethos discursivo*, para que concorrem o ethos pré-discursivo e as estratégias linguísticas ao nível da subjectividade enunciativa e das modalidades; 3) *estratégias de construção da imagem do destinatário principal*, que no caso do debate político televisivo é o público de telespectadores.

A nossa opção em estudar a construção do ethos ao nível do debate político televisivo partiu da constatação de que este tipo de interacção verbal é um espaço privilegiado de competição argumentativa entre os interlocutores, cujo carácter agónico decorre da natureza do discurso político em que está enquadrado e do facto de ser transmitido por um canal de televisão.

Serviu-nos de corpus de análise o programa *Prós e Contras*, transmitido pela RTP1 a 6 de Janeiro de 2003, constituído por cerca de três horas de gravação, cuja emissão especial constituiu um interessante e complexo exemplo de debate político televisivo permitindo-nos analisar não só as estratégias argumentativas ao serviço da construção da imagem do locutor, como também a dimensão interaccional do debate e o carácter heterogéneo do programa como cruzamento de vários tipos de discursos ao serviço do debate. O facto de este programa ter um quadro participativo bastante alargado e complexo (18 participantes), acrescido do facto de ser transmitido em directo (o que provoca maior tensão e não permite reformulações) são factores que dificultam o protagonismo dos locutores ao longo do debate e que por isso o tornam mais competitivo, exigindo estratégias argumentativas mais eficazes.

O presente trabalho inscreve-se na área da Análise do Discurso de acordo com as linhas mais recentes propostas pela teoria da enunciação, pela abordagem interaccionista, pela linguística de texto, pela abordagem comunicativa e pela análise argumentativa.

ABSTRACT

In this work we intend to highlight the discourse strategies involved in the construction of the speaker's personal image (so called *ethos*, by the rhetorical tradition) and how they convey a leadership position in the context of the television political debate.

We have then considered three types of strategies: 1) *strategies for controlling and dominating the debate* (which are conveyed by some treatment forms, turn's duration, turn's maintenance, intrusion, interruption and speech acts of interdiction, authorization, critics, refutation and mockery); 2) *strategies for building the speaker's personal image* (which are conveyed by the pre-discourse ethos and by linguistic markers of subjectivity and modality); 3) *strategies for building the public's image* according to the persuasive aims of the speaker.

We chose to study the speaker's personal image as it appears in the television political debate because it seemed to be a rather competitive type of speech interaction where argumentation was difficult to be done, but had to be done. The participants' political, ideological and social differences also assure the argumentation goal, especially if they are the invited speakers for a television show where they have to represent their political parties. Moreover, the oral dimension of the debate, plus the live broadcasting of the programme are factors that put a lot of pressure on the participants, which makes any attempt of controlling the debate become the final challenge.

For this work, we have analysed the television programme *Prós e Contras*, broadcasted by the Portuguese public channel RTP1 on the 6th January 2003. This three hour corpus of spontaneous speech allowed us to analyse not only the argumentative strategies used by the speakers to build their image towards the public, but also how the television debate is articulated with other types of discourses. We also described the communicative and participative frameworks (on C. K.Orecchioni's expression) that compose *Prós e Contras*, as well as their importance and function.

The present work is developed in the Discourse Analysis framework, according to the most recent proposals derived from the utterance theory (O. Ducrot, J.C. Anscombe, C. Kerbrat-Orecchioni), the interaction approach (C. Kerbrat-Orecchioni), the textual linguistics (J. M. Adam), the communication approach (Charadeau, P. e Ghiglione) and the argumentative analysis (R. Amossy, D. Maingueneau).

ÍNDICE

Agradecimentos.....	iv
Resumo.....	v
Abstract	vi
Introdução	1
Capítulo I. Debate Televisivo, Argumentação e Texto Dialogal: Estado da Questão	5
1.1. O debate televisivo como género e exemplo de texto dialogal e argumentativo.....	5
1.1.1. O debate televisivo como texto/discurso dialogal	9
1.1.2. O debate televisivo como texto argumentativo.....	11
1.2. O debate televisivo como subtipo de interacção conversacional.....	15
1.3. O quadro participativo do debate televisivo	21
1.3.1. O moderador.....	23
1.3.2. Os participantes no debate ou “débatteurs”	24
1.3.3. O público	31
1.4. O debate televisivo – síntese	32
Capítulo II. Debate Político Televisivo - Descrição do Corpus de Análise	34
2.1. A constituição e natureza do corpus.....	34
2.2. A transcrição do corpus.....	36
2.3. Descrição do quadro comunicativo de Prós e Contras	39
2.3.1. Em torno da definição de quadro comunicativo	39
2.3.2. O quadro comunicativo do programa televisivo Prós e Contras.....	41
Capítulo III. Prós e Contras no Cruzamento de Discursos	63
3.1. A dimensão dialogal de Prós e Contras.....	63
3.2. A dimensão argumentativa de Prós e Contras.....	66
3.3. Prós e Contras – cruzamento de outros tipos de discursos	71
Capítulo IV. Estratégias Argumentativas e Construção da Imagem Pessoal.....	76
4.1. Estratégias de controlo/domínio do debate.....	77
4.1.1. Assimetria nas formas de tratamento.....	80
4.1.2. Duração da intervenção	85
4.1.3. Interrupção.....	89
4.1.4. Intrusão.....	91
4.1.5. Manutenção forçada de vez.....	92
4.1.6. Actos de fala que reflectem taxemas de dominância	94
4.2. Estratégias discursivas de construção do ethos no discurso	99
4.2.1. O ethos pré-discursivo	101
4.2.2. O ethos discursivo	105
4.3. Construção do auditório pelo locutor	115
Conclusões	122
Referências	127
Anexo A. Lista dos participantes em <i>Prós e Contras</i>.....	134
Anexo B. Descrição detalhada dos momentos do programa	135
Anexo C. Reportagem audio-visual.....	140
Anexo D. Dados biográficos dos participantes no debate	141
Anexo E. Temas trazidos a debate pela moderadora.....	144

INTRODUÇÃO

«Toute parole, au fond d'elle-même, est publicitaire. (...) Ce qu'elle veut dire, c'est ce qu'elle veut faire dire à l'autre. Ainsi, *nos énocés se présentent*, indépendamment même de leur aptitude à fonder un raisonnement, comme l'origine ou le relais d'un discours argumentatif »

(Oswald Ducrot, 1980 : 11-12)

A língua é argumentativa por natureza. Como defende O.Ducrot na expressão em epígrafe, o que quer que digamos tem sempre como efeito agir sobre o outro. Mais do que isso, pelo nosso discurso construímos uma imagem perante o outro, uma imagem que adaptamos às expectativas que julgamos que o outro tem sobre nós e cujos contornos definimos em função do nosso interesse em agradar ou desagradar ao outro. Uma imagem é de facto uma máscara, mais ou menos decalcada do rosto, com a qual representamos um papel, construímos uma personagem, que fazemos variar de acordo com o contexto, com o estatuto socio-profissional do alocutário e com os nossos objectivos comunicativos. Pela palavra construímos a imagem com a qual pretendemos ser observados pelo outro.

Da argumentatividade intrínseca da língua entendida em sentido lato, passámos à argumentatividade em sentido restrito, enquanto característica em que são especializados alguns tipos de discursos. O discurso político é antes de mais uma lugar de argumentação, um discurso orientado para um fim: a persuasão. É também um espaço em que o discurso é colocado ao serviço da imagem pessoal, imagem essa que decorre simultaneamente de um conhecimento prévio por parte do público e da eficácia e competência de cada prestação discursiva. Mas há uma situação de comunicação em que o discurso político se abre ao discurso polémico, por natureza dialógico e agónico. Essa situação é, por excelência, o debate, tipo de interacção verbal cordial mas assente no dissenso e na competição discursiva. O debate consiste na troca de ideias, mas tem como objectivo vencer, convencendo. A sua modalidade televisiva pareceu-nos desde logo a mais competitiva e a mais ambiciosa,

sobretudo quando o debate é transmitido em horário nobre e em directo para milhares de portugueses.

O nosso interesse em estudar a construção do *ethos* (imagem pessoal) na interacção verbal conduziu-nos ao programa *Prós e Contras*, transmitido pela RTP1, cuja emissão particularmente interessante e especial do dia 6 de Janeiro de 2003 nos serviu de corpus de análise à presente dissertação. O tema que lhe serve de pano de fundo e o estatuto dos seus participantes principais confere-lhe a dimensão política. O enquadramento temporal/conjuntural (no início do ano civil de 2003, após 8 meses de governo liderado pelo PSD-CDS/PP, num ambiente de depressão económica grave e de políticas económicas austeras) em que o país estava mergulhado favorecia a argumentação da oposição na mesma proporção em que dificultava a argumentação do governo. O programa *Prós e Contras*, mediatizado pela televisão, traz o debate parlamentar para a praça pública, o que necessariamente obriga a um reajuste discursivo. O carácter bipolar do programa, cristalizado na expressão doxal *Prós e Contras*, permite estruturar os dois pólos da argumentação, identificar os participantes segundo as suas convicções ideológico-políticas e prever algumas imagens que os participantes construirão no seu discurso.

O objectivo do nosso trabalho é, pois, elencar as diversas estratégias discursivas de que o locutor se serve para construir a sua imagem pessoal, imagem essa que, sobretudo no debate político televisivo, tem como único e último propósito convencer o seu destinatário principal: o público, ou seja, o conjunto dos cidadãos portugueses. Essas estratégias decorrem essencialmente de manifestações de domínio e controlo do debate, de imagens pessoais construídas pelo locutor no seu discurso e de imagens do público que o locutor projecta também no seu discurso.

Não é nosso propósito concluir acerca da qualidade e eficácia argumentativa de nenhum locutor em especial, uma vez que os pressupostos deste trabalho são científicos e não político-ideológicos. A abordagem seguida no nosso trabalho é antes de mais linguística, na medida em que nos interessa essencialmente analisar o que há de construção e manipulação discursiva. A modalidade oral do debate televisivo exigiu uma abordagem interaccionista e dialógica (com autores como C. Kerbrat-Orecchioni, R. Vion), ao mesmo tempo que comporta outras dimensões paralinguísticas, como as dimensões cinésica, proxémica e prosódica que, por exigirem uma abordagem teórica distinta da análise linguística, não puderam ser contempladas no âmbito desta dissertação. A dimensão argumentativa subjacente ao discurso político e ao género do debate conduziram o nosso trabalho à Análise

Argumentativa (R. Amossy), por nos parecer o enquadramento teórico que reúne os pressupostos mais interessantes enunciados pelas várias correntes saídas da Análise do Discurso, desde a Nova Retórica à Linguística de Texto, passando pela Estilística, pela Teoria da Enunciação e pelo Interaccionismo. No campo dos estudos em Análise do Discurso em Português, constituíram uma importante referência para esta dissertação os trabalhos de M. Aldina Marques enquanto análise do funcionamento enunciativo do debate parlamentar e de I. Galhano Rodrigues enquanto análise de interações verbais.

Interessa ainda referir que serviram de motivações a trabalho:

- a constatação da ausência de estudos em argumentação no oral aplicados ao Português Europeu;
- a revitalização do conceito de *ethos* aristotélico, redefinido em *ethos* discursivo e *ethos* pré-discursivo, pela Análise Argumentativa de origem francófona;
- a constatação da especial adequação do conceito de *ethos* ao objectivo comunicativo subjacente ao debate político televisivo;
- o nosso interesse em estudar discursos autênticos na sua modalidade oral.

A presente dissertação está estruturada em quatro capítulos que passamos a resumir:

Capítulo I – *Debate Televisivo, Argumentação e Texto Dialogal*: neste capítulo discutimos o estatuto argumentativo e dialogal do debate televisivo. Perspektivamos ainda o debate como um tipo de interacção verbal eminentemente dialógico e argumentativo. Apresentamos ainda o estatuto teórico do quadro participativo do debate, com destaque para o papel do moderador como árbitro.

Capítulo II – *Debate Político Televisivo – Descrição do Corpus de Análise*: é o capítulo mais extenso do trabalho. Nele apresentamos a descrição do corpus e apresentamos o sistema de transcrição usado. Apresentamos também uma descrição detalhada do quadro comunicativo (enquadramento espácio-temporal, dimensão política e polémica do debate, formato e ritualização do programa e objectivo comunicativo) e do quadro participativo (análise do estatuto dos dois painéis, dos directores de jornais, dos convidados do público, da moderadora e do público) do programa *Prós e Contras*.

Capítulo III – *Prós e Contras no Cruzamento de Discursos*: neste capítulo analisamos o estatuto híbrido e heterogéneo do programa *Prós e Contras*, de onde se destaca efectivamente

o *debate* como discurso central, a partir do qual se articulam outros tipos de discursos, como a *entrevista*, as mensagens enviadas pelo público telespectador, a mini-reportagem sobre o estado da nação. O debate é, pois, espaço de “heterogeneidade composicional de enunciados” (J.M.Adam), já que para além das sequências prototípicas argumentativa e dialogal que o caracterizam, outras sequências que irrompem aqui e ali ao longo do programa e do debate (como as sequências narrativa e descritiva).

Capítulo IV – Estratégias argumentativas e Construção da Imagem Pessoal: é o capítulo mais importante deste trabalho. Apresentamos o elenco das estratégias discursivas que contribuem para a construção do *ethos* do locutor e que lhe permitem dominar o debate. Apresentamos assim estratégias de domínio e controlo do debate, baseadas numa abordagem interaccionista, e estratégias discursivas de construção da imagem do locutor e da imagem do público pelo locutor, baseadas na abordagem da Análise Argumentativa. Todas estas estratégias concorrem para a definição de uma imagem dominante do locutor no debate, tornando, portanto, o seu discurso eminentemente argumentativo e persuasivo.

Na secção da **Conclusão** apresentamos uma síntese dos principais pontos de interesse desta investigação, os seus limites e perspectivas de trabalho futuro.

Capítulo I. DEBATE TELEVISIVO, ARGUMENTAÇÃO E TEXTO DIALOGAL: ESTADO DA QUESTÃO

1.1. O debate televisivo como género e exemplo de texto dialogal e argumentativo

«... chaque texte est une réalité beaucoup trop hétérogène pour que'il soit possible de l'enfermer dans les limites d'une définition stricte.» (Adam, 1992 :19)

A problemática da tipologização dos discursos tem sido um dos assuntos mais debatidos e polémicos em Linguística do Texto/ Discurso, tendo dado origem a inúmeras propostas de classificação. Aparentemente, e como sublinha G.-E. Sarfati (1997, 2001:75), a tarefa da tipologização parece ser um problema irresolúvel, por duas razões: em primeiro lugar, pelo carácter fluido, indeterminado, transitório¹ dos textos/ discursos², e em segundo lugar, pela profunda dependência contextual subjacente a todos os discursos, o que lhes impõe restrições na produção e no sentido dos enunciados. M. A. Marques (2003), a propósito da “instabilidade dos géneros”, reforça essa dependência contextual (socio-histórica, cultural, temporal) como estando na base da “cristalização temporária” dos géneros por um dado grupo social/ linguístico:

¹ O autor utiliza a designação “le caractère *labile* du discours” (1997, 2001: 75) que nós aqui traduzimos como “transitório”.

² Apesar da enorme flutuação entre as designações de **Texto e Discurso** na literatura da especialidade (uns autores usam os termos indiferenciadamente, outros há que optam por uma ou por outra designação, outros ainda distinguem-nas, como Adam (1992: 15-16)), entendemos Texto como termo equivalente a Discurso, de acordo com a proposta de J. Fonseca (1992, *Linguística e Texto/Discurso - Teoria, Descrição, Aplicação*) que se refere a esta entidade como *Texto/Discurso*. Marques (2003: 190), por exemplo, opta pela designação de *Discurso*, que não diferencia de Texto, definindo-o como “entidade linguístico-pragmática organizada segundo duas vertentes: sequencial e configuracional, um conceito que J.M.Adam (1990:98) vai tomar de Paul Ricoeur: *Par la notion de «configuration» Paul Ricoeur a rendu essentiellement compte du fait qu'un récit possède, à la base de son intelligibilité, non seulement un caractère épisodique (venir après), mais également un caractère configuré (former un tout). Étendue à la textualité en générale, cette notion peut nous aider à théoriser linguistiquement le tout de l'énoncé fini (Bakhtine)*”. Para uma discussão mais aprofundada da disputa terminológica entre Texto e Discurso em Análise do Discurso, confrontar M. A. Marques (2000: 57-58).

“(…) ao definir um género de discurso como a configuração de escolhas que se cristalizam progressivamente no quadro de um grupo social/ linguístico dado, o entendemos como cristalização temporária. Porque a instabilidade dos géneros – produto socio-histórico – é factor e ao mesmo tempo consequência da mudança. (...) E desta forma, a variabilidade social e cultural, a mudança em geral que se opera nas sociedades fará necessariamente emergir novas formas, mesmo novos géneros, onde os discursos ganharão também novas configurações.” (Marques, 2003: 194).

G.-E. Sarfati (1997: 76) segue a proposta de J. M. Adam³ que refere sete tipos de tipologias⁴, demonstrando mais uma vez a radical necessidade de categorização, tornada consciente a partir dos estudos em Psicologia Cognitiva, e trazida para a Linguística por Georges Kleiber⁵, George Lakoff, John R. Taylor e Dirk Geeraerts, entre outros.

Catalina Fuentes (2000), pouco tempo depois, no capítulo intitulado “Tipología Textual” faz uma revisão crítica de várias propostas tipológicas de classificação dos discursos e baseia-se na proposta de E. Roulet (1991) para apresentar uma *tipologia de tipologias* (apud C. Fuentes, 2000: 121):

- as **tipologias funcionais**, construídas a partir do estudo de K. Bühler e R. Jakobson das funções da linguagem;
- as **tipologias enunciativas**, baseadas nas condições de enunciação (interlocutores, lugar, tempo) e sobre a organização discursiva (E. Benveniste e J.P. Bronckart);
- as **tipologias situacionais**, baseadas na análise das situações de comunicação na perspectiva de Halliday, Bouchard e Schnewewely;
- as **tipologias cognitivas**, que tratam da organização cognitiva, pré-linguística, subjacente à organização de certas sequências (narrativa, descritiva, argumentativa...)

Também Maria Antónia Coutinho (2003:59) apresenta uma tipologia de tipologias textuais e discursivas⁶, a partir de um artigo de André Petitjean (1989), distinguindo o que designa por “três grandes atitudes classificatórias”:

³ G.Sarfati não indica a obra onde Adam expõe esta tipologia.

⁴ G.Sarfati evocando a tipologia de tipologias proposta por Adam faz referência a sete: 1) tipologias discursivas e situacionais; 2) tipologias baseadas nos géneros do discurso; 3) tipologias baseadas nos objectivos da enunciação; 4) tipologias de base enunciativa; 5) tipologias de base temática; 6) tipologias de base textual; 7) tipologias de base sequencial. Para o desenvolvimento de cada tipologia, cfr. Sarfati, op. cit: 76-77.

⁵ G. Kleiber é um dos nomes fundamentais da semântica cognitiva, associado à Teoria do Protótipo. Segundo Kleiber “*Catégorization et catégories sont des éléments fondamentaux, la plupart du temps inconscients, de notre organization de l’expérience*” (1990: 13).

⁶ Maria Antónia Coutinho (2003) reflecte inevitavelmente também sobre a questão da designação de **texto/discurso** em Análise do Discurso. Para a autora, consoante a natureza do objecto verbal a tipologizar, falar-se-á nuns casos de **tipos de texto** e noutros em **tipos de discurso**. Para os critérios que sujam à tipologização de

- “**classificações homogêneas**, que utilizam um critério único e homogêneo – como as marcas linguísticas de superfície, na tipologia proposta por E. Werlich;” e Jean-Michel Adam;
- “**classificações intermédias**, cuja base tipológica integra critérios heterogêneos como o modo enunciativo, a intenção da comunicação e as condições de produção (...)”, tipologias estas que Petitjean desdobra em três categorias, a saber: tipologias enunciativas, tipologias comunicacionais e tipologias situacionais;
- “**classificações heterogêneas**, construídas sobre uma base tipológica totalmente heterogênea – reunindo critérios de natureza diversa, como a intenção de comunicação, modo enunciativo, estratégia ilocutória, conteúdo temático, marcas linguísticas de superfície, índices paratextuais.” (negritos nossos)

O pressentimento de que o ser humano possui uma competência tal que lhe permite reconhecer e classificar o género de um determinado texto/ discurso desde as primeiras palavras, já fora explicitado por M. Bakhtine:

“Les formes de langue et les formes types d’énoncés, c’est-à-dire les *genres du discours*, s’introduisent dans notre expérience et dans notre conscience conjointement et sans que leur corrélation étroite soie rompue. Apprendre à parler c’est apprendre à structurer des énoncés (...). *Les genres du discours organisent notre parole (...)*” (1984 : 285) [itálicos nossos]

“Nous apprenons à mouler notre parole dans les formes du genre et, entendant la parole d’autrui, *nous savons d’emblée aux tout premiers mots, en pressentir le genre*, en deviner le volume (la longueur approximative d’un tout discursif), la structure compositionnelle donnée, en prévoir la fin, autrement dit, dès le début, nous sommes sensibles au tout discursif qui, ensuite, dans le processus de la parole dévidera ses différenciations. Si les genres du discours

um texto, definido essencialmente como um documento escrito, Coutinho baseia-se na proposta de Brassart (1996), distinguindo assim aspectos que decorrem do *escrito* (disposições gráficas que permitem identificá-lo imediatamente, mesmo sem uma leitura prévia – como é o caso das Bandas-Desenhadas, artigos de jornal ou uma entrada no dicionário), da *estruturação do texto* (“havendo a considerar um pequeno número de estruturas fixadas culturalmente” [Coutinho, 2003: 80], como a narrativa, a descritiva, a argumentativa e a explicativa) e do *objectivo comunicativo do discurso* (“diz respeito às intenções de comunicação redigir uma mensagem, envolve um determinado objectivo comunicacional, tendo em conta o futuro leitor (...)” [Coutinho, 2003:80]; tem como objectivo realizar um macro-acto de discurso – prometer, avisar, assertar, dar uma ordem, argumentar, ficando assim em evidência a dimensão discursiva do tipo de texto).

Em relação à tipologização dos discursos, Coutinho baseia-se em R. Bouchard (1996) que destaca a finalidade pragmática como um dos critérios principais. Coutinho (2003: 84) esquematiza numa tabela os critérios susceptíveis de distinguirem os tipos de discurso, sendo de realçar três em volta dos quais se articula a tipologia: o critério semântico-referencial (que tem a ver com a natureza do referente, podendo ser de tipo narrativo, descritivo ou expositivo), o critério enunciativo (que tem a ver com o tipo de *répérage* enunciativo, distinguindo-se assim intervenções, discurso escrito e realizações orais ou escritas) e o critério pragmático (que decorre da finalidade pragmática, podendo ser de tipo injuntivo, explicativo e argumentativo).

n'existaient pas et *si nous n'en avons pas la maîtrise*, (...) l'échange verbal serait quasiment impossible." (1984 : 285). [itálicos nossos]

Van Dijk, anos antes, introduzira já o conceito de *competência textual*, por analogia com o conceito de *competência linguística* nascido no quadro generativista de Noam Chomsky, definindo-o como a capacidade natural de reconhecimento de um tipo de texto por um falante:

"Any native speaker of a language will in principle be able to make a distinction between a poem and a handbook of mathematics, between an article in the newspaper and a questionnaire. This implies that he has the initial ability to differentiate the universe of texts and to recognize different types of texts. We shall claim (...) that this fundamental ability is part of linguistic competence. We shall argue at the same time that this competence must be a textual competence." (Van Dijk, 1972: 297-298). [itálicos nossos]

Portanto, se o ser humano possui um esquema categorial de organização discursiva que lhe permite identificar e catalogar um texto/discurso dentro de uma determinada categoria, por que parece ser tão difícil aos analistas do discurso definir uma tipologia e classificar um texto dentro dela? Esta questão foi primeiramente respondida por M. Bakhtine e posteriormente desenvolvida por J.M. Adam em termos da "heterogeneidade composicional dos enunciados" que estaria subjacente a todos os discursos e que os tornaria estruturalmente compósitos:

"L'une des raisons qui fait que la linguistique ignore les formes d'énoncés tient à l'extrême hétérogénéité de leur structure compositionnelle et aux particularités de leur volume (la longueur du discours) – qui va de la réplique monolexématique au roman en plusieurs tomes. La forte variabilité du volume est valable aussi pour les genres discursifs oraux." (Bakhtine, 1984 : 288) (itálicos nossos).

Adam, recuperando esta noção baktiniana e influenciado pelos trabalhos das ciências cognitivas⁷, parte da premissa de que todos os textos são heterogêneos, ou seja, constituídos por diferentes sequências havendo uma que se configura como dominante. O Texto é assim uma estrutura composta por unidades menores sub-ordenadas em diversos níveis, uma vez que cada *Texto* é uma estrutura que comporta *sequências* dispostas hierarquicamente, por sua vez constituídas por *macro-proposições*, elas também compostas por *proposições* :

"Définir le texte comme une structure séquentielle permet d'aborder l'hétérogénéité compositionnelle en termes hiérarchiques assez généraux. La séquence, unité constituante du texte, est constituée de paquets de propositions (macro-propositions), elles-mêmes constituées de n propositions."(Adam, 1992 : 29).

⁷ O autor reivindica essa influência sobre o seu trabalho de tipologização: *"Les recherches sur les catégorisations humaines menées en psychologie cognitive (...) ont eu une influence déterminante sur l'esprit général du présent ouvrage"* (Adam, 1992 : 7), como afirma no prefácio à 4ª edição desta obra.

Na sequência desta definição de texto, J.M.Adam (1992) apresenta uma hipótese de organização interna do texto, baseada na teoria do protótipo cognitivista, onde é possível reconhecer cinco⁸ sequências prototípicas, ou imagens mentais, de um protótipo abstracto de sequência, que podem ser *narrativa, descritiva, argumentativa, explicativa e dialogal*. É por referência ao protótipo, medida em termos de distanciamento ou proximidade em relação ao seu centro, que uma sequência⁹ pode ser categorizada enquanto narrativa, argumentativa, etc¹⁰.

É neste enquadramento teórico que Marianne Doury, num artigo em que analisa um debate televisivo¹¹ (in, *Trilogie*, orgs. Kerbrat-Orecchioni et al, 1995), se refere à “heterogeneidade discursiva” que caracteriza esse tipo de discurso, que parece flutuar entre o dialogal e o argumentativo, pelo menos.

1.1.1. O debate televisivo como texto/discurso dialogal

A partir da proposta tipológica de J.M.Adam (1992), o debate televisivo, em virtude da composição do seu quadro comunicativo¹², pode ser definido como um género¹³ em que

⁸ J. M. Adam (1985) 1987, anos antes, apresenta uma proposta de classificação tipológica em que identifica sete tipos de sequencias (nomeadamente sequência narrativa, sequência injuntiva-instrucional, sequência descritiva, sequência argumentativa, sequência explicativa-expositiva, sequência dialogal-conversacional e sequência poética-autotélica). Posteriormente, Adam (1992) reduz esta proposta de sete para cinco tipos de sequências (a saber: sequência narrativa, sequência descritiva, sequência argumentativa, sequência explicativa e sequência dialogal).

⁹ J. M. Adam entende por *sequência*: “L’unité textuelle que je propose de désigner par la notion de SEQUENCE peut être définie comme une STRUCTURE, c’est à dire comme :

- un réseau relationnel hiérarchique : grandeur décomposable en parties reliées entre elles et reliées au tout qu’elles constituent.
- Une entité relativement autonome, dotée d’une organisation interne qui lui est propre et donc en relation de dépendance/indépendance avec l’ensemble plus vaste dont elle fait partie.” (Adam, 1990 : 84).

¹⁰ Na sua obra de 1992, *Les Textes, types et prototypes*, J.M.Adam apresenta de uma forma mais organizada, os pressupostos linguísticos que estão na base da sua proposta tipológica de análise dos textos, caracterizando cada protótipo de sequência e servindo-se de exemplos para uma melhor demonstração. Fuentes Rodrigues (2000:126-137), contudo, faz uma *crítica à tipologia de J. M. Adam*, (devido, sobretudo, ao estatuto fluido da sequência dialogal, menos bem delimitada, que parece subordinar-se às outras sequências), preferindo a proposta tipológica de E. Roulet (1991). Neste trabalho optaremos, porém, pela proposta de Adam por ser a mais divulgada e não menos eficiente.

¹¹ Charaudeau e Ghiglione (1997, 2000: 97) definem assim *debate televisivo*, por oposição ao *talk show*: “O debate televisivo – dissemo-lo – é portanto uma forma de diálogo organizado de forma a fazer surgir a *verdade*, seja qual for a sua configuração, a propósito de um tema problematizado, através da confrontação de saberes diferentes sobre o tema, por intermédio de um dispositivo televisivo (organização, gestão, apresentação) que permite que a exposição destes saberes e a sua confrontação desvendem certos aspectos da problematização, tornando-os, ao mesmo tempo, o mais inteligíveis possível. Pode dizer-se que o debate corresponde a uma *encenação* da palavra apropriada para um tratamento relativamente racional da «descoberta da verdade».”

¹² A definição de *quadro comunicativo* será feita adiante, no ponto 2.3.1. deste trabalho.

¹³ A noção de *género* tem sido muito instável em Análise do Discurso. M. A.Coutinho (2003: 89-115) dedica o capítulo 3 da sua tese de doutoramento à discussão desta problemática, confrontando as várias acepções que vários autores foram fornecendo acerca do conceito de género a par de um uso ambíguo entre *género* e *tipo* de texto. A autora conclui que pelo menos a noção de género parece estar mais estabilizada que a noção de tipo: “De forma

dominam as sequências dialogais, na medida em que participam pelo menos dois sujeitos num tempo e espaço dados e apresenta uma estrutura de alternâncias de vez com sequências que podem ser *fáticas*, na abertura e no fechamento, e *transaccionais*, ao longo da interação. Adam define assim a prototípica sequência dialogal:

“Le texte dialogal peut être défini comme une structure hiérarchisée de séquences appelées généralement «échanges». Deux types de séquences doivent être distingués :

- les *séquences phatiques* d’ouverture et de clôture,
- les *séquences transactionnelles*, constituant le corps de l’interaction.

L’idée d’un bornage participationnel délimité par la rencontre et la séparation d’au moins deux actants en un temps et lieu donnés semble une bonne définition de départ.” (Adam, 1992 : 154).

Como nota J.M.Adam, se para algumas sequências dialogais não se verificam estruturas fáticas, no debate televisivo assistimos precisamente ao carácter profundamente ritualizado e obrigatório das sequências fáticas de abertura e de fechamento.

Na mesma linha de J.M.Adam, M. Doury (idem, 1995), na análise de vários debates televisivos (“*Duel sur la 5*”), chama a atenção para o facto de as sequências de abertura e de fechamento serem sempre protagonizadas pelo moderador e de serem constituídas por componentes obrigatórias e facultativas, segundo o seguinte esquema:

Sequência de Abertura	
<i>Componentes obrigatórias</i>	<i>Componentes facultativas</i>
- anúncio do tema do Duel	- menção de elementos de informação relativos à actualidade
- apresentação dos participantes	- anúncio da sondagem
- atribuição da palavra	- agradecimento a um dos participantes

Tabela 1: Componentes obrigatórias e facultativas da sequência de abertura no debate televisivo *Duel sur la Cinq*.

mais geral e ainda que a noção de tipo de discurso permaneça menos evidente, *poderá considerar-se praticamente estabilizada a noção de género como ‘modalidade’ de comunicação histórica e socioinstitucionalmente definida – e como tal necessariamente associada a produções atestadas.*” (Coutinho, 2003: 98) [itálicos nossos]. Por seu lado, a noção de tipo aparece associada às sequências prototípicas de texto com que trabalha Adam (1992) e Brassart (1996). Segundo a autora “A noção [de tipo] inscreve-se, nesse caso, na teoria do protótipo (...)” (Coutinho, 2003: 100).

A autora discute ainda a flutuação das expressões *gêneros de texto* de *gêneros de discurso*, concluindo que existe uma atitude consensual que leva a preferir a designação de “gêneros de discurso” (Coutinho, 2003: 101).

Sequência de Fechamento	
<i>Componentes obrigatórias</i>	<i>Componentes facultativas</i>
- menção de que o tempo escasseia, explicitação do fim do programa	- pré-fechamento (aviso aos participantes de que já dispõem de pouco tempo)
- anúncio ou recordação da sondagem	- apreciação positiva ou negativa acerca do debate que se desenrolou
- anúncio do próximo programa	- acrescentamento de um elemento de informação pessoal

Tabela 2: Componentes obrigatórias e facultativas da sequência de fechamento no debate televisivo *Duel sur la Cinq*.

Ao longo do debate surgem tarefas da responsabilidade do moderador que se incluem nas designadas “sequências transaccionais”, caracterizadoras do texto dialogal. São elas, segundo M. Doury (idem: 236-240):

- ♦ a gestão das tomadas de palavra;
- ♦ a referência às regras da emissão do programa;
- ♦ o ajuste entre os conhecimentos dos participantes no debate e o público
- ♦ a gestão dos conteúdos do debate.

No âmbito das sequências transaccionais encontramos também as sucessivas alternâncias de vez ou intervenções¹⁴ entre participantes, não apenas em resposta a uma pergunta lançada pelo moderador, mas também sob a forma de refutação/ resposta a uma sequência de outro participante, como reforço de um argumento lançado por outro participante, como reinvidicação da palavra, ou ainda como estratégia de manutenção e prolongamento da vez.

1.1.2. O debate televisivo como texto argumentativo

Como nota Christian Plantin na *Présentation* aos seus *Éssais Sur L’Argumentation* (1990: 9-10), a obra de que é autor nasceu da constatação da dispersão existente nos estudos em

¹⁴ Entendemos *vez* (designação seguida por Rodrigues, 1998, na linha da tradição anglo-saxónica de Goffman, 1976:272 que utiliza a palavra “*move*”) como sinónimo de *intervenção*, unidade menor que a troca (*échange*, na tradição francófona) e maior que o *acto de linguagem*, dentro de uma estrutura de cinco níveis, hierarquicamente dispostos, que constituem a estrutura da conversação (cfr. Kerbrat-Orecchioni, 1990:214-234). Seguimos a proposta de Orecchioni (1990:225) para este conceito: “Avec le rang de l’intervention, on passe des unités dialogales aux unités monologales, émises (en principe) par un seul locuteur”. Orecchioni, na mesma obra, chama a atenção para a distinção entre intervenção e “*tomada de palavra*” (do francês “*tour de parole*” e do inglês “*turn-taking*”), na medida em que a primeira se trata de uma unidade funcional apenas definida na relação com a troca ao passo que a segunda refere-se ao mecanismo e às regras que regem a alternância da tomada de palavra pelos locutores.

argumentação. Efectivamente, apesar dos séculos de silêncio e de deterioração dos estudos em Retórica, disciplina clássica que lhe deu origem, a argumentação renasce no século XX¹⁵ com a *Nova Retórica*¹⁶, nas obras de Chaim Perelman & Lucie Olbrecht-Tyteca (1958), de Stephen Toulmin (1958) e de Christian Plantin (1990, 1996). Apesar do crescente e também recente interesse das Ciências da Comunicação pela argumentação¹⁷, as teorias da argumentação iniciadas com a Nova Retórica conheceram outros e mais profundos desenvolvimentos dentro da Linguística do Uso/Funcionamento da Língua: por um lado, através da *Teoria da Argumentação na Língua*, de O. Ducrot e J.-C. Anscombe (1976, 1980, 1997) e por outro, através da concepção de argumentação enquanto *sequência composicional de enunciados* (J.M. Adam, 1992). Mais recentemente, no quadro da Análise do Discurso, sobreveio a *Análise Argumentativa* (R. Amossy, 2000)¹⁸, que se instituiu como uma síntese de

¹⁵ Para a *história das teorias da argumentação* desde os fundamentos clássicos da *Retórica* de Aristóteles até aos estudos contemporâneos desenvolvidos pelas Ciências da Comunicação e pela Pragmática e Análise do Discurso, consultar Breton, P. & Gautier, G. (2000, 2001) *História das Teorias da Argumentação*. Lisboa: Bizâncio (trad. Port.)

¹⁶ Entende-se por **Nova Retórica**, o conjunto de tratados e pressupostos teóricos e metodológicos sobre a argumentação baseadas nas obras clássicas sobre Retórica escritas por Aristóteles, Quintiliano e Cícero, entre outros, que renasceu no século XX pelas obras de Perelman e Tyteca (1958), Toulmin (1958) e Plantin (1990, 1996). São os pressupostos da Nova Retórica, de acordo com Breton e Gautier (2000:50 e segg.): a inscrição na teoria aristotélica, no que diz respeito à importância do auditório para a construção da argumentação e do ethos do orador; a recuperação da noção de argumento e de uma tipologia de argumentos baseados na Retórica Clássica.

¹⁷ Philippe Breton (1996, 1998), em *A Argumentação na Comunicação*, apresenta uma perspectiva da argumentação inscrita no quadro das Ciências da Comunicação, muito influenciado pela Nova Retórica de Perelman e Tyteca (1958), no que concerne à tipologia de argumentos, os quais retoma e revitaliza com análises textuais muito interessantes. Breton define o campo da argumentação em função de três máximas: 1) “argumentar é comunicar: estamos portanto numa situação de comunicação, que implica (...) parceiros e uma mensagem, uma dinâmica própria”; 2) “argumentar não é convencer a qualquer preço (...)”; 3) “argumentar é raciocinar, propôr uma opinião a outros, dando-lhes boas razões para aderirem a ela”. (Breton, 1998: 22). Interessante é também o esquema da comunicação argumentativa que Breton propõe e de que fazem parte: *1) a opinião do orador, 2) o orador, 3) o argumento defendido pelo orador, 4) o auditório, 5) o contexto da recepção, restrito aos valores, opiniões e juízos partilhados pelo auditório* (vide, Breton, 1998:25).

¹⁸ R. Amossy (2000) apresenta os princípios da Análise Argumentativa como uma síntese de vários enquadramentos teóricos no âmbito da Análise do Discurso. Assim, a Análise Argumentativa segue uma perspectiva (apud Amossy, 2000:23-24):

- *linguística*, já que o discurso argumentativo se constrói a partir de escolhas lexicais, do funcionamento do aparelho formal da enunciação, de encadeamento de enunciados, de pressuposições e subentendidos;
- *comunicacional*, já que o discurso argumentativo é indissociável de uma situação de comunicação, visando um interlocutor;
- *dialógica e interaccional*: ao visar um auditório, real ou virtual, o discurso argumentativo é dialógico e interaccional; são, por isso fundamentais, as imagens do auditório e do ethos (vide rodapé 125) do locutor criadas no e pelo discurso argumentativo (veja-se capítulo IV)
- *genérica*, já que o discurso argumentativo se inscreve sempre num tipo ou num género de discurso que determina o seu dispositivo de enunciação e os seus objectivos;
- *estilística*, já que o discurso argumentativo recorre sempre às clássicas figuras de estilo para cumprir os seus objectivos persuasivos sobre o alocutário;
- *textual*, na medida em que o discurso argumentativo recorre a processos lógicos (silogismos, analogias, estratégias de associação e de dissociação) cujo funcionamento deve ser analisado.

A Análise Argumentativa recupera e reformula o conceito de *ethos*, *logos* (vide rodapé 127) e *pathos* (vide rodapé 126) em que se ancorava a retórica clássica, analisando por isso:

- ao nível do *ethos*, as imagens pessoais do locutor e as imagens que o locutor projecta do auditório no seu discurso;
- ao nível do *logos*, os processos lógicos que fundamentam a argumentação (silogismos, entimemas, paralogismos, exemplos, analogias) e os topoi e estereótipos que lhes servem de base;
- ao nível do *pathos*, os processos de inscrição de afectividade e de emoção no discurso.

várias correntes e que apresenta uma perspectiva interessante sobre o que podem constituir estratégias argumentativas ao serviço da imagem que o locutor pretende construir do real, de si próprio e do Outro.

Para a caracterização do debate enquanto tipo específico de interação verbal, interessa-nos apresentar duas noções distintas de argumentação em Pragmática Linguística, particularizadas em duas perspectivas: a tese proposta por O. Ducrot e J.-C. Anscombe (1976, 1980, 1997) sobre a *argumentação na língua*, e a proposta de J. M. Adam (1992) que encara a argumentação enquanto tipo de *sequência* constitutiva da unidade pragmático-configuracional que é o texto.

A tese defendida por Ducrot e Anscombe acerca da *argumentatividade intrínseca da língua*, no quadro da Pragmática Linguística, permite perspectivar todo o enunciado como orientado para uma determinada conclusão, independentemente do que é efectivamente dito. A informatividade do enunciado seria assim deixada para segundo plano pois funcionaria apenas como expressão camuflada do objectivo primeiro de impor uma opinião aos outros¹⁹. Tal como afirma Ducrot:

“Les recherches concernant ce que Jean-Claude Anscombe et moi nous avons appelé «l’argumentation dans la langue» visent à étendre cette thèse au-delà des lieux communs catalogués par la rhétorique. **Selon nous, tous les énoncés d’une langue se donnent, et tirent leur sens du fait qu’ils se donnent, comme imposant à l’interlocuteur un type déterminé de conclusions. Toute parole, au fond d’elle-même, est publicitaire.** Elle n’est pas publicitaire seulement par le fait qu’elle véhicule certaines informations qui se trouvent autoriser certaines conclusions. Elle est publicitaire par le fait que sa valeur interne se confond avec la suite qu’elle réclame. Ce qu’elle veut dire, c’est ce qu’elle veut faire dire à l’autre. Ainsi, *nos énoncés se présentent*, indépendamment même de leur aptitude à fonder un raisonnement, **comme l’origine ou le relais d’un discours argumentatif**.” (Ducrot, 1980 : 11-12) [negritos nossos]

Ducrot e Anscombe redefinem a Teoria dos Actos de Fala de Austin (1962) e de Searle (1969) introduzindo um novo acto de fala, o *acto de argumentar*, enquanto expressão da argumentatividade na língua:

“Tout énoncé, qu’il serve ou non de prémisses dans une **argumentation**, est l’objet d’un acte d’argumenter qui, pour nous, fait partie de son sens.” (Ducrot e Anscombe, 1997 : 166)

A Análise Argumentativa considera importante a distinção entre a “dimension argumentative”, inerente a muitos textos, e a “visée argumentative”, que caracteriza apenas alguns: “(...) la simple transmission d’un point de vue sur les choses, qui n’entend pas expressément modifier les positions de l’allocutaire [dimension argumentative], ne se confond pas avec l’entreprise de persuasion soutenue par une intention consciente et offrant des stratégies programmés à cet effect [visée argumentative].” (Amossy, 2000 :25) [inclusões parentéticas nossas].

¹⁹ Esta ideia é expressa em Ducrot e Anscombe (1997): “Nous voudrions arriver à dire que l’informativité est en fait seconde par rapport à l’argumentativité. **La prétension à décrire la réalité ne serait alors qu’un travestissement d’une prétension plus fondamentale à faire pression sur les opinions de l’autre.**” (Ducrot e Anscombe, 1997 : 169) [negritos nossos].

“(…) ce processus discursif que l’on nomme argumentation et qui consiste à enchaîner des énoncés-arguments et des énoncés-conclusions a lui-même pour préalable un acte d’**argumenter** sur lequel il s’appuie. Comme tous les actes illocutoires, l’acte d’**argumenter** se réalise dans et par un énoncé unique.” (Ducrot e Anscombe, 1997 : 168)

Em *L’argumentation dans la langue* (1997), Ducrot e Anscombe articulam este conceito de argumentação na língua com o funcionamento da sua Teoria Polifónica em termos de enunciados e de seus valores significativos:

“Lorsque nous parlons **d’argumentation**, nous nous référons toujours à des **discours comportant au moins deux énoncés E₁ et E₂ dont l’un est donné pour autoriser, justifier ou imposer l’autre ; le premier est l’argument, le second la conclusion**. Par exemple E₁ = *Il fait beau*, E₂ = *Sortons*, dans le discours *Sortons, puisque il fait beau*, ou *Il fait beau, sortons donc*.” (Ducrot et Anscombe, 1997 : 163)

À parte desta definição geral de argumentação que será assim reconhecível em todos os enunciados proferidos pelos participantes do nosso debate em análise, J. M. Adam, no âmbito da sua teoria da heterogeneidade composicional dos enunciados²⁰, propõe o conceito de *sequência argumentativa*, que será um tipo de sequência constitutiva do texto, no mesmo plano da sequência dialogal, já apresentada. Baseado no modelos de análise da argumentação proposto por S. Toulmin (1958) e revisto por De Pater (1965) e C. Plantin (1990)²¹, Adam apresenta o protótipo da sequência argumentativa como uma série de proposições apresentadas com vista a uma conclusão. A inferência resultante dos argumentos apresentados é habitualmente decorrente do conector escolhido, e que pode levar a um movimento argumentativo de reforço ou apoio ou a um movimento contra argumentativo de refutação ou restrição. Por outras palavras, parte-se de premissas seleccionadas com vista a chegar a uma determinada conclusão, sendo que a passagem entre premissas e conclusão se faz através de “*«démarches argumentatives» qui prennent l’allure d’enchaînements d’arguments-preuves correspondant soit aux supports d’une règle d’inférence, soit a des micro-chaînes d’arguments ou des mouvements argumentatifs enchâssés.*” (Adam, 1992:117). Adam esquematiza assim a sequência argumentativa prototípica:

²⁰ J.M.Adam, no quadro da Linguística de Texto, aproxima **enunciado** a *discurso*, distinguindo-o de *texto*: “En distinguant *énoncé* et *texte*, je souligne deux approches des problèmes textuels et deux axes de théorisation (...). **Un énoncé - «texte» au sens d’objet matériel oral ou écrit, d’objet empirique -, observable et descriptible, n’est pas le texte, objet abstrait** construit par définition et qui doit être pensé dans le cadre d’une théorie (explicative) de sa structure compositionnelle. Cette définition du TEXTE comme objet abstrait, opposé au DISCOURS, est assez unanimement admise aujourd’hui.” (Adam, 2000 :15) [negritos nossos].

A designação de enunciado é utilizada de forma muito polissémica em ciências da linguagem, de forma que tanto pode designar o produto do acto da enunciação, como pode ser considerado como uma sequência verbal de tamanho variável (apud, Maingueneau, “Énoncé”, in Charaudeau e Maingueneau (eds), 2002, pp. 221-223). Preferimos a primeira acepção de enunciado ancorada na Teoria da Enunciação de E. Benveniste (1974), posteriormente desenvolvida por O.Ducrot (1984), enquanto produto do acto de enunciação, independentemente do seu tamanho, que pode estar aquém ou além da unidade sintáctica constituída pela frase.

²¹ É o próprio autor que remete para esta ascendência teórica (cfr. Adam, 1992: 107).

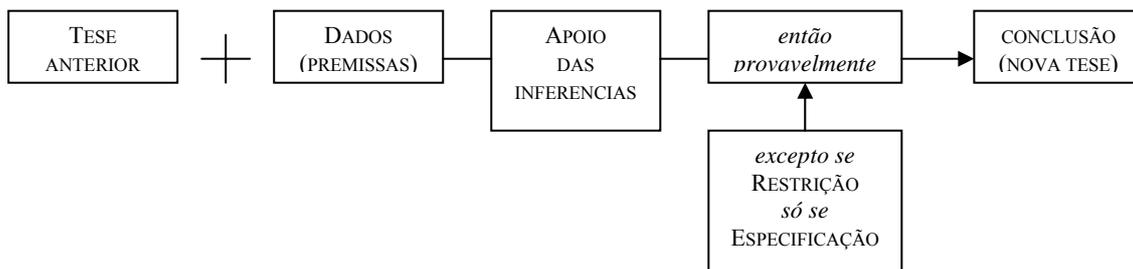


Figura 1: Esquema da sequência argumentativa prototípica segundo J. M. Adam (1992: 118).

Adam mostra na mesma obra como a sequência argumentativa pode estar ao serviço de uma sequência narrativa dominante, resultado da heterogeneidade composicional dos enunciados. No caso do debate televisivo, parece-nos, porém, que a sequência dominante é sempre a argumentativa, embora encaixada dentro da estrutura dialogal que caracteriza o próprio debate a nível formal e externo. Além disso, a intersecção entre as sequências dialogal e argumentativa está patente no *princípio dialógico*²² subjacente a todo o discurso argumentativo, na medida em que este se faz sempre como contra-discurso em relação a um destinatário real ou virtual:

“un discours argumentatif [...] se place toujours par rapport à un contre-discours effectif ou virtuel. [...] Défendre une thèse ou une conclusion revient toujours à la défendre contre d’autres thèses ou conclusions”(Moeshler, 1985: 47, *apud* Adam, 1992: 118).

No capítulo III, veremos como o debate televisivo é um espaço privilegiado de irrupção da argumentatividade intrínseca da língua e como se institui como um género que privilegia sequências argumentativas.

1.2. O debate televisivo como subtipo de interação conversacional

“Le débat représente aujourd’hui avec sa variante du face-à-face télévisé la version moderne du tournoi chevaleresque où tous les coups ne sont pas permis en raison d’un code de courtoisie.” (Vion, 1992 :126)

“L’une des raisons qui fait que la linguistique ignore les formes d’énoncés tient à **l’extrême hétérogénéité de leur structure compositionnelle** et aux particularités de leur volume (la longueur du discours) – qui va de la réplique monolématique au roman en plusieurs tomes.” (Bakhtine, 1984 : 288) [negrito nosso].

²² Cfr. expressão de Adam, 1992: 117-118.

A intrínseca “*heterogeneidade composicional dos enunciados*” de que fala Mikhaïl Bakhtine (1984:288) está na base da dificuldade que nos surgiu para a definição de debate televisivo. O uso lexicográfico da língua já atestou a sua existência enquanto unidade distinta de outras, mas em *Linguística do Uso/ Funcionamento da Língua*²³ a sua caracterização começa pela questão da pertença a um género ou um tipo de discurso.

Maria Aldina Marques (2003: 190-193) apresenta uma síntese das noções que têm estado associadas aos termos *tipo* e *género* em análise do discurso²⁴. A noção de *género* tem larga tradição na história da literatura, mas é Bakhtine/ Volochinov que primeiro faz referência a uma *matriz de géneros*, um “pressentimento” que cada um possui durante a interacção verbal que permite desde o início perceber o género do discurso em causa. Assim, *género* tem sido erradamente apresentado como uma classificação externa, estando os critérios da sua definição relacionados com a situação discursiva (modo de transmissão, interlocutores, contexto linguístico-social e intertextual e intenção do falante). Por outro lado *tipo* tem estado ligado a uma classificação interna, a partir da arquitectura interna do discurso. Progressivamente os *géneros* foram preteridos em relação aos tipos, alegando-se a exterioridade do género em relação ao texto. Inúmeras são as propostas tipológicas para os discursos e a flutuação entre género e tipo tem sido verificada pelo mesmo autor em momentos diferentes da sua carreira (Adam (1992, 1996), por exemplo, fala de tipos, falando mais tarde (Adam, 1998) de “*géneros epistolares*”). C. Fuentes Rodrigues (2000) apresenta também o estado da questão sobre as principais propostas tipológicas em análise do discurso, onde se pode verificar a diversidade de tipologias existente a par da flutuação de terminologias entre tipos e géneros.

Apesar de o debate televisivo ser uma dimensão tida em consideração para as Ciências da Comunicação²⁵, é porém, no domínio da Análise do Discurso e especialmente no campo da

²³ Expressão de J. Fonseca (1994:13). O autor opõe dois paradigmas: a **Linguística do Uso/Funcionamento da Língua** (actualizada pelas recentes orientações em Pragmática e Análise do Discurso, centradas sobre o uso da língua real) vs a **Linguística do Sistema** (consubstanciada pelas correntes estruturalistas e generativistas, mais centradas no funcionamento teórico das línguas, na criação de modelos nem sempre coincidentes com a *performance* real das línguas).

²⁴ Sobre a flutuação dos conceitos de tipo e género ver também a perspectiva de Coutinho (2003) resumida no rodapé 13.

²⁵ Para as Ciências da Comunicação, o debate televisivo não parece ser considerado como um *género* ou *tipo* suficientemente autónomo que mereça tratamento especial, uma vez que a partir da investigação que fizemos, este assunto nunca surgiu sequer inventariado como tópico de estudo nos programas de disciplinas de Jornalismo ou de Ciências da Comunicação nem mesmo na literatura da especialidade.

Realizámos uma pesquisa, na Internet, pelo mundo lusófono, em busca dos *curricula* dos cursos de graduação e pós-graduação em Ciências da Comunicação, Jornalismo e Comunicação Social em universidades portuguesas e brasileiras. Desta análise seleccionámos quatro universidades portuguesas (Escola Superior de Jornalismo do Porto, Universidade Nova de Lisboa [UNL], Universidade Lusófona e Universidade Autónoma de Lisboa [UAL]) e quatro universidades brasileiras (Universidade Federal de Santa Catarina [UFSC], Universidade Federal do Rio Grande do Sul [UFRGS], Universidade de Brasília e a Univercidade no Rio de Janeiro). Da análise atenta dos

Análise Conversacional que se encontram os estudos mais relevantes para a definição do debate televisivo. É igualmente no mesmo campo de estudos que é possível encontrar uma correlação entre o género *debate* e os estudos em argumentação.

Entre os principais estudos acerca do estatuto teórico do debate em Pragmática e Análise do Discurso, salientam-se os de Catherine Kerbrat-Orecchioni (1990) e os de Robert Vion (1992, 2000)²⁶. Serviu de base ao nosso trabalho a aplicação prática desses estudos levada a cabo por Marianne Doury (1995).

Catherine Kerbrat-Orecchioni (1990) na sua investigação sobre as interacções verbais considera e caracteriza o *debate* como um tipo de interacção verbal²⁷ oral, ao lado da *conversação*, da *discussão*, do “*entretien*” e da *entrevista*.

Orecchioni define **interacção verbal** enquanto troca comunicativa entre dois participantes que exercem influências recíprocas uns sobre os outros:

“tout au long du déroulement d’un échange communicatif quelconque, les différents participants, que l’on dira donc des «*interactants*», exercent les uns sur les autres un réseau d’*influences mutuelles* – parler, c’est échanger, et c’est changer en échangeant.” (Kerbrat-Orecchioni, C. 1990: 17).

Estes “interactantes” realizam um conjunto de acções/ sinais verbais e para-verbais (prosódicos, cinésicos e proxémicos) que funcionam como “validação interlocutória”, ou seja, que atestam o seu envolvimento mútuo na troca comunicativa e asseguram a sua gestão:

“Pour qu’il y ait échange communicatif, il ne suffit pas que deux locuteurs (ou plus) parlent alternativement; encore faut-il qu’ils se parlent, c’est-à-dire qu’ils soient tous deux «engagés»

planos curriculares e dos conteúdos das cadeiras que compunham os cursos (muito embora a maior parte das universidades não apresente a descrição detalhada dos programas), foi possível concluir que o género “debate” nunca surge na descrição dos programas e que a palavra “argumentação” surge apenas nos conteúdos das disciplinas de *Comunicação em Língua Portuguesa* e de *Redacção Publicitária I, II, III e IV* dos cursos de Jornalismo da UFRGS, na disciplina de *Redacção IV* da UFSC e na disciplina de Retórica e Jornalismo do curso de mestrado da UNL. Apenas a UAL possui uma disciplina semestral designada objectivamente por *Teoria da Argumentação*, no 4º ano do curso de Ciências da Comunicação (cf. Anexo Z). Mesmo a questão da argumentação per se é um assunto tratado ainda segundo a retórica tradicional, e por conseguinte com pouco desenvolvimento pragmático.

²⁶ É também interessante a concepção de debate televisivo desenvolvida por P.Charadeau e R. Ghiglione (1997: 55-68), retomada em Ana Paula Pires (2002). A. P. Pires destaca da teoria de Charadeau e Ghiglione a dimensão de «dupla encenação: verbal e visual» inerente ao debate televisivo, sendo a **encenação verbal** a que mais interessa à autora “com a certeza de que lhe estão associadas estratégias que se aproximam muito dos pressupostos inerentes à teoria da argumentação (...)” (Pires, 2002: 12). Dentro deste quadro teórico, a autora destaca como objectivos e fins subjacentes à “encenação verbal”: 1) a **posse da palavra**, desencadeando apropriações indevidas da palavra, intrusões frequentes e tentativas de manutenção da palavra; 2) **influência**, através da qual os participantes no debate determinam entre si relações de conflito, coligação, aliança ou rejeição; 3) **verdade**, através da qual “os participantes são obrigados a posicionar-se em relação ao que pensam ser verdadeiro ou falso, a tomar partido, a impor mesmo o seu modelo de pensamento, os seus valores, as suas opiniões (Pires, 2002: 11).

²⁷ A autora refere ainda que existem outros tipos de interacção com carácter mais institucional (1990:120-121), como a comunicação na sala de aula, em meio médico, no tribunal ou em relações de serviço, para cujo estudo propõe bibliografia, não os desenvolvendo contudo nesta obra.

dans l'échange, et qu'ils produisent des signes de cet engagement mutuel, en recourant à divers procédés de validation interlocutoire (...)" (Kerbrat-Orecchioni, C. 1990: 18).

Numa nota, Orecchioni explica que lhe interessam as *interacções orais*²⁸ pelo seu carácter imediato e produzido em presença (embora note a existência de formas dialogadas em produções escritas) e autênticas, por oposição aos diálogos fabricados pertencentes a universos ficcionais (1990: 124).

Ainda segundo Orecchioni, enquanto interacção específica, o debate é, portanto, uma *discussão*²⁹ em que se verifica um confronto de opiniões, mas que possui um carácter mais organizado, desenrolando-se dentro de um quadro "pré-fixado", ou seja, o seu *quadro comunicativo*³⁰ e algumas coordenadas são pré-determinados. A presença de um *moderador* e de um *público* completam o *quadro participativo*³¹ e contribuem para a especificidade do debate dentro da tipologia de interacções verbais proposta pela autora:

"le débat est une discussion **plus organisée**, moins informelle: il s'agit encore d'une confrontation d'opinions à propos d'un objet particulier, mais qui se déroule dans un **cadre « pré-fixé »** (Casetti et al. 1981 :22 sqq) – sont ainsi en partie déterminés la longueur du débat, la durée et l'ordre des interventions, le nombre de participants, et le thème de l'échange. En outre, un débat comporte généralement **un public**, et un « **modérateur** » chargé de veiller à son bon déroulement (et même en leur absence, on peut dire que ce modérateur et ce public sont en quelque sorte intériorisés par les participants). Le débat tient donc à la fois de la discussion (par son **caractère argumentatif**), et de l'interview (par son **caractère médiatique**)." (C. Kerbrat-Orecchioni, 1990 :118) [negritos nossos]

O debate distingue-se também da entrevista em virtude da dissimetria existente entre os papéis interaccionais do entrevistador e do entrevistado³², o que não se pode verificar no

²⁸ Emília Amor (1991: 63-65) apresenta outras características interessantes da *oralidade* (ou "*modo oral*" como a designa) como a dependência contextual, uma menor planificação e controle, a ocorrência de maiores manobras de reforço e correcção, uma maior emergência do sujeito de enunciação no discurso, a comunicação em tempo real em situação de frente a frente e o carácter efêmero do oral. O debate inscreve-se portanto no domínio oral das interacções verbais.

²⁹ Orecchioni define *discussão* como "*cas particulier de conversation*" que tem como especificidade "*comporter une composante argumentative importante: [...] convaincre les uns les autres*" e que a aproxima do debate. A autora destaca ainda a sua dimensão agónica e conflitual (1990: 118).

³⁰ A noção de "*quadro comunicativo*" proposta por Orecchioni, engloba o que a autora designa por "ingredientes do contexto" e que incluem o "enquadramento espacial" (*site*), o enquadramento temporal, a finalidade (*purpose*) e os participantes (o seu número e sua natureza em função das suas características individuais, sociais e psicológicas; em função das suas relações mútuas – grau de conhecimento, tipo de laço social e afectivo) – (1990: 76-81).

³¹ Orecchioni recuperou o conceito de "*participation framework*" de Goffman (1987) traduzindo-o por "*quadro participativo*", designando o número de participantes e o seu estatuto interlocutivo. Os participantes de uma interacção podem ser igualmente locutores e ouvintes potenciais. Orecchioni faz referência à distinção de Goffman entre os *participantes ratificados*, aqueles que estão "véritablement intégrés au groupe conversationnel, et que produisent certains signes de leur engagement dans l'interaction en cours", e os "*bystanders*", aqueles que apenas assistem à interacção verbal mas que estão de fora dela (Orecchioni, 1990:83).

³² Na definição de *entrevista*, Orecchioni refere a dissimetria dos papéis interaccionais do entrevistador, cuja função é a de extrair informação ao entrevistado, que por sua vez tem por tarefa fornecer-lhe informações: "(...) *d'une manière générale, dans l'interview, il est certain que celle-ci se caractérise (à la différence de la*

debate, em que os dois participantes devem ocupar papéis equilibrados e semelhantes, embora significativamente menos controladores quando comparados com o papel do moderador. É igualmente importante ressaltar da definição proposta por Orecchioni o carácter argumentativo e o carácter mediático que o debate partilha respectivamente com a discussão e com a entrevista e que contribuem para a sua heterogeneidade discursiva como se descreve em 1.1. Finalmente, a autora sugere, evocando Casetti (1981), que o debate funciona como um modelo de conversação³³, por ser uma interacção eficaz e disciplinada, exemplo da boa aplicação das regras conversacionais (Orecchioni, 1990:119).

Robert Vion (1992), dois anos após Orecchioni (1990), apresenta uma tipologia com mais tipos de interacções verbais inventariados segundo critérios diferentes³⁴. Como consequência, insere no grupo das *interacções complementares*, a consulta, o inquérito, o *entretien* e a transacção, enquanto que o debate é integrado no âmbito das *interacções simétricas*³⁵, ao lado da conversação, da discussão e da disputa. O debate é analisado evocando permanentes isotopias com o domínio da competição desportiva, do duelo ou do torneio, como sugere a citação em epígrafe e a que se segue, em que também são enunciados os participantes no debate:

“(…) le débat est le lieu de tous les dangers et, apparemment les *deux protagonistes* occupent des places comparables et peuvent également prétendre l’emporter. Il existe même une sorte

conversation et du débat), par une dissymétrie des rôles interactionnels, l’intervieweur ayant pour mission d’extirper par ses questions certaines informations de l’interviewé, lequel a pour tâche de les fournir par ses réponses (...)” (1990 : 119-120).

³³ Orecchioni define **conversação** como o tipo mais prototípico de interacção verbal: “[...]la conversation est unanimement reconnue comme représentant le *prototype* de toute interaction [...]” (Orecchioni, 1990 : 115). Na caracterização deste tipo específico de interacção verbal, Orecchioni identifica algumas propriedades: 1) *carácter imediato*, no tempo e no espaço (proximidade dos participantes, contacto directo, resposta instantânea...); 2) *carácter familiar* (ou não formal), espontâneo, improvisado, descontraído e opõe-se a outras formas que têm as suas componentes fixadas à partida, como número de participantes, temas tratados, duração das intervenções e das réplicas, alternância de vezes; 3) *carácter gratuito e não finalizado*, sem fim instrumental, em que se fala por falar, por prazer, por jogo ou por delicadeza; 4) *carácter igualitário*: os participantes possuem os mesmos direitos e deveres independentemente do estatuto que possuam (crf. Orecchioni, 1990: 114-115).

³⁴ Para Orecchioni, os *critérios* subjacentes à distinção operada entre os *tipos de interacções verbais* são: natureza da situação (quadro espaço temporal), número e natureza dos participantes em relação com o seu estatuto participativo (uma conferência opõe-se ao debate na medida em que este pode comportar um número significativo de participantes igualmente activos, ao contrário da outra), objectivo da interacção (há interacções com propósito de consolar, seduzir, convencer, como a discussão e o debate), grau de formalidade, estilo ou tom (sério vs lúdico; consensual vs conflituoso), duração da interacção ou ritmo e o seu conteúdo (1990: 124-129). Vion apresenta uma tipologia de interacções verbais construída segundo quatro critérios: relações de simetria/ complementaridade, relações de cooperação/ competição, finalidade das interacções e carácter formal/ informal das interacções (1992: 124-129).

³⁵ Vion serve-se dos trabalhos da escola de Palo Alto para especificar a natureza destes dois tipos de interacção: “*Une interaction symétrique se caractérise donc par l’égalité et la minimisation de la différence, tandis qu’une interaction complémentaire se fonde sur la maximisation de la différence.*” (Watzlawick, Beavin & Jackson, 1972 : 66-67, *apud* Vion, 1992 : 124). Assim, nas relações complementares um dos participantes ocupa uma posição superior e o outro inferior (por exemplo, as interacções mãe-filho, médico-paciente, professor-aluno). Nas relações simétricas, verifica-se um comportamento em espelho, em que os participantes possuem estatutos semelhantes.

de code d'honneur qui permet d'apparenter le débat au duel ou au tournoi.” (Vion, 1992 : 138) [negritos nossos]

“C'est l'existence du **public** qui conditionne cette interaction et rend possible la comparaison métaphorique avec le match. Le caractère formel sera accentué par la présence d'**arbitre(s)** pour veiller au bon déroulement du «combat» ” (Vion, 1992 : 139) [negritos nossos]

À semelhança das competições desportivas, também no debate há vencedores e vencidos, embora, como refere o autor, os ganhos sejam simbólicos, não traduzíveis em termos de acção (1992:127). Os ganhos consistem basicamente em ser-se bem sucedido na persuasão ou no convencimento³⁶ do público, elemento não participante mas fundamental na composição do quadro comunicativo do debate, funcionando como objectivo final neste tipo de interacção. Mais uma vez à semelhança dos torneios, o debate tem regras, possui uma espécie de código que consiste em jogar/ cooperar de modo competitivo. Vion destaca também o carácter formal do debate devido à presença de uma entidade a que chama isotopicamente “árbitro”, que vela pelo bom desenrolar do “combate” e que:

“... effectue les rituels d'ouverture, énonce les thèmes et l'ordre dans lequel ils vont être abordés, rappelle les règles, distribue la parole, veille au respect du temps de parole de chacun et peut s'intercaler entre les belligérants.” (Vion, 1992 : 139)

Mais uma vez à semelhança de um combate, Vion chama a atenção para o factor perigo subjacente ao debate, visível na possibilidade de o seu resultado final poder ser decidido em poucos segundos, a lembrar o *knock-out* técnico do combate.

Vion admite, também, que as interacções podem ser unilaterais sendo que a base interaccional decorre do *dialogismo* interno ao texto, distinguindo assim “interacções sem estrutura de *échange*” ou troca verbal (como as produções literárias, jornalísticas, conferências, cartazes) de “interacções com estrutura de *échange*” (como correspondência epistolar, diálogos radiofónicos ou televisivos, relações interpessoais e comunicação entre grupos) - (Vion, 1992: 123-124).

Em síntese, parece-nos importante destacar das propostas conduzidas por Orecchioni e Vion os seguintes aspectos que podem definir o tipo de interacção verbal especializada que é o debate:

³⁶ A controvérsia existente entre *convencer* e *persuadir* é profícua em argumentação. Molinié (1992) defende essa distinção, reivindicando a dimensão retórica da persuasão : “On indique parfois une distinction entre *convaincre* et *persuader*. **La conviction n'est pas propement rhétorique; la persuasion en revanche relève pleinement de la rhétorique** : car elle est entraînée par l'imagination, par les passions, par les figures et par le corps, c'est-à-dire qu'elle met en jeu la volonté.” (Molinié, 1992: 270) [negritos nossos]. Também Barros (1998) faz referência a esta discussão no seu artigo “Convencer ou persuadir: análise de algumas estratégias argumentativas características do texto da Primeyra Partida de Afonso X”.

- a existência de um “quadro participativo” triangular, de que fazem parte pelo menos dois participantes, um moderador e um público
- o papel fundamental do moderador para a regulação e estruturação do debate e das intervenções dos participantes
- os papéis equilibrados, simétricos, equifuncionais dos participantes no debate
- a importância do público em função do qual os participantes constroem a sua argumentação com vista à persuasão (isotopicamente com vista à vitória)
- o carácter pré-fixado e formal a que obedece o debate, em que estão à partida decididos o tema e a duração do debate, a ordem de intervenções, o número de participantes
- a forte componente argumentativa, que funciona como arma verbal
- a sua natureza dialogal assegura-lhe a sua especialização como um tipo de interacção verbal.

1.3. O quadro participativo do debate televisivo

Com base nas propostas teóricas de C. K. Orecchioni e R. Vion, Marianne Doury, com o seu artigo “Duel sur la Cinq: dialogue ou trilogue?”, publicado em *Trilogie* (in, Kerbrat-Orecchioni et al, 1995), faz a análise de um debate televisivo. Neste estudo, Doury introduz desde logo o debate televisivo como um *gênero*³⁷:

“Nous nous proposons d’analyser une interaction relevant du **genre «débat télévisé»** et de définir aussi précisément que possible système d’interlocution qu’elle met en jeu ” (Doury, 1995: 224, in Orecchioni e Plantin, *Le Trilogie*) [negritos nossos]

A autora começa por caracterizar a sua especificidade apontando a sua componente argumentativa e a dimensão dialógica³⁸ inerente à argumentação:

³⁷ Sobre a noção de *gênero*, veja-se, em cima, o segundo parágrafo de 1.2. e também Marques, 2003 (pp. 190-193).

³⁸ Apesar de no seu artigo Doury utilizar o termo dialógico como equivalente a dialogal, o que é frequente na análise das interacções verbais segundo se observa em Charaudeau e Maingueneau (2002), entendemos aqui *dialogismo* enquanto a presença de outros discursos e/ ou do discurso do Outro no enunciado, segundo a proposta original de Bakhtine: “Le dialogisme est cette dimension constitutive qui tient à ce que le discours ne peut pas se réaliser dans un dialogue implicite avec d’autres discours et ceci doublement [...]” (Bakhtine, 1934, 1978:92). Authier-Revuz retoma o conceito e a definição: “Tout discours s’avère constitutivement traversé par les «autres discours» et par le «discours de l’Autre».” (Authier-Revuz, 1982 : 141). Mais tarde o conceito de *dialogismo* conheceu desenvolvimentos com o conceito de *polifonia* de Ducrot, como refere Marques: “O conceito de polifonia decorre deste desenvolvimento da perspectiva sobre a linguagem como lugar de alteridade ou, nas palavras de Bakhtine, de dialogismo [...]” (Marques, 2000: 84).

“Par définition tout débat comporte une *forte composante argumentative*[...]” (1995 :224)

“Il est notamment indispensable de prendre en compte la *dimension fondamentalement dialogique de l’argumentation*. En effect, la plupart des auteurs s’accordent à dire que toute argumentation naît d’un conflit : l’étude d’un discours argumentatif nécessite donc l’analyse simultanée du discours adverse (mieux encore : c’est souvent cette confrontation qui permet d’identifier ces discours comme argumentatifs et non, par exemple, explicatifs ou didactiques).” (1995 :225) [itálicos nossos]

Esta constatação veio contribuir para a nossa opção em considerar o *debate* e em especial o *debate televisivo* como um tipo de interacção verbal bastante adequado ao estudo da argumentação no dialogal³⁹. Por outras palavras, o ambiente agónico e competitivo que está subjacente a este tipo de interacção tem como objectivo final, especificamente no debate televisivo, mais do que convencer, vencer o adversário e assim, com a derrota deste, conseguir a adesão do público de telespectadores que no estúdio e em casa assistem ao programa. É em função do público que os intervenientes no debate constroem a sua imagem pessoal. A dimensão mediática do debate televisivo, a par do seu carácter pré-determinado por um formato específico e por um código de regras de cortesia e de funcionamento, cuja gestão é regulada por um moderador, cria no debate televisivo as condições favoráveis para o desenvolvimento de estratégias argumentativas específicas e especializadas, como se analisará no capítulo IV.

Mas o aspecto mais importante para a caracterização do debate televisivo é a composição do seu “quadro participativo”⁴⁰, na designação de Orecchioni (1990: 83). Doury resume que o debate põe em jogo quatro “entidades”: pelo menos dois participantes ou “débateurs” (Doury, 1995:227), um moderador e um público, permitindo-lhe considerar o debate como um tipo de *trilogue*⁴¹, como veremos em seguida.

³⁹ Apesar da frequente oscilação terminológica indiferenciando *dialogal* e *dialógico*, entendemos o adjectivo *dialogal* como derivado de *diálogo*, por oposição a *dialógico* como derivado de *dialogismo* (ver nota anterior), seguindo a proposta de diferenciação proposta por Orecchioni (1990:15). Assim, entendemos *diálogo* segundo a proposta de Orecchioni: “pour qu’on puissent véritablement parler de dialogue, il faut non seulement que se trouvent en présence *deux personnes au moins* qui *parlent à tour de rôle*, et qui témoignent par leur comportement non verbal de *leur «engagement»* dans la conversation, mais aussi que *leurs énoncés respectifs soient mutuellement déterminés* [...]” (Orecchioni, 1990:197) [itálicos nossos]. Quanto ao número de locutores envolvidos na interacção, usaremos o termo *diálogo* com um sentido amplo, para designar um tipo de interacção verbal não obrigatoriamente diádica mas alargada a um número indeterminado de locutores.

⁴⁰ Ver nota de rodapé 31 e capítulo II (2.3.2.4).

⁴¹ Na sequência da proposta de Orecchioni de definição alargada de diálogo, surgiram os neologismos *dílogo*, *trílogo* e *polígolo* (“dílogue”, “trilogue” e “polylogue”, in Orecchioni e Plantin orgs., 1995) em função do número de locutores envolvidos na interacção verbal. O “trilogue” é então uma forma particular de diálogo onde intervêm três locutores.

1.3.1. O moderador

O moderador, pelo seu papel fundamental dentro do quadro participativo, é alvo de destaque especial por Orecchioni (1990:84). O moderador é assim um tipo de participante particular, encarregado de gerir a organização das tomadas de vez nos debates mediáticos ou nos colóquios, podendo ocasionalmente assumir o papel de participante regular:

“Certains rôles participatifs particuliers sont propres à certains types particuliers d’interactions, comme celui du «modérateur», chargé de gérer l’organisation des tours de parole dans les débats médiatiques, ou les colloques (...)” (Kerbrat-Orecchioni, 1990 : 84)

Portanto, o “actor” mais importante presente no debate televisivo é o moderador⁴², “instance régulatrice extérieure” (M. Doury, 1995:231), a quem são atribuídas as seguintes responsabilidades:

- a condução e o bom desenrolar do tema do debate,
- a referência às regras de emissão do programa
- a alternância de vez e gestão dos tempos concedidos aos participantes,
- a concessão ou retirada da palavra,
- a suavização dos ânimos sempre que estes se alterem (“*qui maintienne la polémique dans certains limites (...), empêche que l’interaction ne dégénère en pugilat*”, Doury, 1995 : 231)
- o ajuste entre os conhecimentos dos participantes e do público, no sentido de tornar acessível o conteúdo do debate ao maior número de telespectadores
- a defesa dos interesses informativos do público não presente (“*fasse en sorte que l’intérêt du tiers absent soit respecté*”, Doury, 1995 : 231)

Apesar de o moderador dispor de menos tempo de posse da palavra, Doury conclui que o seu papel dominante⁴³ se reflecte na produção exclusiva das sequências de abertura e conclusão do debate, na exclusividade (teórica) da formulação das perguntas (é ele quem põe as questões aos convidados que têm que responder), no reconhecimento da sua autoridade pelos participantes porque:

⁴² Doury designa sempre o moderador por “animateur”. No presente trabalho, utilizamos a designação de *moderador* proposta por Orecchioni (1990: 84) .

⁴³ Pierre Bourdieu chama a atenção, também, para o enorme poder detido pelo moderador (apresentador) ao assumir-se como “porta-voz do público”: «Outra estratégia do apresentador: manipula a urgência; serve-se do tempo, da urgência, do relógio, para cortar a palavra, para apressar, para interromper. E aqui dispõe de outro recurso, como todos os apresentadores, que é o de se assumir como porta-voz do público (...)» (Bourdieu, (1996) 1997 : 30)

“c’est lui le «maître du jeu», le dépositaire des règles générales qui régissent les débats télévisés [...]” (Doury, 1995: 246)

Esta função de porta-voz do público é visível, como observa Doury (1995: 246-247) nas sequências em que o moderador exige uma reformulação dos conteúdos com objectivo de ajustar os conhecimentos do público e dos participantes, ou nas sequências em que o moderador faz uma síntese avaliativa ou judicativa sobre os conteúdos enunciados pelos participantes ou sobre o próprio curso do debate.

Apesar da esperada e estereotipada imagem de imparcialidade⁴⁴ por parte do moderador, o enorme poder que detém no quadro participativo do debate e a sua condição de *Locutor Ser do Mundo* reflectem-se no uso que faz da palavra, poucas vezes neutral⁴⁵, frequentemente carregada de subjectividade⁴⁶.

1.3.2. Os participantes no debate ou “débatteurs”

Kerbrat-Orecchioni não se refere em particular ao estatuto dos “débatteurs”, mas define o conceito de participante como uma entidade verdadeiramente integrada num grupo conversacional e que por isso manifesta sinais do seu envolvimento na interacção em curso (Orecchioni, 1990:83). Refere ainda a rotatividade de papéis de “locutor” e de “ouvinte” que cada participante experimenta, típicos da conversação:

⁴⁴ Doury, no seu estudo, inscreve moderador do *Duel sur la Cinq* dentro de um estereótipo “conforme à ideologia da neutralidade”, na sua expressão: “sa fonction d’animateur veut qu’il s’efface au maximum” (Doury, 1995: 231). Doury refere no entanto que existe outra imagem de moderador que é cultivada por outros programas, o moderador que cultiva a insolência, a irreverência (Doury, 1995: 232).

⁴⁵ A falta de neutralidade ou a subjectividade intrínseca que percorre os discursos é visível em enunciados como o seguinte, em que a moderadora não consegue evitar a ironia (sobre este assunto, crf. 2.3.2.4):

RR: [...]as autarquias não são uma ilha na administração pública portuguesa (,)(‘) fazem parte de um todo XXX

FCF: **eu diria que são um grande arquipélago** (..)(‘)(!)

RR: de uma cultura e de uma mentalidade e portanto [...] {T24, 0:00-0:07}

⁴⁶ O interesse pela *subjectividade* na língua deve-se sobretudo ao trabalho de E. Benveniste (1966) e à continuação desse trabalho levada a cabo por K.-Orecchioni (1980, 1999). Benveniste entende a subjectividade na língua como “la capacité du locuteur à se poser comme sujet”, ou seja, as marcas de inscrição do sujeito no seu enunciado, e “c’est dans le langage qu’il faut chercher les fondements de cette aptitude” (Benveniste, 1966: 259-260). Assim, a noção de subjectividade está muito associada à noção de *deixis* pessoal (*vide nota de rodapé 48*), uma vez que é através desses dispositivos de ancoragem do sujeito no discurso que se manifesta a subjectividade. Simultaneamente, não existe subjectividade sem *intersubjectividade*, na medida em que sempre que um sujeito enuncia “EU” pressupõe um alocutário “TU”. Na mesma linha e concluindo que a subjectividade está por toda a parte na língua, Orecchioni (1980, 1999) alarga o trabalho de Benveniste no que concerne ao inventário dos marcadores da subjectividade no discurso e mostra como para além dos deícticos, existem outros indícios da subjectividade, expressa por termos afectivos, avaliativos, modalisadores e ainda escolhas de denominação, selecção e hierarquização da informação.

“Ainsi toute conversation met-elle en présence des participants qui ont également le statut de locuteurs et d’auditeurs potentiels ; mais c’est l’un d’entre eux seulement qui va en un temps T occuper la position émettrice.” (Orecchioni, 1990:84). [itálicos nossos]

Ao tomar a palavra, cada participante institui-se como locutor convocando vozes ou enunciadores que usa estrategicamente para a construção do seu *ethos* ou imagem pessoal. Desta forma, o locutor constrói o seu “quadro de locução”. Mas ao instituir-se como locutor institui também perante si alocutários ou um “quadro de alocução”, na expressão de Marques (2000:243). As vozes de cada participante do debate estilham-se em outras vozes que contribuem para a imagem linguística que cada participante constrói de si.

1.3.2.1. O Quadro da Locução

Kerbrat-Orecchioni (1999:25-27) analisa as instâncias do “emissor” e do “receptor” à luz da teoria da enunciação⁴⁷. Para a autora, trata-se de instâncias demasiado complexas, que se multiplicam em diversas vozes de locução e alocução. O pólo da locução, enquanto coordenada fundamental do “dispositivo formal da enunciação”, na expressão de E. Benveniste (1970), é assegurado, na superfície discursiva, pela deixis⁴⁸ pessoal da primeira

⁴⁷ Orecchioni (1990) baseia o seu trabalho no conceito de **enunciação** tal como ele foi definido primeiramente por Émile Benveniste (1970) e mais tarde por Anscombre e Ducrot (1970, 1976). Benveniste define assim enunciação: “L’*énonciation* est cette mise en fonctionnement de la langue par un acte individuel d’utilisation.” (Benveniste, 1970:12). Com a descrição do aparelho formal da enunciação, Benveniste assinala o regresso do Homem à linguagem, ao contrário do que fazia R. Jakobson (1963: 214) com o seu esquema da comunicação que colocava emissor e receptor fora da língua (o código, no seu esquema), da qual eram apenas utentes. Orecchioni retoma ainda duas ideias de Anscombre e Ducrot : 1) “L’*énonciation* sera pour nous l’activité langagière exercée par celui qui parle au moment où il parle.” (Anscombre e Ducrot, 1970 :12) e 2) “[L’*énonciation*] est donc par essence historique, événementielle, et, comme telle, ne se reproduit jamais deux fois identique à elle même.” (Anscombre e Ducrot, 1976 :3). O conceito de enunciação é central em Análise do Discurso sendo, como afirma Marques (2000:69), “captado nas marcas que deixa na superfície textual”, ou seja, nas marcas linguísticas que assinalam as coordenadas do EU/TU – AQUI – AGORA. Desta forma, a alteridade, resultante da inscrição do eixo EU-TU na linguagem, “integra em si a natureza interaccional da linguagem” (Marques, 2000: 70), de que pode ser exemplo o debate televisivo. É também de considerar R. Vion (1992:202): “L’*énonciation* [est] l’inscription des sujets dans leurs productions.”

⁴⁸ O conceito de **deixis** anda intimamente ligado ao conceito de enunciação, na medida em que é o dispositivo linguístico responsável pela inscrição dos sujeitos nas suas produções discursivas. Como todos os conceitos em Pragmática e Análise do Discurso, a deixis e os seus actualizadores linguísticos, os deícticos, reúnem já uma ampla lista de definições e de propostas terminológicas (“shifters”, “embrayeurs”, etc), consoante os autores. Orecchioni (1999 : 41) faz uma revisão do estatuto dos deícticos segundo vários autores e apresenta a seguinte proposta de definição: 1) “ (...) ce sont les unités linguistiques dont le fonctionnement sémantico-référentiel (...) implique une prise en considération de certains des éléments constitutifs de la situation de communication, à savoir,

- le rôle que tiennent dans le procès d’*énonciation* les actants de l’*énoncé*,
- la situation spacio-temporelle du locuteur, et éventuellement de l’*allocutaire*.”

“ (...) ce qui varie avec la situation c’est le référent d’une unité déictique, et non pas son sens, lequel reste constant d’un emploi à l’autre : le pronom ‘je’ fournit toujours la même information, à savoir la personne à laquelle renvoi le signifiant, c’est le sujet d’*énonciation*.” Para um estudo mais aprofundado sobre a deixis, veja-se F. Irene Fonseca (1992). Ganha especial importância a dimensão da deixis pessoal (vide K. Orecchioni, 1999: 39-

pessoa, que se organiza em torno dos pronomes pessoais EU/NÓS, embora, obviamente, não se restrinja a estes, como nota M. A. Marques (2000:175-176):

“Uma taxonomia dos pronomes que realizam a referência pessoal assenta, basicamente, no subsistema dos **pronomes pessoais**, mas não se limita a estes. É, pois, necessário incluir todas as formas de pronomes pessoais (não apenas as formas de nominativo) e também os **possessivos**, os **demonstrativos** e mesmo os **indefinidos**. [...] A par dos pronomes [...] a marcação linguística das “pessoas” - a sua nomeação - pode ser feita por **mecanismos morfológicos de flexão verbal**, ou ainda, por construções léxico-gramaticais [...]” (M. A. Marques, 2000: 175-176) [negritos nossos]

Considerando a distinção entre locutor – ser do mundo (λ) e locutor – responsável pelo enunciado (L)⁴⁹, operada por O. Ducrot no quadro da Teoria Polifónica, a definição do locutor torna-se mais complexa sobretudo pela dificuldade de identificação do seu referente, como observa M.A.Marques (2000:176). No seu estudo sobre o funcionamento do debate político parlamentar, M.A.Marques (2000, Capítulo 4) mostra como as várias ocorrências dos pronomes EU e NÓS estabelecem na realidade uma rede de referências muito complexa (que pode ser Nós = *interlocutores colectivos*, Nós = *vox populi*, multiplicando-se em outras vozes). De qualquer modo, é este jogo polifónico entre a voz do locutor ser do mundo e a voz do locutor da enunciação que funciona como uma das estratégias de construção da imagem pessoal por parte do locutor empírico.

Por isso, a manipulação que o locutor faz da deixis pessoal é determinante tornando-o no principal responsável pela construção não só da sua imagem pessoal como também da imagem do alocutário:

“A imagem do locutor e do(s) alocutário(s) emerge, em larga medida, do uso consistente que o locutor faz dos pronomes e de outros dispositivos linguísticos de referência pessoal.” (Marques, 2000: 174)

63) e da deixis social (Fillmore, 1975 e D. Maingueneau, 1991) para a caracterização do quadro da locução e da alocação no debate televisivo.

⁴⁹ Ainda no enquadramento da **Teoria Polifónica** de Ducrot, entendemos os conceitos de Locutor e Alocutário como entidades simétricas, colocadas num primeiro plano da enunciação. O **Locutor (L)** é o responsável pelo enunciado que produz “*un être qui, dans le sens même de l'énoncé, est présenté comme son responsable*” (1984 :193) e distingue-se do sujeito falante ou ser do mundo (λ) tal como o narrador se distingue do autor em Narratologia: “[le locuteur] parle au sens où le narrateur raconte” (1982: 74, 76). O **Alocutário** é a instância a quem o Locutor dirige o enunciado (“l'être à qui les paroles sont dites” [Ducrot, 1980: 43]. Distingue-se também do Ouvinte empírico, à semelhança da diferença operada entre Autor/ Locutor. No entanto, e como observa A. Marques (que faz uma apresentação exhaustiva sobre as vozes envolvidas na teoria polifónica de Ducrot [Marques, 2000, cap. 2]), “[...] o alocutário é, nos desenvolvimentos teóricos de Ducrot, uma entidade linguística muito mais indefinida, menos abordada e discutida nas suas funções e relações” (Marques, 2000: 97).

1.3.2.2 O Quadro da Alocução

Partindo da proposta de Erving Goffman (1981), Kerbrat-Orecchioni (1999:26-29) apresenta um esquema sobre o estatuto participativo do receptor⁵⁰ na interacção verbal. Interessar-nos-á destacar os aspectos desse formato da recepção que são pertinentes para a caracterização do debate televisivo e que, de resto, foram tidos em consideração na análise sobre o “Duel sur la Cinq”, realizado por M. Doury (1995). Segue-se assim o esquema proposto por Kerbrat-Orecchioni:

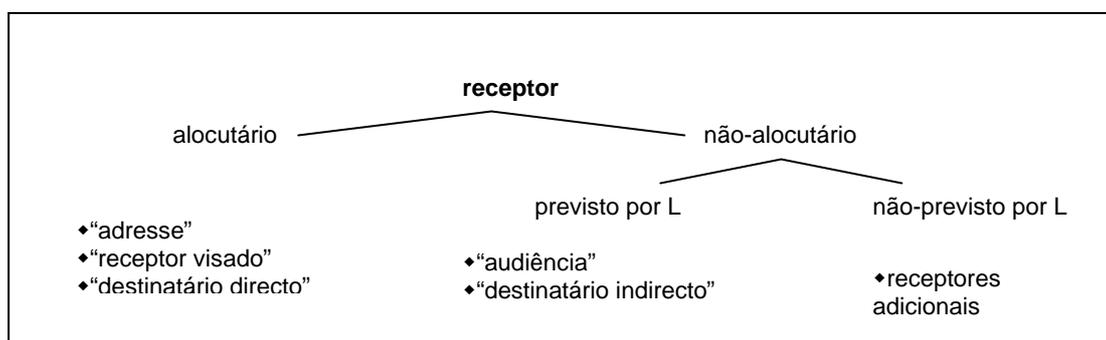


Figura 2: Esquema do formato da recepção apresentado por C. K. Orecchioni (1999) [tradução nossa].

Orecchioni considera assim dois tipos de receptores:

- o **alocutário** propriamente dito, que se define pelo facto de ser explicitamente considerado pelo emissor L (através do uso da deixis pessoal da segunda pessoa e/ou pela direcção do olhar) como parceiro na relação de alocução e que é parcialmente determinado pela imagem que o locutor constrói de si mesmo; é também o destinatário directo, e pode ser singular ou plural, nominal ou anónimo, real ou fictivo. No caso concreto do debate televisivo, estes destinatários são frequentemente plurais, nominais e reais, sendo constituídos pelos intervenientes no debate e pelo moderador.

⁵⁰ O esquema do estatuto participativo do receptor apresentado por Orecchioni em 1999 (in, *L'Énonciation*) é uma reelaboração depurada do mesmo esquema baseado na proposta de E. Goffman (1981) que Orecchioni desenvolveu em 1990 (86-99), em *Les Interactions Verbales* (Tomo I). Apesar de termos tido os dois esquemas em consideração, focalizámo-nos no mais recente, por nos parecer ter simplificado a questão do destinatário indirecto, que no primeiro esquema flutuava entre os “ratified participants” e os “bystanders” e que no esquema de 1999 se fixa dentro dos “bystanders” ou “não-alocutários”.

- ♦ o *não-alocutário*, que pode ser:
 - previsto pelo locutor, constituindo-se um *destinatário indirecto*, normalmente presente fisicamente na situação comunicativa do debate televisivo e podendo inclusive ter possibilidade de resposta (em debates onde por exemplo possa haver participações do público presente ou dos telespectadores sob a forma de chamada telefónica para o programa). Dentro do quadro participativo do debate televisivo, este tipo de receptor é identificado com a audiência presente e com os telespectadores em casa, na medida em que ambos os tipos de público são previstos pelos locutores. Mas pode também existir um destinatário indirecto dentro do grupo dos alocutários oficialmente instituídos⁵¹, em debates com um quadro participativo mais complexo (como o debate que serve de corpus a esta dissertação, como veremos no Capítulo II). Nestes casos, a sua referência no discurso dos locutores pode ser feita através do que Orecchioni (1990:92) designa por *tropo comunicacional*⁵², ou seja, um artifício enunciativo através do qual o destinatário directamente convocado pelos indícios de alocação é afinal um destinatário secundário, sendo afinal o destinatário indirecto o alvo privilegiado.
 - não previsto pelo locutor, constituindo receptores adicionais, espécie de “*intrusos indiscretos, de espões ilegais*” (Orecchioni, 1990:86), como as pessoas que escutam por casualidade uma conversa através da porta e que interseptom uma mensagem do locutor que não lhes é destinada. No caso do debate televisivo, este receptor pode ser, por exemplo, o analista do discurso ou um telespectador estrangeiro que por engano sintonize a estação televisiva portuguesa que difunde um debate sobre a situação política, económica e social do país (como é o caso do debate que serve de corpus a este trabalho).

⁵¹ Na linha do que E.Goffman (1981) entende por “ratified participants”, divididos entre destinatários directos e indirectos (apud Orecchioni, 1990:86).

⁵² Orecchioni define assim o **tropo comunicacional**: “Il y a «troppe communicationnel» chaque fois que s’opère, [...] un renversement de la hiérarchie normale des destinataires ; c’est-à-dire chaque fois que le destinataire qui en vertu des indices d’allocation fait en principe figure de destinataire direct, ne constitue en fait qu’un destinataire secondaire, cependant que le véritable allocutaire, c’est en réalité celui qui a en apparence statut de destinataire indirect [...]” (K.Orecchioni, 1990 :92).

K.Orecchioni (1990:90) defende que sendo a configuração do formato da recepção muitas vezes instável, se deve falar em *hierarquia de destinatários* em lugar de tentar decidir rigidamente sobre o estatuto directo ou indirecto de um alocutário:

“Cette «instabilité structurale» (Goffman, 1981:35) concerne aussi bien: [...] qu’à l’intérieur de la catégorie des participants, la distinction entre destinataires directs et indirects : **la description doit souvent renoncer à cette dichotomie, et lui préférer l’idée d’une hiérarchie de destinataires** [...], c’est-à-dire que, sans être pour autant «unaddressed», un destinataire peut l’être de façon **secondaire**, par rapport au(x) destinataire(s) **privilegié(s)** a qui s’adresse surtout le parleur [...]” (K.Orecchioni, 1990 : 90). [negritos nossos]

No debate televisivo, M. Doury mostra que cada “débateur” estabelece uma rede de destinatários organizados hierarquicamente e a quem se dirige num jogo de implícitos/explicitos, directa e indirectamente. Doury (1995:229) identifica três tipos de alocutários (ou *destinatários*⁵³ na sua expressão):

- 1) o seu **adversário** “qui constitue son alter ego” na medida em que possui o mesmo direito à palavra que ele próprio e a quem se dirige directamente;
- 2) o “*animador*” ou **moderador**, colocado no mesmo plano que o **público** que está no estúdio, embora nós consideremos este público no mesmo plano que os telespectadores;
- 3) o conjunto de **telespectadores** que Doury considera como “véritables destinataires de l’argumentation”.

O sistema de convocatória dos diferentes destinatários faz-se através de operadores linguísticos bem conhecidos (sendo o principal a marca de segunda pessoa), embora muitas vezes se crie o designado “*tropo comunicacional*”, como já foi referido.

⁵³ Doury parece utilizar *receptor* como sinónimo de *destinatário*. Entendemos aqui a o conceito de *receptor* como entidade nascida na teoria da informação e que era a pessoa que recebia e descodificava a mensagem. Apesar de ter sido substituído pela designação de “destinatário” no esquema proposto por Jakobson (1960), o receptor era percebido como entidade exterior ao processo da enunciação, como nota Charaudeau na sua definição de receptor: “[R. Jakobson] [...]ne semble prendre en compte le destinataire que dans la mesure où l’une l’une des fonctions du langage (la conative) y renvoie, mais on ne sait s’il s’agit d’un destinataire interne au processus d’énonciation ou d’un récepteur externe à celui-ci.” (Charadeau, 2002:482) [itálicos nossos]. Orecchioni (1999:26) propôs, sob a designação geral de receptor, a distinção de três tipos de alocutários (directos, indirectos e adicionais - não previstos) e não distingue alocutário de destinatário (“Le destinataire propement dit, ou allocutaire [...], se définit par le fait qu’il est explicitement considérée par l’émetteur L [...] comme son partenaire dans la relation d’allocution, et que partant les opérations d’encodage sont partiellement déterminées par l’image que L s’en construit.” Orecchioni, 1999 :26). Neste enquadramento teórico, o destinatário é o sujeito empírico simétrico ao emissor.

Entendemos aqui o conceito de *destinatário* no enquadramento da Teoria Polifónica de Ducrot (1980, 1982, 1984), que o coloca num segundo nível da polifonia, como entidade simétrica ao *enunciador* (entidades “[...] *donées comme responsables de tel ou tel acte de langage*”[Ducrot, 1982: 76]), a quem o locutor imagina que se dirige. Ducrot (1980: 39) mostra que no enunciado “A ordem será mantida custe o que custar” proferido pelo Ministro do Interior (=Locutor) se dirige a um alocutário colectivo constituído pelos cidadãos franceses, prevendo também dois destinatários: os bons cidadãos, a quem faz a promessa e os maus cidadãos, a quem dirige a ameaça.

Doury observa também que a instauração e hierarquização dos alocutários/ destinatários pode decorrer de uma análise do direccionamento dos olhares do locutor, o que por si só poderá bastar para convocar um alocutário:

“Enfin, une étude des regards peut également donner des indications sur la hierarchie des destinataires, puisque, toujours selon Goodwin, *a speaker can use gaze to indicate that the party being gazed at is an addressee of his utterance* (1981:9)” (Doury, 1995:230).

Contudo, a autora lembra que apesar do que afirma, o olhar desempenha também outras funções numa interacção e que pode não constituir um critério unívoco de identificação do destinatário principal (Doury, 1995: 231). Na verdade, o desejável seria que o analista do discurso dispusesse do conjunto total de indicadores verbais e não verbais (orientação do corpo, direcção do olhar, modulação prosódica da voz) para a determinação mais precisa da hierarquia de receptores, uma vez que a informação verbal por si só é sempre parcelar em relação ao que efectivamente se passa em alguns tipos de discurso, como por exemplo num debate mediatizado. No entanto, as dimensões não verbais do debate não serão consideradas no nosso estudo neste momento, na certeza de que é um aspecto que deve ser considerado em futuros desenvolvimentos deste tema.

Para a caracterização do receptor, importa ainda considerar a relação sócio-afectiva que este estabelece com o locutor, traduzida em termos de grau de aproximação vs distância, uma vez que esta informa acerca da hierarquia social e das relações de coligação ou oposição estabelecidas entre os participantes no debate:

“Dans la définition du récepteur, il convient enfin de faire intervenir la *relation socio-affective* qu’il entretient avec le locuteur. Cette relation se définit elle-même à partir de différents paramètres (degré d’intimité qui existe entre les deux partenaires de l’échange verbal, nature des rapports hiérarchiques qui éventuellement les séparent, et du contrat social qui les lie) mais elle se ramènerait, selon Perret (1968), à un *archi-axe graduel*
distance/non distance
qui subsumerait à la fois *l’axe de l’intimité et de la domination social* (et qui intervient par exemple, de façon déterminante dans l’utilisation des pronoms «vous» vs «tu»).” (K.Orecchioni, 1999 : 29). [itálicos nossos]

Neste caso, e como observa M.A.Marques (2000:179), deve ser também considerada a “*dimensão sociolinguística do uso dos pronomes pessoais [...], assinalando o estatuto social dos interlocutores*”, como elemento definidor das relações interpessoais que se estabelecem com o alocutário.

Finalmente, a selecção dos participantes num debate deve ser *democrática*:

«A composição do painel é importante porque deve dar a imagem de um equilíbrio democrático...» (Bourdieu, (1996) 1997 :32)

Este condicionamento é ainda mais importante quando se está perante o debate político num estado democrático, em que as principais facções ideológicas devem estar representadas sob pena de se a estação de televisão que acolhe o debate poder transmitir à opinião pública uma imagem de falta de isenção política. Trata-se, porém de uma situação que nem sempre acontece, como observa P. Bourdieu, na medida em que o painel é constituído pelas pessoas que aceitaram vir ao programa, o que nem sempre corresponde à representação mais equilibrada das tendências políticas ou ideológicas:

«... a composição do painel. [...] há pessoas que não se pensa sequer em convidar e pessoas que são convidadas e que recusam. Eis o painel, e o que é percebido esconde o não percebido: não vemos, num percebido que é construído, as condições sociais de construção.» (Bourdieu, (1996) 1997 :32)

1.3.3. O público

O público é possivelmente uma instância menos importante dentro do quadro da alocução (na medida em que é um não alocutário), mas é talvez a mais importante dimensão dentro do quadro participativo, porque é para ele que se orienta a argumentação dos “débatteurs”. O papel central do público na construção da argumentação é também defendido por P. Breton (1996, 1998:28):

“Argumentar é (...) *agir sobre a opinião de um auditório*, de tal maneira que se abra um espaço, um lugar para a opinião que o orador lhe propõe (...) é construir uma intersecção entre os universos mentais em que cada indivíduo vive.” (P. Breton (1996) 1998:28). [itálicos nossos]

O público, apesar de se ver reduzido à condição de espectador, representa, assim, o destinatário último e principal, exigindo pela parte dos “débatteurs” uma especulação a respeito da sua configuração em termos de estatuto socio-económico, pressupostos ideológicos, experiências adquiridas e partilhadas e referências culturais. Trata-se, por isso, de uma coordenada fundamental a ter em conta pelos participantes no debate condicionando as suas estratégias de argumentação e a construção do seu ethos⁵⁴.

⁵⁴ *Ethos* é um conceito da *Retórica* de Aristóteles que foi recuperado pela Análise do Discurso e que significa a imagem que o Locutor constrói de si mesmo no discurso e que se reflecte nos meios de expressão da subjectividade da linguagem e da modalidade. Ducrot (1984: 200-201) recupera a noção de ethos no quadro da

O público do debate televisivo, quer seja a audiência que partilha o mesmo espaço físico que os participantes e o moderador, quer seja a massa abstracta de telespectadores que assiste ao programa em casa, ou ambos, deve ser considerado enquanto “entidade colectiva mas funcionalmente heterogénea”, nas palavras de M.A.Marques (2000:169). “Entidade colectiva” e abstracta, na medida em que representa a “Opinião Pública” em geral e se identifica com a figura indiferenciada do “Povo” (Marques, 2000:170). “Funcionalmente heterogénea” na medida em os vários locutores do debate vão dirigindo sequências da sua argumentação para diferentes destinatários, consoante o assunto em discussão e a estratégia argumentativa.

1.4. O debate televisivo – síntese

Pela estrutura triádica do debate, em termos de número mínimo de actores intervenientes no quadro participativo, M. Doury (1995) conclui que se trata de um trílogo, no quadro teórico de análise das interacções verbais proposto por Orecchioni, na medida em que interagem dois “débateurs”(adversários) e o público ao lado do moderador, o qual funciona como porta-voz⁵⁵ desse público, com o seguinte esquema:

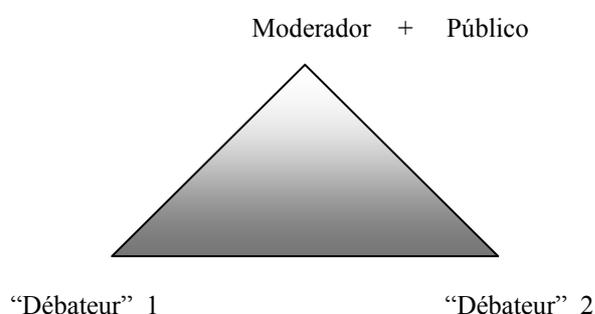


Figura 3: Esquema do trílogo que compõe o quadro participativo do debate televisivo.

Em suma, o debate televisivo constitui um sub-tipo ou sub-género de interacção verbal com propriedades específicas de estrutura participativa (é um “trílogo”) e de estrutura composicional discursiva, como será analisado a seguir. Pela sua dimensão televisiva e

teoria polifónica. Para Ducrot, ethos decorre do discurso do Locutor L e não orador λ , ser do mundo. Amossy (2000, cap 2) faz uma história dos vários desenvolvimentos que a noção de ethos sofreu desde a antiguidade clássica e apresenta uma proposta de distinção entre “ethos préalable” ou *ethos anterior* (imagem pré-existente que o auditório possui sobre o Locutor) e *ethos discursivo* (imagem que o locutor constrói no seu discurso).

⁵⁵ Além de Bourdieu, a ideia do moderador como *porta-voz* do público silencioso é recuperada de Denis (1988:84) por Doury: “[...] l’animateur fonctionne comme relais du public, à qui il tient lieu de *porte-parole* (Denis: 1988: 84)” [negrito nosso].

portanto altamente mediática, esta variante de debate público parece ser uma importante arma de manipulação da opinião pública, o que poderá explicar a sua proliferação nas grelhas programática dos principais canais de televisão nacionais. Esse carácter mediático intensifica-se quando o debate é transmitido *em directo*, como acontece no programa que serve de base de estudo a este trabalho, o que provoca uma maior tensão e responsabilidade sobre o que é dito sobre os participantes do debate, dando relevo ao papel do moderador como agente que disciplina e gere os tempos e as intervenções dos participantes, entre outras dimensões ou funções.

Capítulo II. DEBATE POLÍTICO TELEVISIVO - DESCRIÇÃO DO CORPUS DE ANÁLISE

2.1. A constituição e natureza do corpus

A argumentação enquanto modo de organização discursiva tem sido tradicionalmente estudada mais na dimensão escrita do texto/discurso do que na dimensão oral. Este facto deve-se, por um lado, à escassez e diminuta divulgação de *corpora* de natureza oral⁵⁶ existente na comunidade científica, e por outro à dificuldade de tratamento que um recurso deste tipo apresenta. Só recentemente foram construídas bases de dados informatizadas de textos em português, providas de um sistema de busca textual que veio auxiliar o investigador e acelerar o seu ritmo de pesquisa⁵⁷. Porém, o estudo e tratamento de textos/ discursos no modo oral exige uma recolha e um registo, sob a forma de algum tipo de suporte, a que se

⁵⁶ Para além do corpus do *Português Fundamental* (Nascimento, M. Fernanda Bacelar; Marques, M. Lúcia Garcia; da Cruz, M. Luísa Segura (eds), 1987) devidamente transcrito e trabalhado segundo critérios de frequência, foram construídos os seguintes corpora orais para o português:

- *Corpus de Referência do Português Contemporâneo* (1997), desenvolvido pelo Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, que apesar de ser um corpus maioritariamente escrito (com uma dimensão total de 77,3 milhões de palavras), contém ainda 1 725 240 de palavras na variedade falada; abrange documentos publicados desde o século XIX até aos nossos dias e tem a particularidade de conter documentos publicados em todo o mundo de língua portuguesa (Angola, Moçambique, Brasil, etc.);
- *Português falado, variedades geográficas e sociais* (1997), desenvolvido pelo Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, que é composto por 4 CD-ROM com 83 gravações de português falado informal e formal, recolhido ao longo de 25 anos em Portugal, no Brasil, em todos os países africanos de língua portuguesa, em Macau e em Timor;
- *REDIP- Rede de Difusão Internacional do Português: rádio, televisão e imprensa* (iniciado em 2000), desenvolvido pelo Instituto de Linguística Teórica e Computacional, que é constituído por gravações em áudio e em vídeo relativas a amostras da rádio e da televisão (sobre a descrição do projecto, veja-se: Ramilo, M. C.; Freitas, T. E, 2002).

De qualquer modo, o debate televisivo não foi ainda um “género” contemplado em nenhum dos corpora, dada a especificidade deste tipo de interacção verbal. Para uma descrição dos projectos de construção de corpora coordenados pelo Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, veja-se também Nascimento (2000).

⁵⁷ Um exemplo deste tipo de recurso actualmente disponível para o português encontra-se on-line e permanentemente actualizado em www.linguateca.pt. Trata-se de um *site* onde se podem encontrar vários recursos para a língua portuguesa, como corpora de textos escritos, dicionários, corpora paralelos, etc.

deve seguir uma transcrição com o objectivo de tornar legível o material a ser submetido a uma análise linguística. Além disto, a transcrição de textos/discursos orais revelou-se sempre uma tarefa morosa e complexa, dada a extrema complexidade de informação contida num enunciado para que concorrem simultaneamente dimensões linguísticas, prosódicas, proxémicas, cinésicas, culturais, sociolinguísticas, psicolinguísticas e cognitivas.

O nosso interesse pela dimensão oral do discurso teve inicialmente como objectivo contribuir para o desenvolvimento dos estudos em relação a esta dimensão da linguagem, além de servir como pretexto para a constituição de mais um recurso para análise linguística – um corpus de natureza oral etiquetado e passível de ser utilizado para outras finalidades.

No âmbito das interacções verbais, como já apresentámos no Capítulo I, o *debate* é um tipo de texto/discurso argumentativo por excelência, visto que, ao estruturar-se em torno de dois ou mais eixos em conflito, desenvolve linhas argumentativas divergentes, que controem contra-discursos com o objectivo de vencer/convencer os ‘adversários’ discursivos.

O debate televisivo, e em particular a sua versão *em directo*, como é o caso que seleccionámos, coloca os participantes numa situação de grande tensão, obrigando-os a gerir um conjunto de questões diferentes, como a capacidade de improviso e rapidez na resposta, a capacidade de tomada e manutenção da vez, a gestão temporal da sua vez e o controlo da imagem que passam de si próprios, reflectida pela subjectividade do seu discurso. Este jogo de poderes e de pressões torna o movimento argumentativo mais elaborado, e ao mesmo tempo mais exigente, obrigando os participantes a servirem-se de estratégias de persuasão mais eficazes.

Por estas razões, escolhemos o programa *Prós e Contras*, transmitido pela RTP1, pelo facto de apresentar uma configuração muito estereotipada, ainda que mais complexa, do que se entende por um debate, ou seja, utiliza dois painéis, constituídos por indivíduos que constróem e defendem opiniões antagónicas, em resposta a um tema proposto inicialmente pelo programa. A dimensão política do tema e dos intervenientes neste programa torna-o mais interessante para a análise da argumentação, na medida em que estamos perante indivíduos politicamente activos e ideologicamente oponentes, o que lhes confere experiência e agilidade na construção de discursos predominantemente argumentativos.

O *corpus* que serviu de base ao presente trabalho é constituído pela totalidade do programa *Prós e Contras*, emitido a 6 de Janeiro de 2003 pela cadeia de televisão pública RTP1. Este material audio-visual foi gravado em formato *VHS* e posteriormente convertido para suporte digital, através da gravação e conversão do formato original numa extensão adequada a ficheiros de som (*wav*). Por razões de delimitação do objecto de análise à dimensão linguística da interacção verbal do debate televisivo, vimo-nos, neste trabalho, obrigados a

não estudar a dimensão visual⁵⁸ do programa (sobretudo ao nível das dimensões cinésica e proxémica), estando apesar disso conscientes da sua importância para compreensão global de qualquer tipo de interacção verbal. Em trabalhos futuros essa dimensão deverá, contudo, ser também tida em consideração. Posteriormente, o *corpus*, constituído por cerca de três horas de gravação, foi manualmente etiquetado à palavra, tendo ainda em consideração aspectos de vocalização fonética e modulação prosódica (sobretudo ao nível da duração das pausas, dos contornos entonacionais e de sinais paralinguísticos, como expiração, riso, tosse, etc). A análise deste debate tem em conta o tipo de discurso, o seu quadro comunicativo e participativo, os objectivos praxeológicos e o formato ritualizado a que obedece.

2.2. A transcrição do corpus

“Because transcription is an act of interpretation and representation, it is also an act of power.” (Bucholtz, 2000: 146)

A dimensão da interpretação subjacente à tarefa da transcrição, enunciada por Bucholtz, arrasta consigo um certo pendor de subjectividade, na medida em que *transcrever* é de algum modo *traduzir*, o que obriga o transcritor a tomar decisões metodológicas e a fazer escolhas, dada a complexidade semiótica do tecido conversacional. Qualquer transcrição representa um ‘filtro’ (L.C.Martins, 1998: 72) em relação aos dados de partida. Esse filtro deve ser o mais fiel possível em relação ao original, ainda que esteja condicionado pelas possibilidades de transcrição disponíveis e pelos objectivos de estudo do investigador, como é notado por Martins (1998):

“Dada a impossibilidade de fazer uma transcrição perfeita (...) deve adoptar-se uma concepção realista da transcrição, que começa por assumir/ admitir que se transcreve (...) em função daquilo que se quer analisar.”(L.C.Martins, 1998: 73)

O acto da transcrição é uma tarefa necessária para o estudo das interacções verbais, uma vez que permite um melhor manuseamento do material discursivo.

A tarefa da transcrição da fala natural/ espontânea envolve a tomada de importantes decisões no que respeita à selecção das categorias de nível segmental (unidades fonéticas, fonológicas, morfológicas, lexicais ou sintácticas) a assinalar. Mas a tarefa mais complexa consiste na

⁵⁸ A dimensão visual do programa é efectivamente importante, embora haja que ter em conta que a câmara é naturalmente selectiva e que essa selecção condicionanecessariamente a análise do programa.

marcação não só dos fenómenos suprasegmentais, isto é, do domínio prosódico⁵⁹, como também dos fenómenos paralinguísticos, relacionados com aspectos vocais (riso, tosse, hesitação), ou até mesmo com aspectos cinésicos e proxémicos.

Para a análise de *Prós e Contras*, e após termos comparado vários modelos⁶⁰ de transcrição de corpora orais, optámos pela proposta de I.G.Rodrigues (1998), que adaptou para o português⁶¹ o sistema de transcrição de Kallmeyer e Schütze (1976). Este sistema de transcrição pareceu-nos o mais adequado aos objectivos deste trabalho, porque:

- é de fácil leitura para alguém que não esteja familiarizado com sistemas de transcrição
- assegura a transcrição da componente lexical e morfo-sintáctica, que constitui o material em análise neste trabalho
- apresenta mais detalhe do que o habitual, uma vez que considera alguns fenómenos prosódicos, sobretudo ao nível das durações e da entoação, o que poderá servir de base para outros estudos
- permite assinalar fenómenos extra-linguísticos (como aplausos, riso, vaia) que podem ter interesse para a análise argumentativa do debate
- é um sistema que provou ser eficaz para a análise das interacções verbais e cuja divulgação já foi assegurada pela publicação do trabalho de Rodrigues

Assim, consideramos os seguintes sinais de transcrição:

⁵⁹ Uma vez que a noção de *prosódia* em linguística é muitas vezes parcialmente entendida e estudada apenas nos fenómenos respeitantes à entoação, incluímos na dimensão da prosódia os fenómenos relacionados com a *entoação* (flutuações da frequência fundamental), *intensidade* e *duração*. Seguimos a definição de *prosódia* apresentada em Mateus, et al. 1990: “(...) propriedades prosódicas que estão associadas a unidades mais vastas como a sílaba, a palavra ou a frase. Como neste sentido a maior parte das propriedades estão relacionadas com a evolução no tempo da *frequência fundamental*, da *duração* e da *intensidade*, o termo «Prosódia» é, muitas vezes, utilizado para referir o conjunto de fenómenos que envolvem qualquer um destes três atributos acústicos.” (Mateus, M. H.; Andrade, A.; Viana, C.; Villalva, A. 1990:191) [itálicos nossos]

⁶⁰ Além do sistema apresentado por Rodrigues (1998), comparámos os **sistemas de transcrição** propostos por Gumperz (1982), Debora Schiffirin (1987), Cosnier/K. Orecchioni (1987), DuBois (1991) e Payrató (1995). Em todas as propostas se procurou um maior detalhe na descrição dos níveis segmentais e prosódicos da conversação. Poyatos (1994: 157-158) foi inclusive mais além apresentando um sistema de símbolos que descreve aspectos cinésicos do rosto (olhos, sobrancelhas, boca), dos braços, das mãos, das pernas e do tronco. DuBois e Payrató, por exemplo, introduzem etiquetas descritivas das fronteiras prosódicas, que DuBois anota como ‘*intonation unit*’ e que Payrató designa por ‘*unidades entonativas o grupos tonales*’, categoria que virá a ser fundamental em sistemas de transcrição propostos pelas ciências e tecnologia da fala, como veremos. A proposta de Payrató (1995: 61-66) permite combinar diferentes níveis de análise consoante os objectivos do estudo. Esta proposta utiliza a transcrição ortográfica a que acrescenta etiquetas prosódicas, assinala as tomadas, interrupções e sobreposições de vezes e introduz comentários sobre aspectos gestuais e vocais. Apesar das propostas de transcrição feitas pelos analistas da conversação serem progressivamente mais completas e detalhadas, existem duas desvantagens: por um lado, a não uniformização das convenções de transcrição, à semelhança de um sistema internacional, por outro, a não associação das categorias transcritas aos ficheiros de som originais, o que impede que se analisem outras dimensões do discurso muitas vezes não consideradas pelo transcritor como as dimensões prosódicas e paralinguísticas, como riso, aplausos, manifestações vocálicas de emoções, etc..

⁶¹ Rodrigues estudou os mecanismos linguísticos que comandam a alternância de vez ao nível da conversação. O seu trabalho inscreve-se no âmbito da Análise Conversacional anglo-saxónica.

Sinal	Valor atribuído
(.)	Pausa muito curta no enunciado
(..)	Pausa curta
(...)	Pausa intermédia
(pausa)	Pausa longa
(:)	Prolongamento vocálico
(.)	Entoação descendente
(-)	Entoação em suspenso, média
(^)	Entoação ascendente
(?)	Entoação de interrogativa
(!)	Entoação de admiração ⁶²
(a:), (a:m), [inspiração]	Sinal típico de hesitação e reformulação
[aplausos]	Inspiração quando audível
[]	Sequência de palmas
[]	Explicação de qualquer evento paralinguístico que se considere relevante
<u>sublinhado</u>	Ênfase, focalização ⁶³ , aumento de intensidade num segmento
F a r t o	Prolongamento de palavra
XXXXX	Enunciado incompreensível
(redução?)	Enunciado supostamente compreendido
[MMC ⁶⁴]	Fala simultânea de MMC
{T1, 2:00-2:09}	Localização no ficheiro de audio correspondente (Track 1, minuto e segundo de início- minuto e segundo de fim)
[...]	Enunciado truncado

Tabela 3: Sinais de transcrição utilizados e seus valores

À lista proposta por Rodrigues, acrescentámos apenas os dois últimos sinais da tabela, indicadores de localização temporal no ficheiro audio (para facilitar a audição do momento transcrito) e indicadores de truncamento do enunciado.

Em trabalhos futuros, que contemplem não apenas a dimensão segmental da fala espontânea, justifica-se a utilização de uma ferramenta de transcrição computacional⁶⁵ e um sistema de transcrição mais detalhado e rigoroso, que permita reduzir a subjectividade associada a esta tarefa.

⁶² No nosso corpus, raramente assinalamos esta modalidade, por nos parecer ser uma informação decorrente do tipo de entoação verificada. Optámos por assinalar entoação ascendente e ocasionalmente ênfase.

⁶³ A indicação de ênfase pode abranger toda a palavra ou só a sílaba tónica e traduz-se por um aumento de intensidade acompanhado geralmente de um aumento de frequência fundamental.

⁶⁴ Confrontar Anexo A para as siglas dos participantes do corpus que constitui o debate.

⁶⁵ Como o SFS (*Speech Filling System*, que pode ser encontrado em <http://www.sfs.fi/>) ou o Praat (um sistema para trabalhar o sinal da fala por computador, que pode ser encontrado em <http://www.praat.org>), de fácil acesso e de ampla utilização, que possibilita a visualização do ficheiro de som em simultâneo com a etiquetagem de vários níveis decorrente da análise espectral e prosódica do sinal.

2.3. Descrição do quadro comunicativo de Prós e Contras

2.3.1. Em torno da definição de quadro comunicativo

A caracterização de qualquer género discursivo é indissociável da dimensão do *contexto*⁶⁶ em que se inscreve, noção tão flutuante⁶⁷ como fundamental em Pragmática e Análise do Discurso. Como observa Kerbrat-Orecchioni (1990), é com a Pragmática que o estatuto do contexto é reabilitado dentro do panorama linguístico, devido à constatação da sua importância para a determinação das operações de produção e de interpretação dos enunciados:

«C'est avec la pragmatique (...) que la notion de contexte fait un retour en force, au niveau théorique du moins, dans le panorama linguistique. Retour qui caractérise a fortiori l'approche interactionniste, dont l'une des idées forces est que l'objet d'investigation, ce ne sont pas des phrases abstraites, mais des énoncés actualisés dans des situations communicatives particulières. Ainsi pour Hymes, tout 'événement de discours' se caractérise

⁶⁶ O número 3 de 2003 do *Journal of Pragmatics* 35 (ELSEVIER) é inteiramente dedicado ao estatuto do contexto.

⁶⁷ A noção de **contexto** é mais um termo que tem recebido inúmeras definições em Pragmática e Análise do Discurso. Para além da proposta de Orecchioni (1990) referida em cima, destacamos a definição de M. Halliday (1976), T. Sebeok (1991) e J. Moeschler (1998). M. Halliday (1976) retoma a expressão “Contexto de Situação”, de Malinowsky (1923), que reduz à noção de “Situação”, definindo-a pelo conjunto dos factores extra-linguísticos em que um texto está ancorado e que são relevantes para o sentido do mesmo. Como factores externos constituintes da “Situação” destaca “a natureza da audiência”, “o meio” e “o objectivo comunicativo”. Halliday recupera também a abordagem feita por D. Hymes sobre o contexto, definido como um conjunto de oito elementos: “a forma e o conteúdo do texto, a localização, os participantes, as finalidades (intenção e efeito), a chave, o meio, o género e as normas interaccionais”. Apesar de Hymes considerar o aspecto linguístico da forma e do conteúdo do texto, Halliday concentra-se nas consequências que os aspectos exteriores ao texto podem ter para a construção do sentido do próprio texto. Para T. Sebeok (1991), o contexto inclui o conjunto do **sistema cognitivo** (mente), as **mensagens a transitar em paralelo**, a **memória das mensagens anteriormente processadas e experienciadas** e a **antecipação das futuras mensagens** que se espera virem a ser trazidas para a cena. Segundo J. Moeschler (1998), o contexto é o conjunto de **premissas/dados linguísticos** ou não linguísticos importantes para a interpretação de um enunciado. Trata-se da primeira posição que integra não apenas os **aspectos extra-linguísticos**, mas também tudo o que tenha a ver com a **construção gramatical e semântica da frase**. Moeschler estende ainda mais o domínio do contexto, alargando-o ao conjunto dos dados de natureza cognitiva e psico-cognitiva, como o **conhecimento enciclopédico, perceptual e anterior**. Mais tarde, Moeschler (2001) desenvolve o conceito de contexto como uma “construção dinâmica, não um dado invariante”, que muda e ganha nova existência para cada enunciado. O *contexto*, para o autor, representa tudo aquilo que permite compreender completamente o sentido de um enunciado e que escapa à simples descodificação linguística, ou seja, é o **conjunto de informações disponíveis que, tiradas do enunciado precedente, da memória a curto ou longo prazo e do ambiente físico, tornam o enunciado do locutor pertinente e inteligível para o interlocutor**. Moeschler chama a atenção para o papel que o contexto desempenha na comunicação: trata-se do dispositivo responsável por “accionar ou reactivar as informações disponíveis subjacentes às diferentes fontes de informação” de ordem espacio-temporal, cognitiva ou psico-cognitiva, dispositivo esse que tem por objectivo assegurar a clareza na comunicação e evitar o mal-entendido. Mais recentemente, Van Dijk (2001) desenvolve uma nova teoria sobre o contexto apresentando-o como um modelo mental, uma representação dos participantes: “In other words, contexts are not ‘out there’, but ‘in here’: they are mental constructs of participants; they are individually variable interpretations of the ongoing social situation. Thus, they may be biased, feature personal opinions, and for these reasons, also embody the opinions of the participants as members of groups.” Van Dijk sublinha que as construções mentais dos contextos são estruturas dinâmicas e que são analisáveis segundo **macro-categorias** (que incluem o que designa por *domain, global actions e institucional actors*) e **micro-categorias** (em que se incluem o que designa por *setting, local actions, participants e cognition*). O autor aplica esta nova teoria ao funcionamento do debate parlamentar, revolucionando de maneira decisiva os estudos sobre o contexto em pragmática e análise do discurso.

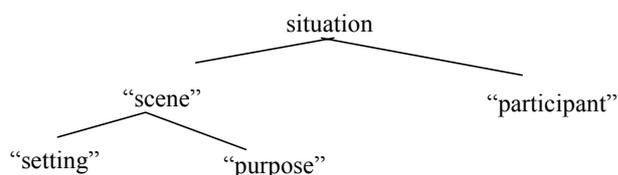
par un certain nombre de ‘façons de parler’ qui sont directement déterminées par la ‘situation de discours’, et l’objectif de l’analyse est de déterminer :

«what a speaker needs to know to communicate effectively in culturally significant settings» (Gumperz et Hymes 1972:VI)

Dans cette perspective, la description doit être menée à partir de données *in situ*, et les paramètres contextuels doivent être incorporés au système de règles que l’on reconstitue à partir de la description des données. *Car les propriétés du contexte déterminent entièrement les opérations de production des énoncés aussi bien que leur interprétation. (...)»* (Kerbrat-Orecchioni, 1990:75-76) [itálicos nossos]

Sendo, portanto, as propriedades do contexto responsáveis pela individualização e especificação de cada texto/discurso dentro do seu gênero, a sua caracterização torna-se assim fundamental para a descrição desse mesmo texto/discurso. Por outras palavras, a descrição e análise do debate televisivo *Prós e Contras* deve ser feita em função das suas coordenadas contextuais, ou na expressão de Kerbrat-Orecchioni, do seu *quadro comunicativo*. Partindo do modelo de comunicação proposto por Brown e Fraser (1979), Kerbrat-Orecchioni apresenta a sua definição de *contexto* inserido no âmbito do que designa por “quadro comunicativo”⁶⁸:

« Du fait sans doute qu’elle a été trop longuement ‘négligée’ et considérée par les linguistes comme marginale, la notion de «contexte», ou de «situation» - les deux termes étant ici équivalents (...) **nous entendons par «contexte» l’environnement extra-linguistique de l’énoncé**, par opposition au «cotexte» linguistique -, cette notion est donc loin d’avoir un statut clair (...) je m’inspirerai ici plutôt du modèle proposé par Brown et Fraser (1979), qui décomposent la situation de la façon suivante, en ce qui concerne ses composantes générales :



(1) Le **site** ('setting'): c'est le **cadre spatio-temporel**. (...)

(2) Le **but** ('purpose'). (...) le but est dans une certaine mesure intégré au site, puisqu'à tout site est associée une finalité intrinsèque. (...)

(3) Les **participants** (leur nombre et leur nature) C'est évidemment l'aspect le plus important du cadre communicatif. Les participants peuvent être envisagés dans leurs caractéristiques individuelles – biologiques et physiques (âge, sexe, appartenance ethnique, et autres propriétés de l'être et du parître), sociales (profession, statut, etc), et psychologiques (constantes et passagères : caractère et humeur) ; ou dans leurs relations mutuelles – degré de connaissance, nature du lien social (familial ou professionnel, avec ou sans hiérarchie), et

⁶⁸ Orecchioni abre o capítulo 2 das suas *Interactions Verbales* com o título “Le cadre communicatif”, dentro do qual inclui dois subtítulos: “Les ingrédients du contexte”, onde faz a caracterização do contexto segundo Brown e Fraser (1979), e “Le cadre participatif” (K.Orecchioni, 1990: 75-103).

affectif (sympathie ou antipathie, amitié, amour, et autres sentiments qui peuvent être ou non partagés).» (Kerbrat-Orecchioni, 1990:76-81) [negritos nossos]

O quadro comunicativo de uma interacção verbal compreende assim três componentes: *o quadro espaço-temporal, o objectivo e os participantes*, sendo efectivamente esta última componente a mais relevante das coordenadas do quadro comunicativo, já que no seu conjunto formam o “quadro participativo”. Por todas as razões apontadas e pela necessidade de caracterizar a especificidade do debate *Prós e Contras* dentro do género discursivo do debate televisivo a que pertence, analisaremos em seguida as coordenadas que compõem o seu quadro comunicativo.

2.3.2. *O quadro comunicativo do programa televisivo Prós e Contras*

2.3.2.1. *O quadro espaço-temporal⁶⁹ de Prós e Contras*

O debate televisivo *Prós e Contras* é um programa⁷⁰ transmitido em directo pela RTP1⁷¹, uma vez por semana (às segundas-feiras⁷²), por volta das 22:30, com uma duração média de uma hora e meia. A sessão que serviu de base a este trabalho durou, porém, cerca de 3 horas. No plano do seu enquadramento espacial, o debate *Prós e Contras* é transmitido a partir de Lisboa⁷³ e tem lugar dentro de um estúdio, o que, na opinião de Charaudeau e Ghiglione, atribui poder de iniciativa à instância mediática:

⁶⁹ K. Orecchioni (1990 : 77-78) considera como componentes do enquadramento espacial: 1) os seus aspectos puramente físicos “*quelles sont les caractéristiques du lieu où se déroule l’interaction (...); est-ce un lieu ouvert ou fermé, public ou privé, vaste ou resserré ; comment se présentent le “décor”, et l’organisation proxémique de l’espace (...)*”; 2) os seus alcance social e institucional : “*la vie sociale a pour théâtre un certain nombre de «settings», cadres sociaux définis qui ont une certaine finalité, et où les comportements sont régis par un ensemble de proscriptions conventionnelles connues de tous les membres compétents de la communauté (...)*”. Orecchioni destaca ainda o papel determinante do enquadramento temporal para o desenrolar da interacção, traduzido em aspectos como : “*à quel moment de la rencontre convient-il exactement de saluer ? à partir de quand et jusqu’à quand est-il convenable d’offrir ses vœux de nouvel an ?*”.

⁷⁰ A RTP define assim o debate *Prós e Contras* no seu site: “Fátima Campos Ferreira apresenta um espaço de informação onde se discutem grandes questões e acontecimentos que afectam o nosso País. Durante cerca de uma hora e meia, em directo, perante uma plateia com público ao vivo, vários convidados debatem um tema central. Em cada emissão de *Prós e Contras*, uma questão diferente, controversa e actual é lançada para a discussão. Especialistas no tema, caras conhecidas do grande público, ligadas a esse assunto, ou opinion makers compõem o painel de seis convidados principais em torno do qual se desenrola o programa. Para além de moderar o debate, Fátima Campos Ferreira irá também entrevistar outros convidados.”
(<http://programas.rtp.pt/EPG/tv/programas/index.php?letra=p>)

⁷¹ Este programa era depois retransmitido pela RTP África ao longo da mesma semana.

⁷² Mais tarde o programa passou a ser transmitido às terças-feiras. À data de redacção deste trabalho o programa ainda está no ar.

⁷³ A RTP 1 não tem estúdios apenas em Lisboa, mas entendemos que o facto deste debate ser transmitido a partir de Lisboa não terá grande significado, a não ser o facto de ser em Lisboa a sede da estação de televisão. Por outro lado, sendo Lisboa a capital política e administrativa do país, local onde está instalado o governo e a oposição, é mais natural que o debate seja transmitido a partir de Lisboa, por ser mais acessível aos convidados políticos.

“A escolha do local, do enquadramento do debate, tem incidências sobre o tipo de legitimidade que o media se quer atribuir. (...) O estúdio: são sempre dados ao espectador indícios de identificação deste lugar. Este lugar, sendo reconhecido como tal, sugere que é a instância mediática que tem a iniciativa deste encontro entre pessoas que foram convocadas para vir debater. Isto visa um efeito de «autocelebração» desta instância, indicando que ela tem o perfeito controlo de uma cerimónia (...)” (Charaudeau, P. e Ghiglione, R. 2000: 63) [negritos nossos]

Esse poder da instância mediática, representado pela figura do moderador, é traduzido no poder de selecção dos convidados e reflectido no poder de condução de todas as partes do debate e de atribuição e gestão da palavra. A emissão decorre dentro de um estúdio com um formato de salão-teatro, dividido em duas partes:

- a cena, ou palco, onde são colocados os participantes dispostos por dois painéis, *Pró* e *Contra* e onde circula de pé a moderadora; os painéis estão dispostos diametralmente, dividindo o local em duas zonas idênticas e colocando os participantes numa relação de frontalidade, de face a face, e que como observam Charaudeau e Ghiglione, é frequente em debates políticos, sugerindo que “*vai haver uma confrontação, o que produz um efeito de «espectacularização» polémica (...)»*”(Charaudeau, P. e Ghiglione, R. 2000: 63)
- a plateia, onde está sentado o público, sendo a primeira fila reservada para os convidados do público seleccionados pelo programa e que representam a sociedade civil portuguesa; também na primeira fila estão sentados os três convidados directores de jornais que terão, como veremos, uma função especializada, diferente da função de testemunho e de exemplaridade atribuída aos restantes convidados do público.

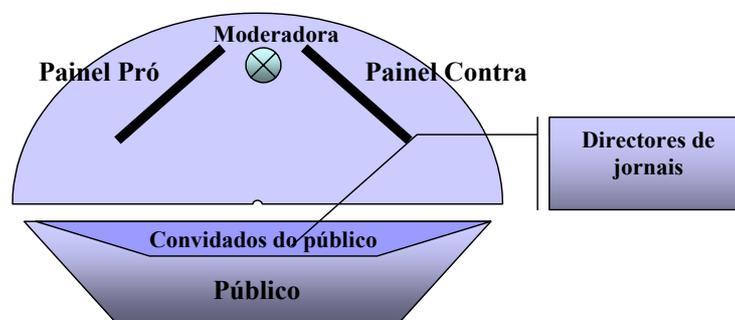


Figura 4: Esquema da disposição espacial dos participantes no estúdio em *Prós e Contras*.

A disposição espacial dos participantes no estúdio em *Prós e Contras* pode ser ilustrada pela figura 4 e observada nas imagens da figura 5.

Esta disposição espacial parece enquadrar-se dentro de uma aposta topológica representativa do aparelho democrático baseado numa “interacção consensual”, como defendem Charaudeau e Ghiglione:

“O «salão-teatro» (...) como lugar emblemático onde se exhibe uma democracia fundada na *interacção consensual* entre os homens e a acumulação da sua diversidade.” (Charaudeau, P. e Ghiglione, R. 2000: 160)



Figura 5: Imagens do estúdio onde se realiza o debate *Prós e Contras*.

A disposição espacial, visando o efeito de fórum, parece assim configurar os ideais do funcionamento da democracia directa, determinando a selecção dos participantes e a atribuição dos seus papéis, como ilustra a figura que se segue:

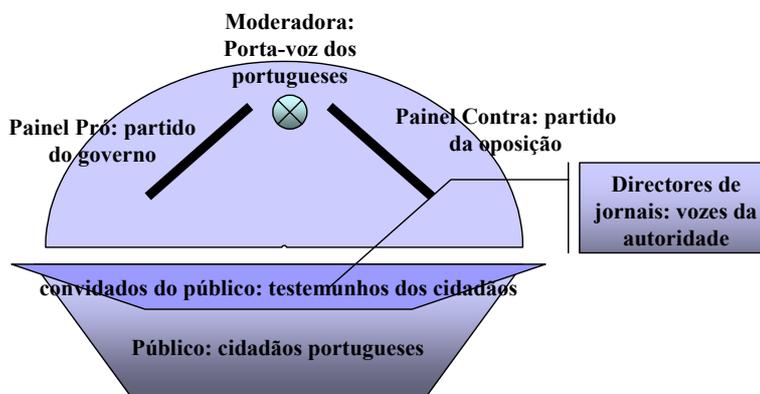


Figura 6: Esquema da disposição espacial dos participantes e seus papéis em *Prós e Contras*.

No que respeita à sua localização temporal, o debate *Prós e Contras* que serviu de corpus a este trabalho realizou-se no dia 6 de Janeiro de 2003, constituindo o primeiro debate televisivo do ano de 2003 dentro da sua série e um dos mais representativos dessa semana no quadro de todas as cadeias de televisão portuguesas. A questão oportunamente trazida a debate: “2003 vai ser um ano bom ou mau para Portugal?”, enquadrava-se perfeitamente no momento de reflexão habitual em cada transição de ano civil, adivinhando prognósticos políticos e económicos para Portugal no decurso do ano que começava.

O momento político era dominado por um governo de coligação PSD/CDS-PP, sob a liderança do Primeiro-Ministro Durão Barroso, eleito em Março de 2002 e por uma situação económica do país globalmente em pior estado, após um ano de governação. Este debate surge assim como um momento em que a nação, pela voz da moderadora Fátima Campos Ferreira, exige esclarecimentos e respostas por parte do governo, no início de mais um ano de governação social-democrata. Esta conjuntura será assim determinante na selecção quer dos convidados, quer dos dois painéis de participantes e que viriam a ser, como é óbvio, de um lado os representantes do governo em exercício, e do outro lado, os representantes da oposição, como veremos mais à frente.

O enquadramento conjuntural do país foi apresentado numa peça em formato audio-visual, transmitida no início do programa, e que tem como função legitimar a voz da moderadora, porta-voz da nação, ou seja, conferir-lhe os argumentos de autoridade de que irá servir-se durante a condução do debate. Os aspectos fundamentais da conjuntura político-económica e social do país, apresentados na peça audio-visual (crf. Anexo C), poderão resumir-se aos seguintes tópicos:

- aumento do custo de vida para 2003 (renda da casa, luz, água, portagens)
- sondagem feita pelo DN e pela TSF revela pessimismo dos portugueses
- escândalos em 2002 provocaram uma crise de confiança (caso Moderna, corrupção na GNR e no futebol, pedofilia na Casa Pia)
- portugueses mantêm os salários mais baixos da Europa, o pior nível de vida, a maior taxa de iliteracia e a mais baixa taxa de produtividade da União Europeia
- há ausência de reformas estruturais que foram agravadas por 6 anos de governo socialista
- o novo governo exige que se cumpra os 2,8 % de défice, o que cria muitas dificuldades económicas ao país
- em 2004 a EU prepara-se para integrar 10 novos países de Leste com economias mais competitivas

- Durão Barroso continua otimista e diz que em 2006 teremos o maior crescimento económico da EU

As temáticas que são trazidas para este debate colocam-no inevitavelmente na esfera do discurso político, além do estatuto dos participantes no debate, no que diz respeito à sua função social de representantes de um partido político. São já inúmeras as propostas de definição de discurso político⁷⁴ em Análise do Discurso. Consideraremos para este trabalho a definição que Marques (2000:30) faz de discurso político, a partir da proposta de J.-P. Bronckart (1985), na medida em que estabelece a relação entre discurso político, debate político e discurso polémico:

“No que aqui nos importa, o discurso político é

...[le] texte d'un **acteur politique** défini qui intervient dans un **débat public** pour **convaincre et/ou faire agir les destinataires du texte**. Du point de vue de l'ancrage, on peut supposer que **le texte politique crée la fiction d'un rapport direct avec l'interlocuteur** et est situé par rapport au moment de production. Pour convaincre, l'énonciateur devra toutefois aussi **adopter un point de vue général** (...) et par conséquent s'abstraire de la situation immédiate de production” (Bronckart, J.-P. 1985 :115)

(..) Se, por um lado, [esta definição] reduz o conceito de discurso político ao de debate político, ou seja, um discurso de base polémica e, ao mesmo tempo, exclui outras categorias tradicionalmente consideradas discurso político, por outro lado, e estas são características que marcam a especificidade deste discurso, a particularidade de abertamente visar a persuasão obriga à presença explícita do alocutário no discurso (...).”(Marques, M. A. 2000: 30)

Marques põe a tónica na função social adoptada pelo locutor no momento da enunciação de um discurso público:

“São “discurso político”, todas as actividades de comunicação verbal públicas dos elementos que integram as diferentes instâncias governativas, enquanto representantes desses mesmos organismos. Exemplificando, **o «ministro X» produz um discurso político quando fala em nome do seu ministério, governo, partido, mas não enquanto «adepto X» do «clube de futebol Z»**” (Marques, M. A. ibidem, 30) [negritos nossos]

Em *Prós e Contras* encontramos assim ‘discurso político’ sempre que os participantes no debate discutem medidas económicas, reformas educativas, assuntos da política nacional, enquanto representantes dos seus partidos. Vemos assim, por exemplo, Rui Rio, do partido do governo, a responsabilizar o partido socialista, que governou anteriormente, pelo endividamento económico e pelas dificuldades sociais que o país atravessa:

RR: [...] agora ..(-) a questão que está aqui ..(‘) e esta é que foi a irresponsabilidade do partido socialista, é que fez esse défice, gastou acima das suas possibilidades num

⁷⁴ Para um percurso sobre as várias propostas de definição do discurso político em análise do discurso, cfr. Pires, A. (2002, pp. 5-9).

momento em que deveria ter equilibrado orçamento. E por isso nós agora estamos a pagar precisamente **esses erros** que se XXX [FR] deixe-me só terminar para dizer isto [...] {T8, 00:52-1:10}

Existem, porém, outros momentos no programa em que não há discurso político, em sentido estrito, quando os locutores são os convidados do público entrevistados pela moderadora, que falam como ‘exemplares’ da sociedade civil, como veremos adiante na caracterização do quadro participativo. Este é mais um exemplo de heterogeneidade composicional dos enunciados⁷⁵, inerente a qualquer tipo de texto/discurso, e que é também verificável em *Prós e Contras*.

A natureza do discurso político conduz muitas vezes à polémica, devido aos naturais dissensos entre ideologias partidárias. O carácter polémico⁷⁶ deste discurso intensifica-se quando o discurso político surge associado ao *debate*, cuja natureza implica desde logo confronto de opiniões antagónicas:

“Le *débat* est une discussion plus organisée(...): *il s’agit encore d’une confrontation d’opinions* a propos d’un object particulier (Note : qui implique donc un *minimum de désaccord* entre participants)” (Kerbrat-Orecchioni, 1990 :118)

Ainda segundo Charaudeau e Ghiglione (2000:69-70), o “discurso de controvérsia”, que entendemos como *polémico*, próprio do mundo político, pode ser objecto de dois tipos de encenação televisiva:

- a primeira, que consiste em colocar dois políticos frente a frente com ideias antagónicas e em que cada um tenta derrubar o outro verbalmente
- a segunda, que consiste em confrontar vários pontos de vista sobre o mesmo assunto não necessariamente contrários

⁷⁵ No Capítulo III fazemos uma análise deste programa como cruzamento entre vários tipos de discurso.

⁷⁶ Para Kerbrat-Orecchioni o discurso polémico implica três actantes abstractos, a saber: “(...) *un locuteur polémiste, qui vise à desacréditer; une cible aux yeux d’un; destinataire, que L cherche à se constituer comme complice.*” (Kerbrat-Orecchioni, 1999:175) [negritos nossos]. Nesta linha, Orecchioni acrescenta que o discurso polémico se caracteriza por: “*la cible est nécessairement mentionné dans l’énoncé : même lorsqu’elle n’est pas clairement et nommément désignée, elle doit être suffisamment identifiable pour que le discours puisse être perçu comme polémique; que l’énonciateur-émetteur, et à un moindre degré l’énonciateur-récepteur, sont en général inscrits avec une certaine insistance dans la surface textuelle : à la différence des discours scientifique (...) et didactique (...) le discours polémique est en principe fortement marqué énonciativement.*” (Kerbrat-Orecchioni, *ibidem*)

O caso de *Prós e Contras* enquadra-se no segundo tipo de encenação, naquilo que os autores designam por uma *ágora* (debate disciplinado)⁷⁷, em que cada um intervém com a sua opinião, e estabelece com os outros participantes relações de coligação ou de oposição.

Embora assentando no mesmo princípio de confronto de ideias defendido por K. Orecchioni, a definição de discurso polémico segundo R. Amoussy (2000) é mais radical e agónica, na medida em que o objectivo do locutor se resume a destruir a argumentação do alocutário, que é visto como um inimigo a abater:

“Il [le discours polémique] s’agit **d’une confrontation d’opinions** mettant l’accent sur la divergence des points de vue en refusant et en attaquant les arguments de l’autre, sans se soucier de les considérer sérieusement. La polémique repousse les compromis – elle s’oppose en cela à la négociation – et considère que la position adverse est un ennemi à abattre (...). Agonale, elle fait usage d’une violence plus ou moins affichée et tend à glisser vers la délégitimation de l’opposant en usant aussi bien d’arguments ad hominem, qu’ad rem. **Elle dresse ainsi un Proposant sourd aux raisons de l’autre, contre un Opposant qui est considéré comme un ennemi à vaincre plutôt qu’à convaincre (...)**” (R. Amoussy, 2000: 209) [negritos nossos]

Gemma Herrero (2000), na linha de Orecchioni, caracteriza também o discurso polémico ao nível da conversação, enumerando as seguintes propriedades (*apud* Herrero, 2000:1584-1585):

- “*es de naturaleza verbal (oral)*”, na medida em que se refere à polémica ao nível de um tipo de interacção verbal em que se insere a conversação;
- “*es de tipo dialógico*”, na medida em que existem pelo menos dois interlocutores que apresentam posições antagónicas ou contrárias; o dissenso é condição para haver polémica;
- “*se desarrolla cara a cara*”, uma vez que os interlocutores devem estar presentes no mesmo espaço, embora o autor reconheça que pode haver situações em que um dos interlocutores não está presente mas cujo discurso é difundido por telefone ou por satélite;
- “*contiene como rasgo inherente el **desacuerdo** o la disensión entre dos manifestaciones que se **confrontan**, o dos polemizadores que se **enfrentan***” (sublinhados do autor), ou seja, o discurso polémico radica numa expectativa de desacordo, de dissenso;

⁷⁷ Os autores atribuem a designação de *fórum* a uma organização não disciplinada, por oposição à *ágora* que é uma organização disciplinada (cfr. Charaudeau, P. e Ghiglione, R. 2000:70).

- “*presenta un blanco, un objetivo sobre el que recae el desacuerdo*”; o autor considera que podem ser alvos do ataque o interlocutor, o conteúdo do seu discurso ou a forma e intencionalidade do mesmo.

Em *Prós e Contras*, a dimensão mais radical de discurso polémico apresentada por R. Amossy é mais vezes usada pelo painel Contra, designadamente por Fernando Rosas, que chega mesmo a usar argumentos *ad personam*⁷⁸ contra a Ministra das Finanças em exercício, Manuela Ferreira Leite:

FR⁷⁹: deixe-me dizer (..)(.) no discurso cultural (..)(‘) que é uma espécie de novo discurso neo-decadentista (..)(.) que portugal vem por aí abaixo(,)(‘) há uma decadência (,)(‘) finalmente (,)(-) apareceu um governo que (..)(‘) uma espécie de (,) neo-bonapartismo que nos vai endireitar com (-)(..) por obra de uma espécie de (,)(-) **por uma espécie de salazar de saias adaptado ao século vinte que é a (..) (-) que é a ministra das finanças** (..)(.) eh este discurso (,)(-) este discurso

FCF: salazar de saias adaptado ao século vinte e um (?) [risos público]

FR: uh eh exactamente (..)(.) eh exactamente (..)(,) [risos público]

FCF: está a referir-se à doutora manuela ferreira leite (?) [risos público]

FR: a receita a receita a receita financeira (..)(-) a receita financeira da doutora manuela ferreira leite (,) d’um ponto de vista teórico (..)(‘)é muito semelhante à receita do salazar em mil novecentos e vinte e oito (!)(‘)(..) [...] {T25, 00:57-1:37}

Numa perspectiva mais ou menos radical, o discurso polémico visa sempre uma desacreditação do alocutário, estratégia que é seguida desta vez por Medina Carreira, do painel Pró, quando invoca a sua autoridade, antiguidade e logo superioridade em relação aos “*débatteurs*” do painel Contra, no que diz respeito à matéria económica da justiça fiscal:

FCF: mas(,)(‘) ó ó professor medina carreira (,) a reforma fiscal (,)(0) por um lado(,)(‘) e a reforma do sistema(,)(‘) a: não são por exemplo uma pedra de toque um.ito importante e basilar para dois mil e três(?)

MC: ó fátima **quando nenhum destes senhores falava de justiça social (,)(‘) já eu falava (..)(‘) e já apresentava soluções**

FR: [XXXXXX eu também já tenho uma certa idade]

MC: **ai já já já (,)(‘) já já já já já**

RC: [XXXX há que reconhecer a preocupação com a justiça fiscal mas (,) mas enfim (‘)(..) XXXX

MC: **já** eu não me lembro de nenhum dos presentes falar disso quando eu falava (,)(‘) bom (,)(.) portanto **eu não venho aprender a prioridade da justiça fiscal aqui** (!)(‘)(..) [riso de RC] **nem aqui nem ali** (!)(‘)(..) **em parte nenhuma** (,)(.) agora (,)(.) é preciso ter a noção da

⁷⁸ C. Plantin (1996:86-87) inscreve este tipo de argumentos no âmbito do ataque pessoal e distingue a “*refutação ad hominem*” (argumentação que visa desacreditar e descredibilizar o discurso do outro), da “*argumentação ad personam*”, i.e. o ataque pessoal, o insulto. C. Plantin acrescenta que, apesar de a deontologia da interação e as regras de delicadeza não permitirem o insulto ao adversário, a ironia sobre o adversário pode provocá-lo a ponto de o seu comportamento consequente prejudicar a sua imagem. Neste caso, o destinatário do “insulto”, Manuela Ferreira Leite, não é alocutário de Fernando Rosas, o que não impediu as várias reacções, por parte da moderadora e do público, e a manifestação de censura de Pacheco Pereira.

⁷⁹ Confrontar Anexo A para as siglas dos participantes do corpus que constitui o debate.

sociedade que somos (,)(‘) da máquina administrativa que temos (,)(‘) e dos maus hábitos que estão instalados na vida portuguesa (.)[...]{}T30, 3: 49-4:29}

2.3.2.2. *Prós e Contras* – formato e ritualização

O programa televisivo *Prós e Contras* obedece a um formato pré-estabelecido e ritualizado que é comum a outras emissões da mesma série e que pode ser resumido pelo seguinte esquema:

1ª Parte	<ol style="list-style-type: none"> 1. saudação e anúncio da questão em debate 2. anúncio dos convidados presentes no debate 3. anúncio de uma mini-repostagem audiovisual 4. anúncio da sondagem televisiva 5. debate 6. entrevistas (IK, JMP) 7. retoma do debate 8. anúncio do resultado provisório da sondagem 9. anúncio do intervalo
Intervalo	
2ª Parte	<ol style="list-style-type: none"> 10. início da segunda parte 11. debate 12. entrevistas (LB, MS) 13. debate 14. anúncio do resultado provisório da sondagem 15. anúncio do intervalo
Intervalo	
3ª Parte	<ol style="list-style-type: none"> 16. início da terceira parte 17. debate 18. entrevistas (CF, LS, RF, JC) 19. menção de que o tempo escasseia, explicitação do fim do programa 20. pedido a cada um dos painéis que faça o último comentário 21. revelação do resultado final da sondagem 22. agradecimentos e encerramento

Tabela 4: Esquema da estrutura do programa *Prós e Contras*.

Seguem-se excertos exemplificativos dos principais momentos que marcam o desenvolvimento estrutural do programa *Prós e Contras*. Cabe também à moderadora o papel de estruturação do programa:

1. *saudação, enquadramento sócio-económico e político do país e anúncio da questão em debate*

FCF: **boa noite** (...) dois mil e três (...) é um grande desafio à nossa condição de povo e estado de nação (...) partimos (...) com a convicção de que não vais ser fácil (...) [pessimismos e optimismos à parte (...) o novo ano (...) vai exigir que todos estejam à altura (...) políticos (...) empresários (...) trabalhadores e cidadãos em geral (...) aos governantes pede-se que conduzam com sabedoria as reformas necessárias (...) e aos cidadãos (...) que sejam produtivos (...) inovadores (...) e alterem atitudes (...) [é por isso (...) que esta noite (...) vamos equacionar a vida política (...) económica (...) e social numa altura em que a união europeia se prepara para mais um salto (...) e nós (...) **dois mil e três vai ser um ano bom ou mau para portugal** (...) **aí está a pergunta lançada a debate** (...) [T1, 0:00-1:22}

2. anúncio dos convidados do debate e do programa

FCF: [...] esta noite (...) **convidámos pacheco pereira, rui rio e medina carreira** [aplausos] e ainda **ruben de carvalho, fernando rosas e manuel maria carrilho** [aplausos] [T1, 1:23-1:40}

FCF: [...] como habitualmente neste programa prós e contras **na plateia há sempre testemunhos que vamos ouvindo ao longo do programa** mas **hoje** há também três convidados especiais (...) são três jornalistas (...) directores de três jornais (...) e que nos vão dar (...) as suas opiniões para o ano de dois mil e três (...) **sérgio figueiredo do jornal de negócios, inês serra lopes do jornal independente e josé manuel fernandes do jornal público** [aplausos] [T2, 0:35-1:00}

3. introdução de uma mini-reportagem audiovisual caracterizadora do estado da nação que reforça o enquadramento socio-económico feito pela moderadora

FCF: [...] vamos agora saber que perspectivas nos esperam para 2003 (...) (segue-se a reportagem) {T?}

4. anúncio da sondagem televisiva - convite aos telespectadores para participarem no debate (sob a forma de mensagens escritas) e instruções para o fazerem

FCF: e quem nos está a ver (...) tem também com certeza uma opinião sobre se dois mil e três vai ser um ano bom (...) ou mau para portugal (...) **quer seja pró ou contra já sabe que pode participar neste programa e para fazê-lo é simples** (...) basta ir às **mensagens do seu telemóvel** se achar que dois mil e três vai ser um ano bom (...) escreva PEC dê um espaço (...) escreva bom (...) e envie para o quatro mil e dois (...) [T2, 0:00-0:22}

5. primeira atribuição da palavra com interpelação de P1 (Pacheco Pereira), no painel Pró, (lançamento da pergunta e cedência de vez)

FCF: [...] doutor pacheco pereira boa noite(..)(.) o senhor está sentado no painel que denota alguns sinais de optimismo(..)(.) [...] mesmo assim he eu gostava de de de saber (..)(‘) o que é que o leva a ser optimista(..)(‘) o que é que o leva a assumir essa posição(..)(‘) e a acreditar(..)(.)[...] {T2, 1:08-1:29}

6. *entrevistas (IK, JMP)*

FCF: certo certo (.) (‘) é que: (-)(‘) se (-)(‘) há grupo (‘) na sociedade portuguesa que tem contribuído (‘) (‘) (respiração) para o aumento do crescimento económico (‘) (‘) (respiração) aa: no país (‘) (‘) é: o grupo dos emigrantes (‘) (‘) os emigrantes que estão (‘) em portugal (‘) (‘) que vieram (‘) para portugal para trabalhar (‘) (‘) é o caso por exemplo dos imigrantes de leste (‘) eu **tenho aqui comigo inna koziar** (‘) (‘) **é médica** (‘) (‘) **a está a estagiar no hospital de santa maria** (‘) (‘) é claro que não chegou a portugal logo e não exerceu a medicina (‘) (‘) mas a inna koziar tem uma frase que que é esta (-)(‘) se fôssemos à ucrânia (‘) (‘) e ficássemos lá uns tempos (‘) (‘) então é que íamos ver(‘) (‘) o que é que eram dificuldades (‘) (‘) isto em portugal não é nada (-)(‘) é verdade inna (?)(‘) {T6, 1:54-2:24}

FCF: **tenho aqui (-)(pausa)[palmas] josé manuel pereira que tem uma opinião c o m p l e t a m e n t e distinta (-) creio eu (-) de portugal** (‘) (‘) é português(‘) (‘) vive no alentejo (‘) (‘) em portalegre(‘) (‘) [inspiração] a:m e a e quer emigrar (‘) (‘) acha que em portugal não há condiç ã e s (-) (‘) nem para ele (‘) nem para os filhos(‘) (‘) por quê(?) (‘) qual é a sua: qual é a sua actividade(?)(‘) (‘) o que é que o senhor faz em portalegre (?)(‘) (‘) {T7, 0:07-0:26}

7. *anúncio do resultado provisório da sondagem*

FCF: [...] vamos agora (‘) (‘) avaliar (‘) (‘) o resultado da consulta pública que lançámos no início do programa (‘) (‘) (respiração) aos portugueses que estão em casa a ver este programa (‘) (‘) dois mil e três vais ser uma ano bom (‘) (‘) ou mau para portugal (‘) (‘) (?) **sessenta e cinco por cento acredita que vai ser um ano b o m** (‘) (‘) (!) ainda bem(‘) (‘) tantos optimistas (‘) (‘) (riso) e trinta e cinco por cento (‘) (‘) **só trinta e cinco por cento acredita que vai ser um ano mau** (‘) (‘) vamos então fazer aqui um curto intervalo (‘) (‘) nós voltamos já para continuar este debate sobre as perspectivas (‘) (‘) para dois mil e três no prós e contras(‘) (‘) até já (‘) (!) {T10, 3:07-3:38}

8. *anúncio do intervalo*

FCF: [...] **vamos então fazer aqui um curto intervalo**, nós voltamos já para continuar este debate sobre as perspectivas para dois mil e três no prós e contras (‘) (‘) até já (‘) (‘) [aplausos] {T10, 3:29-3:39}

9. *início da segunda parte e retoma do debate*

FCF: [...] **prós e contras segunda parte** (‘) (‘) **vamos então começar aqui pelo ruben de carvalho** [...] {T11, 0:00-0:04}

10. entrevistas (LB, MS)

FCF: [...] a verdade é que a e d u c a ç ã o (,)(')teve sempre p r o b l e m a s em portugal (..)(.) {T12, 7:10-7:13} a: digamos que nos últimos anos o acesso à educação foi muito mais fácil(,)('), é muito maior(,)(') uma grande percentagem da população portuguesa(,)(') já tem acesso à educação(,)(') e sobretudo (,)(')nunca é tarde para aprender (,)(')a ler (,)(-)e a escrever(..)(.) pois não (-) seu dona lourença barreto barrento(,)(?) a senhora vive no alentejo numa (,)(-) numa terra muito bonita(,)(') não é(,) (?) marvão (,)(!) marvão(..)(.) é uma das terras mais bonitas do país(,)(!) {T13, 0:04-2:27}

FCF: mas há (,)(-)alguns exemplos(,)(') a: no país que nos dão coragem que nos dão estímulo que nos dão confiança (,)(')para continuarmos(,)(')e sobretudo que nos dão determinação para existirmos (,)(')como povo e nação independente(..)(.) a: margarida(,)(') não é (,) (?)margarida(,)(') margarida silva(,)(.) tem(,)(-) quantos anos(..)(?) dezoito anos (..)(!) é estudante do primeiro ano do curso de engenharia biomédica(,)(') e recebeu um prémio de ciência internacional(,)(.)um prémio de investigação(,)(.) a margarida está certamente orgulhosa(,)(-) [aplausos]{T14, 0:17-0:48}

11. anúncio do resultado provisório da sondagem

FCF: [...] vale a pena olharmos novamente para o resultado à consulta dos portugueses (,)(') dois mil e três vai ser um ano bom ou mau(,)(') se ss e n t a e nove por cento (..)(!) muito optimistas continuam os portugueses acreditam que sim(,)(') que vai ser um ano bom (..)(!) e: trinta e um por cento pensa (,)(') que: não(..)(.) aa: que vai ser um ano mau(..)(.)T17, 0:00- 0:36}

12. anúncio do intervalo

FCF – [...] voltamos já para a terceira parte do prós e contras(..)(.) o intervalo é curto(..)(.) [aplausos]{T17, 0:36-0:39}

13. início da terceira parte e retoma o programa

FCF: [...] prós e contras terceira parte (...)(.) uma das dificuldades que os portugueses têm [...] {T18, 0:00-0:05}

14. entrevistas (CF, LS, RF, JC)

FCF: [...] o carlos fontinha é um dos beneficiários do micro-crédito (..)(.)qual é a sua profissão (,)(?) o que é que o carlos faz(,)(?) [...] {T18, 0:30- 0:36}

FCF: [...] luís souza (,)(') a: que tem uma empresa (,)(') aliás tem duas empresas(,)(') dum perfil completamente diferente (..)(.) ele tira partido (,)(')do mau momento que o país atravessa (..)(.) luís souza tem duas empresas de recuperação de dívidas (,)(') não é(,) (?) qual é exactamente o seu trabalho (,)(?) [vaia do público][...]{T19, 0:03-0:21}

FCF: o desemprego não tem (') não afecta só: (-)(,) as obras a a construção civil (') (,) e neste caso por via das obras públicas (') (,) afecta muitos outros sectores da vida nacional (') e

particularmente aqueles (-)(,) a sectores mais industriais (‘)(,) por exemplo a desl o c a l i z a ç ã o de empr e s a s (-)(,) estrange i ras para países da europa particularmente de leste (-)(,) que oferecem (-)(,) condições melhores que as nossas (-)(,) já é um facto (‘)(,) a: há várias fábricas (-)(,)de têxteis quer no norte do país quer mesmo aqui no sul do país (‘)(,) rosário fontinha (-)(,) é uma dessas vítimas (‘)(,) uma operária têxtil (-)(,) a: creio que a sua fábrica (-)(,) vestus é na zona de setúbal (‘)(,) {T21, 4:18-4:47} a: e está desempregada (.) (,) a fábrica saiu de portugal (.) (,) não foi assim(?) (..) {T22, 0:00-0:05}

FCF: **joão carreira** (..)(!) [aplausos.] e para que não digam (,)(‘) que em portugal (,)(-) não há tecnologia de ponta (,)(‘)está aqui (,)(-)o joão carreira (,)(‘)que nos vai desmentir (,)(‘)essa ideia(..)(.) a: o joão carreira (..)(‘) a:m (,)(‘)é juntamente com outrosz quatro creio eu engenheiros da zona de coimbra(,)(‘) **proprietário (,)(‘)de uma empresa que se chama (..)(-) a: critical software**(..)(‘) que (,)(‘) desenvolve (,)(‘)software ultra-crítico(,)(‘) é especialista em blindagem (,)(‘)de software a: para por exemplo prevenir crashes(,)(‘) não é(,)(‘) e até já tem uma uma uma filial(,)(‘) a: no mítico vale americano the silicon valley(,)(‘)a: o vale tecnológico onde nasceu tanta tecnologia da américa(..)(.) como é que foi(,)(‘) como é que tiveram essa ideia de formar essa empresa e como é que ela teve tanto sucesso rapidamente(,)(?) {T22, 3:00-3:51}

15. *retoma do debate*

FCF: **professor medina carreira** (..)(.) a verdade é quee: parece que este senhor lhe vem dar razão (..)(,) o individamento das famílias portuguesas (‘)(,) é de facto muito alto (..)(.) {T20, 0:00-0:08}

16. *menção de que o tempo escasseia, explicitação do fim do programa*

FCF: [...] ora bem (‘) nós (...)(‘) e s t a m o s (...)(‘) a caminhar para aa fase final (,)(‘) deste programa prós e contras(,)(‘) é **chegada a altura de ouvirmos (,)(‘) as c o n c l u s ã o e s finais** (..)(.) [...] {T32, 1:36-1:48}

17. *pedido a cada um dos painéis que faça o último comentário*

FCF: [...] eu vou pedir a uma das pessoas de cada (..)(‘) um (..)(‘)dos dois painéis (...)(‘) pacheco pereira (,)(‘)em primeiro lugar (..)(.) conclusões finais(..)(.) {T32, 1:48-1:55}

FCF: [...] manuel maria carrilho(..)(.) {T34, }

18. *revelação do resultado final da sondagem*

FCF: [...] ena (..)(!) antes então das conclusões finais **vamos aqui olhar para o gráfico(..)(!)** estamos melhor que os brasileiros(,)(!)mais optimistas que os brasileiros depois da (,)(‘) da tomada de posse do presidente lula(..)(!) dois mil e três vai ser um ano bom ou mau para portugal (,)(‘) setenta e um por cento segundo esta consulta(,)(‘) lançada pelo programa prós e contras(,)(‘) **setenta e um por cento acha que vai ser um bom ano(,)(.)mas (,)(‘)vinte e nove por cento(,)(‘) e decresceu acha que não (,)(‘)que vai ser um mau ano(..)(.)**[...] {T32, 2:00-2:26}

19. Agradecimentos e encerramento

FCF: aqui ficou então (,)(‘)uma semente de esperança para dois mil e três(,)(‘)**estamos de facto a terminar este primeiro programa prós e contras de dois mil e três(,)(‘)** resta-me agradecer (,)(‘) aos dois painéis [...] quero agradecer aos dois painéis (,)(‘)a disponibilidade para estar aqui esta noite(,)(‘) neste programa que foi mais longo (,)(‘)até do que o habitual(,)(‘) **quero agradecer também ao público aqui presente(,)(‘) à academia portuguesa de aikidu(,)(‘) junta de freguesia de assomar(,)(‘) e os alunos(...)(‘) [aplausos contínuos até ao final] e os alunos do ciclo recorrente de fronteira de galegos(,)(‘) perto de marvão (,)(‘)quero também agradecer(,)(‘) às pessoas que em casa (,)(‘)tiveram a paciência (,)(‘)e a atenção (,)(‘)de acompanhar mais este prós e contras (,)(‘) pessimismo(,)(-)optimismo para dois mil e três(,)(‘) sabemos sim (,)(‘)que vamos iniciar o ano (,)(‘)com determinação(,)(.) **obrigada e boa noite** (..)(.) {T34, 2:20-3:20}**

Do ponto de vista discursivo, o programa *Prós e Contras* é, à semelhança da quase totalidade dos discursos do nosso quotidiano, um espaço de heterogeneidade composicional de enunciados, de onde se destaca o género *debate* que serve de objecto de estudo deste trabalho, embora outros tipos de discurso irrompam ao serviço do debate, como a *entrevista*⁸⁰, a peça audiovisual que funciona como documentário na primeira parte do programa⁸¹ ou as mensagens escritas enviadas pelos telespectadores que circulam em rodapé no ecrã de televisão⁸².

Ainda do ponto de vista estrutural, há que reiterar a já mencionada centralidade da moderadora como condutora e reguladora do debate, a quem cabem as funções de balizar a abertura e o encerramento do programa, de gerir as tomadas de vez dos participantes no

⁸⁰ C. Kerbrat-Orecchioni considera a *entrevista* como um tipo de interacção verbal que, ao contrário do debate e da conversação, se caracteriza por uma dissimetria dos papéis interaccionais dos participantes, na medida em que o entrevistador tem como objectivo “extirpar” informações ao entrevistado, o qual, por sua vez, tem como única função fornecer-lhe respostas: “*Mais s’il n’est pas possible de dire qui domine, dans l’interview, il est certain que celle-ci se caractérise (à la différence de la conversation et du débat), par une dissymétrie des rôles interactionnels, l’interviwer ayant pour mission d’extirper par ses questions certaines informations de l’interviewé, lequel a pour tâche de les fournir par ses réponses (...)*” (C. Kerbrat-Orecchioni, 1990: 119-121).

Neste programa, a entrevista é um tipo de discurso ao serviço da orientação conteudística do debate feito pela moderadora, que tem como função ilustrar com exemplos vivenciais aspectos da conjuntura portuguesa que aquela pretende ver debatidos. Ao mesmo tempo, a entrevista é o único tipo de interacção que a moderadora estabelece com os participantes do público, que não estão contudo convidados a participar no debate, ao contrário dos directores dos jornais.

⁸¹ Cfr. Anexo C. Trata-se de uma peça audiovisual com o formato de um pequeno documentário com pouco mais de 2 minutos em que uma voz feminina apresenta a conjuntura política, económica e social de Portugal à entrada do novo ano de 2003. A voz é acompanhada de uma montagem de imagens alusivas aos vários assuntos abordados. A função desta peça é a de legitimar a apresentação do estado da nação feita imediatamente antes pela moderadora.

⁸² As mensagens escritas enviadas por telemóvel e difundidas no rodapé do ecrã de televisão funcionam como mais um espaço de intervenção dos telespectadores no programa, para além da sondagem de opinião lançada no início do programa. A natureza muito específica e ainda pouco estudada deste tipo de discursos não será aqui analisada por se afastar dos objectivos deste trabalho, embora constitua uma amostra muito interessante do impacto que o debate está a ter em tempo real no telespectador. Este espaço discursivo representa mais um alargamento democrático do fórum em que decorre o debate à sociedade civil.

debate e os conteúdos que pretende ver debatidos e de assegurar que as atribuições da palavra são temporal e democraticamente equilibradas para cada um dos dois painéis intervenientes. Obedece ao formato ritualizado do programa a composição do quadro de participantes: os dois painéis Pró e Contra, com três participantes em cada lado, e os convidados do público, que se sentam na primeira fila da plateia e que servem de motivação para novas lançar questões para o debate.

Neste sessão do programa *Prós e Contras*, a moderadora convida três convidados especiais, cujo estatuto será analisado no ponto seguinte, que não costumam fazer parte do quadro participativo deste programa: os directores de jornais. Foge também à regra do formato do programa a duração desta sessão, que se aproxima normalmente de uma hora e meia e que nesta emissão rondou as três horas. A dimensão televisiva da emissão em directo coaduna-se também com o formato do programa, marcado pela espontaneidade e pelo improvisado das intervenções, a par da sondagem dos telespectadores que serve de pano de fundo ao debate.

2.3.2.3. O objectivo comunicativo de *Prós e Contras*

K. Orecchioni (1990: 79) entende que “o objectivo da interacção verbal se localiza entre o quadro espacio-temporal, que possui muitas vezes uma finalidade própria, e os participantes, que possuem os seus objectivos individuais”. A autora baseia-se novamente em Brown e Fraser (1979) para apresentar uma tipologia de três níveis de objectivos subjacentes à interacção verbal:

“(…) le «**maxi-purpose**», ou but global de l’interaction (ex.: «visite chez le médecin»), et les «**mini-purposes**», buts plus ponctuels qui correspondent à chaque acte de langage particulier réalisé au cours du déroulement de l’interaction ; ainsi qu’un niveau intermédiaire, celui des «**tasks**» (qui correspond en gros à l’unité qu’on appellera plus loin «séquence»).” (K. Orecchioni, 1990: 79) [negritos nossos]

Na descrição do debate *Prós e Contras* faremos apenas referência aos objectivos globais ou “maxi-purposes” deste tipo de interacção, na medida em que pretendemos associar este aspecto do quadro comunicativo à caracterização do debate como um género. Da mesma forma, teremos apenas em consideração os objectivos pré-existentes ou “exteriores”⁸³ à concepção do debate *Prós e Contras*, e não os objectivos internos que vão sendo construídos ao longo do debate ou negociados pelos participantes.

⁸³ Orecchioni distingue ainda os objectivos externos dos objectivos internos à interacção: “Comme d’autres composantes du contexte, on verra, les buts préexistent dans une certaine mesure à l’interaction, et lui sont donc extérieurs ; mais ils sont en même temps construits dans l’interaction, et négociés en permanence entre les participants, qui peuvent avoir des objectifs divergents (...)” (K. Orecchioni, 1990: 80)

Da análise da configuração do espaço e dos papéis dos participantes envolvidos, o debate *Prós e Contras* surge assim como um espaço de “realização da democracia directa, ou do seu mito” (Charaudeau e Ghiglione, 2000: 148), na medida é palco de uma teatralização, simulando a *ágora*, a praça pública onde povo e governantes discutem, cara a cara, os assuntos da actualidade nacional, em situação de igualdade aparente. A mediatização televisiva do debate e a sua difusão em directo para milhões de telespectadores levam esta encenação democrática a casa dos portugueses, convidando-os a participarem nela, quer assistindo ao programa, quer enviando as suas opiniões via *sms*⁸⁴. O debate *Prós e Contras* cumpre desta maneira os ideais do exercício da democracia, convocando e reunindo todos seus membros, não apenas confinada aos limites do parlamento, mas estendendo o parlamento às fronteiras nacionais.

Prós e Contras desempenha, portanto, objectivos variados que podem resumir-se nos seguintes tópicos:

- Esclarecimento da sociedade civil acerca das políticas tomadas pelos governantes que elegeram
- Ponto de intersecção e de articulação entre os vários elementos que compõem o estado democrático (governantes, oposição, cidadãos)
- Discussão dos grandes temas da actualidade nacional
- Publicitação perante os representantes do governo presentes de casos representativos de dramas colectivos trazidos a estúdio sob a forma de testemunhos
- Oportunidade de avaliação do desempenho da política do governo
- Instrumento de divulgação ideológico-política e de persuasão

Os objectivos em cima explanados subjacentes ao debate televisivo vão, na verdade, de encontro ao papel que os *media*, em geral, desempenham na construção daquilo que Charaudeau e Ghiglione designam por “palavra da controvérsia”, tipo de discurso que representa o imaginário da democracia:

“Palavra de controvérsia: que consiste em **confrontar dois ou vários pontos de vista sobre uma questão colocada em debate, com o intuito de esclarecer diversos aspectos da questão tratada** (fazendo emergir verdades parciais), de maneira que os espectadores possam

⁸⁴ A participação dos telespectadores manifesta-se de duas maneiras ao longo do debate: através de comentários que enviam via *sms* para o programa e que passam continuamente em rodapé no écran de televisão; ou através de um voto sim ou não como resposta à questão lançada no início do programa “2003 vai ser um ano bom ou mau para Portugal?” e que pretende reflectir as expectativas dos portugueses em relação ao ano que se avizinhava. Os resultados desta sondagem eram continuamente exibidos num écran no estúdio e revelados ao fim de cada parte pela moderadora.

construir a sua própria verdade através de um acto de *deliberação*. Este tipo de discurso é o que justifica o imaginário da democracia.” (Charaudeau e Ghiglione, 2000: 70) [negritos nossos]

Restará, assim referir talvez o mais importante objectivo deste debate: funcionar como ponto de ancoragem para a construção da verdade por parte de cada cidadão português.

2.3.2.4. Os participantes ou o “quadro participativo” de *Prós e Contras*

O programa *Prós e Contras* em análise apresenta um quadro participativo constituído por uma *moderadora* (a jornalista Fátima Campos Ferreira [FCF]), por dois *painéis de participantes* no debate (constituídos por três intervenientes em cada ala), ideológica e politicamente oponentes, e que representam respectivamente os sectores *pró (P)* e *contra (P’)* em relação a uma determinada questão, por vários elementos do público presente na audiência, que são convidados pela moderadora a dar o seu testemunho, por três convidados especiais directores de jornais (a negrito na figura em baixo), e pelo público espectador no estúdio e telespectador em casa. Temos assim uma estrutura de polílogo, na medida em que existe um sector do público que participa na interacção:

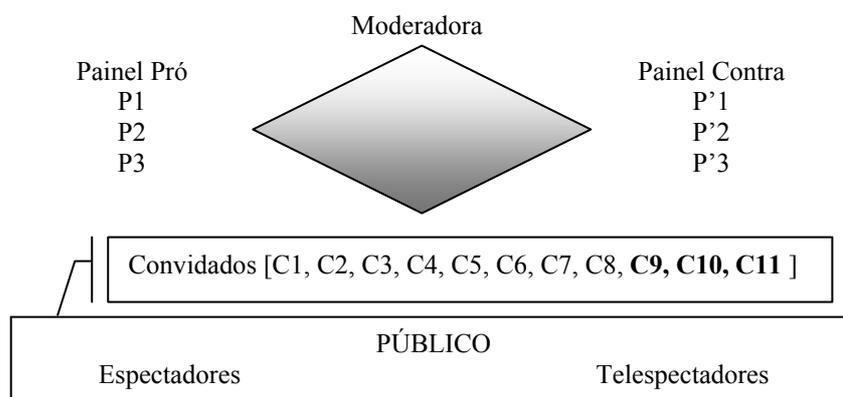


Figura 7: Quadro participativo do debate televisivos *Prós e Contras*.

Fazem parte do painel Pró os seguintes convidados representativos da facção ideológica do governo em exercício:

- Pacheco Pereira [PP]
- Rui Rio [RR]
- Medina Carreira [MC]

Compõem o painel Contra os seguintes participantes representativos da oposição:

- Manuel Maria Carrilho [MMC]
- Fernando Rosas [FR]
- Ruben de Carvalho [RC]

Pela função e estatuto social que assumem, é possível atribuir aos seis participantes de ambos os painéis o estatuto do “político”, no que respeita ao papel desempenhado no debate, segundo a definição proposta por Charaudeau e Ghiglione:

“**Político**, estatuto do qual se espera que seja produzida uma «palavra empenhada» a respeito da governação da Nação(...)”(Charaudeau, P. e Ghiglione, R. 2000: 58) [negritos nossos]

O confronto de ideias antagónicas, próprio do debate, decorre assim da oposição partidária e ideológica entre os dois painéis, na medida em que, no painel Pró, estão os representantes do partido do governo PSD em exercício (com excepção de Medina Carreira, que é independente), e no painel Contra os representantes dos principais partidos da oposição, designadamente o Partido Socialista (com Manuel M. Carrilho), o Bloco de Esquerda (com Fernando Rosas) e o Partido Comunista Português (com Ruben de Carvalho). Pelo seu estatuto de políticos foram convocados para participarem neste debate público, o que lhe confere o estatuto discursivo de “débatteurs” no plano da interacção verbal do debate.

Formam o grupo dos *directores de jornais*, que também possuem o estatuto de “débatteurs”, os seguintes convidados especiais:

- Inês Serra Lopes [ISL]
- Sérgio Figueiredo [SF]
- José Manuel Fernandes [JMF]

Estes participantes, cuja presença é assinalada pela moderadora como excepcional, participam no debate com o estatuto de *vozes da autoridade*, ou de “especialistas” na designação de Charaudeau e Ghiglione:

“**Especialista**, estatuto do qual se espera uma «palavra sábia» e que tem o poder de explicar os fenómenos do mundo ou da sociedade.” (Charaudeau, P. e Ghiglione, R. 2000: 59) [negritos nossos]

A sua especialização em matéria de política nacional decorre, não do exercício da actividade política, à semelhança dos elementos dos dois painéis Pró e Contra, mas antes da sua

profissão de jornalistas e de directores de jornais, o que os coloca numa posição privilegiada de *opinion makers* por serem os responsáveis pelos conteúdos e pelos moldes de difusão da informação. O papel de *opinion maker* é além disso legitimado pelo estatuto de comentadores políticos que muitas vezes assumem, seja nas colunas de opinião dos jornais que dirigem, seja em programas televisivos para que são convidados.

Integram-se no grupo dos cidadãos entrevistados, da *vox populi*, representativo da sociedade civil:

- ♦ Inna Kozyar [IK]
- ♦ José Manuel Pereira [JMP]
- ♦ Lourença Barrento [LB]
- ♦ Margarida Silva [MS]
- ♦ Carlos Fontinha [CF]
- ♦ Luís Sousa [LS]
- ♦ Rosário Fontinha [LS]
- ♦ João Carreira [JC]

Estes participantes no programa não intervêm, porém, no debate propriamente dito, embora os seus testemunhos tenham uma função muito evidente de influenciar o curso do debate, enquanto exemplos de vida, enquanto alvos da aplicação das políticas ditadas pelos políticos representados em ambos os painéis. A sua participação enunciativa é paralela ao debate e articula-se com este sob forma de entrevista⁸⁵, quando postos em interacção com a moderadora, que assume nestes momentos a função de *entrevistadora*. Pela sua localização no espaço do debate (a plateia), assumem o estatuto de representantes do público, de *voz do Povo*, do “cidadão”, ou do “senhor fulano”, segundo a definição de Charaudeau e Ghiglione, ao contribuirem com o seu testemunho vivencial:

“*Cidadão*, anónimo, do qual se espera uma «palavra de testemunho» sobre os problemas de cidadania. *A senhora e o senhor fulano*, outro anónimo do qual se espera igualmente uma «palavra de testemunho», mas desta vez relativamente ao papel (vítima, beneficiário, acusador, etc.) que ela/ela viveu e da razão por que foi convidada(o).” (Charaudeau, P. e Ghiglione, R. 2000: 59) [negritos nossos]

Outra categoria de participantes é o *público* constituído por:

- ♦ a audiência de espectadores que assistem ao debate em estúdio e que intervêm com aplausos e outras manifestações não verbais, como risos, gargalhadas e vaias;

⁸⁵ Para a definição de *entrevista*, cfr. *rodapé* 32 capítulo I.

- a massa anónima de telespectadores que em casa assistem ao programa e que também nele participam sob a forma de mensagens escritas por telemóvel ou através do seu contributo para a sondagem televisiva.

O público é, como já foi notado antes, o destinatário último e principal de todos os discursos proferidos pelos “débateurs”, o alvo que se pretende convencer e para quem se destinam verdadeiramente todas as manobras argumentativas dos políticos. De acordo com o objectivo e o assunto tratados, diferentes sectores deste público são seleccionados como destinatários, ora o grupo dos desempregados, ora o grupo dos estudantes e dos jovens, ora o grupo dos contribuintes, etc.. Como veremos adiante (capítulo IV, ponto 4.3.) e como demonstra R. Amossy (2000:56-59), a construção da imagem do auditório é também uma estratégia argumentativa.

Finalmente, todas as intervenções dos participantes de *Prós e Contras* são articuladas pela moderadora, eixo estruturante de todo o programa, que assume duas funções fundamentais, de acordo com a taxonomia proposta por Charaudeau e Ghiglione:

- a função de “entrevistadora”, quando entrevista os convidados do público:

“o *entrevistador*: o animador coloca perguntas directas que podem pôr em causa não somente a opinião do entrevistado, mas também a sua forma de responder. **Deve provar que ele próprio está bem documentado para revelar uma certa credibilidade junto do telespectador.** (...)”(Charaudeau, P. e Ghiglione, R. 2000: 60) [negritos nossos]

- a função de “provocadora”, ao longo da gestão do debate propriamente dito, desempenhado se não todas, pelo menos as tarefas relacionadas com o desenrolar do debate propriamente dito, descritas pelos autores:

“o *provocador*: o representante da instância mediática é muito activo, tanto a montante, na preparação do debate (escolha dos convidados, disposição no estúdio, plano de realização), como ainda no próprio debate. Desempenha aqui um verdadeiro papel de animador, **apresentando os convidados, gerindo a seu bel-prazer o tempo de intervenção de cada um, distribuindo a palavra, retirando-a ou atribuindo-a segundo a sua própria vontade, provocando uns e outros, moderando os conflitos, mantendo o controlo dos temas que vão ser tratados e permitindo-se mesmo dar a sua opinião pessoal (...)**”(Charaudeau, P. e Ghiglione, R. 2000: 60-61) [negritos nossos]

São exemplos da função de entrevistadora a sequência de enunciados que se segue, em que a moderadora revela estar bem documentada a respeito das experiências dos seus convidados:

FCF: mas há alguns exemplos (,)(^c) a: no país (,)(^c) que nos dão coragem (,)(^c) que nos dão estímulo (,)(⁻) que nos dão confiança(,)(⁻) para continuarmos e sobretudo que nos dão determinação para existirmos como povo (,)(^c) e nação independente (..)(.) a: margarida, não é(?) margarida (,)(^c) margarida silva (..)(.) tem (,)(⁻) quantos anos (,)(?)

MS: dezoito

FCF: **dezoito** (^c) anos (..)(^c) é estudante do primeiro ano do curso de engenharia biomédica (..)(^c) e recebeu (^c) um prémio de ciência **internacional** (,)(.) um prémio de **investigação** (..)(.) a margarida está certamente orgulhosa (..)(.) [aplausos] {T14, 0:17-0:48}

FCF: joão carreira. [aplausos.] e para que não **digam** (..)(^c) que em portugal (,)(^c) não há tecnologia de ponta (,)(^c) está aqui o joão carreira que nos vai (,)(⁻) desmentir (,)(^c) essa ideia (,)(.) a: o **joão carreira** (..)(^c) a:m é **juntamente com outroszj quatro**(,)(⁻) **creio eu** (,)(⁻) **engenheiros da zona de coimbra** (,)(^c) **proprietário de uma empresa que se chama a: critical software** (,)(^c) **que desenvolve software ultra-crítico**(,)(^c) **é especialista em blindagem** de software a: **para por exemplo prevenir crashes**(,)(^c) **não é** (,)(?) **e até já tem** (..)(^c)**uma uma uma filial** (,)(^c) **a no mítico** (,)(⁻) **vale americano the silicon valley**(,)(^c) **a: o vale tecnológico onde nasceu tanta tecnologia da américa** (,)(.) como é que foi (,)(⁻) como é que tiveram essa ideia de formar essa empresa (,)(?) e como é que ela teve tanto sucesso rapidamente (,)(?) {T22, 3:00-3:51}

A moderadora polariza a questão que serve de tema para o programa desde o início: “2003 vai ser uma ano bom ou mau para Portugal?”. Ao longo do debate, a moderadora vai oscilando entre os dois pólos: o pólo Pró, dos optimistas que acreditam que 2003 vai ser um ano bom; e o pólo Contra, dos pessimistas que acham que 2003 vai ser um ano mau. O seu objectivo é o de provocar sempre o interlocutor, embora haja momentos em que deixa escapar que está do lado dos pessimistas, através de exclamações de surpresa, como no balanço final da sondagem:

FCF: **ena**, antes então das conclusões finais vamos aqui olhar para o gráfico (,)(.) estamos melhor que os brasileiros(,)(^c) mais optimistas que os brasileiros depois da da tomada de posse do presidente Lula (..)(!) dois mil e três vai ser um ano bom ou mau para portugal (, setenta e um por cento segundo esta consulta, lançada pelo programa prós e contras, setenta e um por cento acha que vai ser um bom ano. mas vinte e nove por cento e decresceu acha que não que vai ser um mau ano (..)(.) {T32, 2:00-2:26}

Segue outro exemplo de provocação, em que a moderadora incentiva Medina Carreira a intervir, interrompendo mesmo Fernando Rosas:

FR: [...]agora o que o estado tem depende da política tributária que segue (..)(!) porqué que o estado

FCF: **política tributária** (..)(^c) **doutor medina carreira** (..)(!) **isto é consigo**(..)(!) {T30, 0:04-0:13}

O excerto seguinte é outro exemplo da subjectividade discursiva da moderadora, que acaba por emitir a sua opinião comentando uma afirmação de Rui Rio, em evidente crítica ao orçamento destinado às autarquias em Portugal:

RR: [...]as autarquias não são uma ilha na administração pública portuguesa (,)(^o) fazem parte de um todo XXX

FCF: **eu diria que são um grande arquipélago** (..)(^o)(!)

RR: de uma cultura e de uma mentalidade e portanto [...] {T24, 0:00-0:07}

Como vimos na figura ?, a par da configuração espacial evocativa do salão-teatro, visando um efeito de fórum latino onde se discutiam os assuntos públicos, o programa *Prós e Contras* institui-se como espaço de exercício da democracia directa, traduzida na função de cada um dos elementos que compõem o seu quadro participativo.

CAPÍTULO III. *PRÓS E CONTRAS* NO CRUZAMENTO DE DISCURSOS

3.1. *A dimensão dialogal de Prós e Contras*

Retomando um pouco o que foi dito no Capítulo 1 (ponto 1.1.1.) acerca do protótipo de texto dialogal segundo a proposta de J.M.Adam (1992:154), é possível enumerar as seguintes características:

- é uma estrutura hierarquizada de sequências designadas por “trocas” (“*échanges*”⁸⁶), ou seja, pressupõe uma troca de palavras, uma troca diádica;
- há pelo menos dois tipos de sequências: sequências fáticas de abertura e de fechamento e sequências transaccionais;
- são precisos pelo menos dois participantes para que se estabeleça a interacção, embora seja possível que a interacção se estabeleça entre três, quatro ou mais participantes, o que levou K.Orecchioni e C.Plantin (1995) a introduzirem os conceitos de trílogo e polílogo;

⁸⁶ Adam define *échange* como a unidade mais pequena do texto dialogal constituída por um par de enunciados: “(...) il faut d’abord définir l’échange comme la plus petite unité dialogale. On dira ainsi que les paires élémentaires:

A1 – Bonjour!

B1 – Bonjour !

ou encore :

Ax – Au revoir !

Bx – Au revoir !

sont des échanges qui constituent respectivement une séquence phatique d’ouverture et une séquence phatique de clôture élémentaires.”(Adam, 1992 :156). Adam acrescenta ainda que uma *échange* é constituída por “clauses” (Adam, 1992:158), unidade que não tem que ser verbal, podendo ser um gesto sempre que este pretenda substituir uma intervenção.

Orecchioni define *échange* como uma das unidades que compõem a estrutura da interacção, unidade superior que contém *sequências*, que por sua vez contêm *trocas* (*échanges*), que por sua vez são constituídas por *intervenções*, que por fim encerram *actos de linguagem*, as unidades menores que constituem a estrutura das interacções. Nas palavras de Orecchioni: “*L’échange correspond en principe à «la plus petite unité dialogale»* (Moeshler, 1982 : 153). Ce rang est donc fondamental : c’est avec cet ‘échange’ que commence l’échange, c’est-à-dire le dialogue au sens strict.” (Orecchioni, 1990, 1998: 224) [itálicos nossos].

- localiza-se num determinado tempo e espaço;
- deve possuir unidade⁸⁷ ao nível dos participantes, do enquadramento espaciotemporal e do tema
- obedece a regras que dependem do tipo de interação em análise⁸⁸.

Em *Prós e Contras*, elementos estruturais permitem concluir também que, enquanto estrutura composicional, o programa em geral e o debate televisivo em particular se aproximam do protótipo do texto dialogal.

No que respeita à sua estrutura sequencial, são vários os momentos em que *Prós e Contras* apresenta exemplos de sequências fáticas de abertura e de fechamento. No excerto que se segue, a moderadora Fátima Campos Ferreira abre a sequência com uma fórmula de saudação que, pela resposta previsível, constitui o que Adam designa por *par adjacente*⁸⁹:

FCF: [...] doutor pacheco pereira **boa noite** (.) (.)
 PP: **boa noite** (.)
 FCF: o senhor (‘) (,) está sentado no painel que denota alguns sinais de optimismo (.) (.) [...] {T2, 1:08-1:14}

De igual modo, encontramos sequências fáticas de fechamento, também iniciadas pela moderadora quando, por exemplo, pretende concluir uma interação com um dos participantes ou retirar-lhe a vez. No excerto que se segue, Fátima Campos Ferreira agradece a um dos convidados do público, com o propósito de concluir a entrevista e continuar o debate, dando início a uma sequência de fechamento constituída por um par adjacente de agradecimento e resposta a esse agradecimento:

⁸⁷ J.M.Adam cita ainda Orecchioni para dar conta desta propriedade subjacente ao texto dialogal, que Orecchioni designa por interação: “Pour qu’on ait affaire à une seule et même interaction, il faut et il suffit que l’on ait un groupe de participants modifiable mais sans rupture, qui dans un cadre spatio-temporel modifiable mais sans rupture, parlent d’un objet modifiable mais sans rupture.” (Orecchioni, 1990 :216 , apud Adam, 1992 :154).

⁸⁸ Também em relação a esta propriedade do texto dialogal Adam recorre a uma citação de Orecchioni: “(...) Les contraintes spécifiques de ce type de textualité déterminée par l’interaction agissent sur les formants linguistiques dans le sens d’une mise en mouvement de l’ensemble des contraintes des règles linguistiques : «*Le discours alterné obéit à certaines règles de cohérence interne, qui lui sont plus ou moins spécifiques. Mais ces règles sont aussi plus ou moins contraignantes, c’est-à-dire que la grammaire qui sous-tend l’organisation des interactions verbales est selon les cas plus ou moins souple ou rigide*» (Kerbrat-Orecchioni, 1990 :200)” (Adam, 1992 :154) [itálicos nossos].

⁸⁹ Adam define *par-adjacente* como uma unidade determinada pela relação estabelecida entre uma intervenção inicial e uma intervenção reactiva obrigatória, como a que acontece no enunciado inicial “Bom dia!” cuja resposta se espera que seja também “Bom dia!” (cfr. Adam, 1992:156). Carapinha Rodrigues (1998) resume o conceito de par adjacente: “O par adjacente é definido com sendo, portanto, a entidade interactiva mínima que compõe qualquer conversação, englobando-se nesta designação todos os tipos de interação verbal, espontânea ou institucionalizada. Schegloff e Sacks (1973) caracterizam estas sequências da seguinte forma: 1) são adjacentes; 2) são produzidos por falantes/participantes diferentes; 3) estão ordenados numa primeira e numa segunda partes; 4) estão de tão modo estandardizados que uma primeira parte requer uma determinada segunda, ou, pelo menos, uma no seio de um conjunto de possíveis segundas. (...)” (Carapinha Rodrigues, 1998: 92-93).

FCF: [...] **muito obrigada** (‘) José Manuel Pereira (.) (..)
JMP: **não tem de quê** (.) (rápido) (palmas) [...] {T7, 2:45-2:47}

No que se refere às sequências transaccionais, encontramos em *Prós e Contras* as seguintes categorias:

- 1) o participante responde a uma pergunta lançada pelo moderador;
- 2) o participante responde a uma questão lançada por outro participante ou comenta-a;
- 3) o participante toma a palavra ilegalmente, sob a forma de interrupção.

Constituem exemplos da primeira categoria de sequências transaccionais, ou seja, aquela em que os participantes respondem a uma questão colocada pela moderadora, os seguintes excertos em que Fátima Campos Ferreira lança uma pergunta a Fernando Rosas e a Pacheco Pereira:

FCF: **doutor fernado rosas** (-)(,) **a:m** (-)(,) **vemos uma linha de rumo** (‘) **nessas reformas estruturais do seu ponto de vista** (?)(,)
FR: muito boa noite (..)(!) **eh eh vemos uma linha de rumo eeh descendente** (..)(‘) **ou seja** (,)(‘) **p’ro abismo** (..)(!){T3, 2:00-2:09}

FCF: **oo os problemas** (-)(,) **os problemas do país** (‘)(,) **creio eu que não são só eco nó m**
i c o s (.) (,) **e portanto** (‘) **o país debate-se com outro ti po de desafios** (.) (,) **por exemplo**
(‘)(,) é necessário uma alteração de atitudes de forma de estar (-)(,) **os portugueses** (-)(,) **o**
que é que os portugueses têm que mudar nas suas vidas (.) (,) **pacheco pereira** (?)(,)
PP: **olhe eu** (,)(‘) **sabe que desde o século dezanove que se diz que o problema dos**
portugueses (‘) **é um problema de m e n t a l i d a d e** (.) (..){T5, 2:10-2:28}

Outro tipo de sequência transaccional é aquela em que o participante responde a uma questão colocada por outro participante ou faz algum comentário seleccionando claramente um alocutário. No excerto que se segue, Pacheco Pereira responde a Fátima Campos Ferreira, mas selecciona Fernando Rosas como alocutário directo, na sequência da intervenção deste último pouco tempo antes:

PP: [...] agora eu sei que o meu país (.) (,) **também para responder um bocado ao**
Fernando Rosas (,)(-) **e e dizendo de uma maneira dura e um pouco brutal** (,) **viveu nos**
últimos anos do dinheiro dos contribuintes alemães (.) (,) **holandeses e dinamarqueses** (,)(!)
tem que ser claro (..)(!) [...] {T5, 4:13-4:24}

No excerto seguinte, Fernando Rosas interrompe Rui Rio sem qualquer intervenção da moderadora, gerando-se uma troca rápida:

RR: [...] agora em vez de três quatro por cento que é o que nós herdámos (,)(´) quatro vírgula tantos(,)(´) queria levar para onde (,)(-) para sete pra oito pra dez [FR: XXXX] adiando o problema (?) adiando o problema (?)

FR: mas há outras políticas para combater o défice (...)(!)

RR: ah não não há (..)(.)

FR: há outras políticas pra (...)(!)

RR: vamo lá ver há diversas políticas sectoriais para combater o défice (´) agora

FR: basta actuar mais ao nível das receitas do que das despesas (..)(.)

RR: agora desculpe o défice é só um (!) o défice é só [pausa] vai dar ao mesmo vai dar ao mesmo [FR: não não vai (!) não não vai] {T8, 0:13-0:31}

No que diz respeito a outras propriedades que caracterizam o texto dialogal, resta-nos recordar que pela estrutura do quadro comunicativo já analisado 2.3. o debate *Prós e Contras* tem lugar num tempo e espaço bem definidos (cfr. ponto 2.3.2.1.), e apresenta um quadro participativo de 10 participantes (três elementos do painel Pró, três elementos do painel Contra, três directores de jornais e a moderadora), cujas interações são quase sempre mediadas pela moderadora, que tem por função gerir as tomadas de vez e os tempos de antena usados por cada um dos participantes.

A unidade, tão necessária à coerência do debate, é assegurada ao longo do programa, quer pelo prevalectimento dos participantes, quer pela manutenção do tema em discussão, quer pela manutenção do enquadramento espacial.

Da análise estrutural de *Prós e Contras* podemos concluir, embora havendo procedido a alguns ajustes devido a uma maior complexidade deste debate, que se aproxima claramente da definição de sequência dialogal proposta por J.M. Adam, não obstante esta definição parecer cingir-se bastante à dimensão estrutural do texto, dando menor importância à configuração semântica e pragmática do texto como um todo.

Esta configuração semântica e pragmática parece, no entanto, consubstanciar-se melhor no movimento naturalmente argumentativo deste debate, na medida em que é ponto de encontro de opiniões divergentes, espaço de polemicidade e de dramatização para um público.

3.2. A dimensão argumentativa de *Prós e Contras*

No debate *Prós e Contras*, é possível perceber dois movimentos argumentativos globais e opostos, tal como pode ser adivinhado a partir do próprio título do programa construído em torno do antagonismo semântico sugerido pelas preposições latinas *pró* e *contra* nominalizadas pelo uso da língua, isto é, convertidas em substantivos que significam

respectivamente os argumentos a favor e os argumentos contra um dado assunto em debate. Assim, a estrutura argumentativa do debate organiza-se em função de dois eixos axiológicos, explicitamente colocados pela moderadora no início do programa, de polaridades opostas, que vão sendo construídos pelos dois painéis de convidados, cada um dos quais vai respondendo à “macro-questão” lançada pela moderadora e que serve de tema ao programa:

FCF: e nós(?)(..) **dois mil e tres (-)(,) vai ser um ano b o m (‘)(,)ou m a u para portugal(?)(..) **aí está a pergunta lançada a debate** (.)(..) esta noite convidámos medina carreira (-)(,) rui rio (-)(,)e pacheco pereira (.)(..) [aplausos] e ainda (‘)(..) ruben de carvalho fernando rosas e manuel maria carrilho (.)(..) [aplausos] vamos agora saber (‘)(,) que perspectivas nos esperam para dois mil e tres (.)(..) {T1, 1: 14 -1:47}**

Em seguida, a moderadora dirige-se alternadamente a cada um dos painéis questionando cada um dos participantes acerca do que os leva a serem optimistas ou pessimistas em relação ao ano de 2003, procurando passar pelos vários assuntos de interesse nacional: economia, política, desemprego, educação, sociedade, cultura. Os excertos que se seguem constituem as primeiras questões colocadas pela moderadora a cada um dos painéis, informando o telespectador e o público (menos avisados acerca da filiação política dos participantes, o que permitiria colocá-los sem hesitação em cada um dos painéis) acerca do eixo em que se cada um está colocado:

FCF: [...] **doutor pacheco pereira** boa noite (.)(..) **o senhor (‘) (,) está sentado no painel que denota alguns sinais de optimismo** (.)(..) vamos dizer desta forma porque eu já sei que aqui não há (‘) (,) optimistas convictos totalmente (.)(..) mesmo assim (‘)(,) eu gostava de de saber (‘)(,) o que é que o leva a ser optimista (,)(‘) o que é que o leva a assumir essa posição (‘)(,) e a acreditar (.)(pausa) {T2, 1:08 – 1:30}

FCF: **professor manuel maria carrilho (‘)(,) o senhora a:m é pessimista(‘)(,) a: está sentado desse lado (‘)(,) de qualquer forma (,) acredita (‘) e vê algumas mudanças de atitude no sentido de uma consciencialização cada vez maior das dificuldades (-)(,) e portanto (-)(,) o rumo a: está certo(?)(..)** {T2, 3:40 – 3:55}

Ao longo do debate e estando já identificados os pólos pró e contra, a moderadora prossegue com a mesma questão cedendo a vez alternadamente aos convidados do painel PRÓ e do painel CONTRA, nesta ordem:

FCF:muito obrigada seu professor [terminando a vez de MMC] (.)(..) **rui rio (.))(,) {T2, 6:48-6:50}o país não tem uma linha de rumo, doutor rui rio(?)(,) (,) {T3, 0:00-0:02}**

FCF:**doutor fernando rosas (-)(,) a:m (-)(,) vemos uma linha de rumo (‘) nessas reformas estruturais do seu ponto de vista (?))(,) (,) {T3, 2:00-2:04}**

FCF: professor medina carreira (.)() era necessária essa travagem à quatro rodas no que diz respeito à {T3, 5:06-5:11} (redução?) dos custos do estado (')() por exemplo(?)(..) {T4, 0:00-0:02}

FCF: dei deixe-me (')() e: passar com essa mesma ideia (') para o doutor ruben de carvalho(')() aa:m (') como é que agora (')() acha que o país pode pagar os tais duzentos milhões (')(..) a: com os quais se endividou durante tanto tempo (?)(..) {T4, 3:55-4:07}

Assim, podemos esquematizar este debate através da figura 8 que se segue:

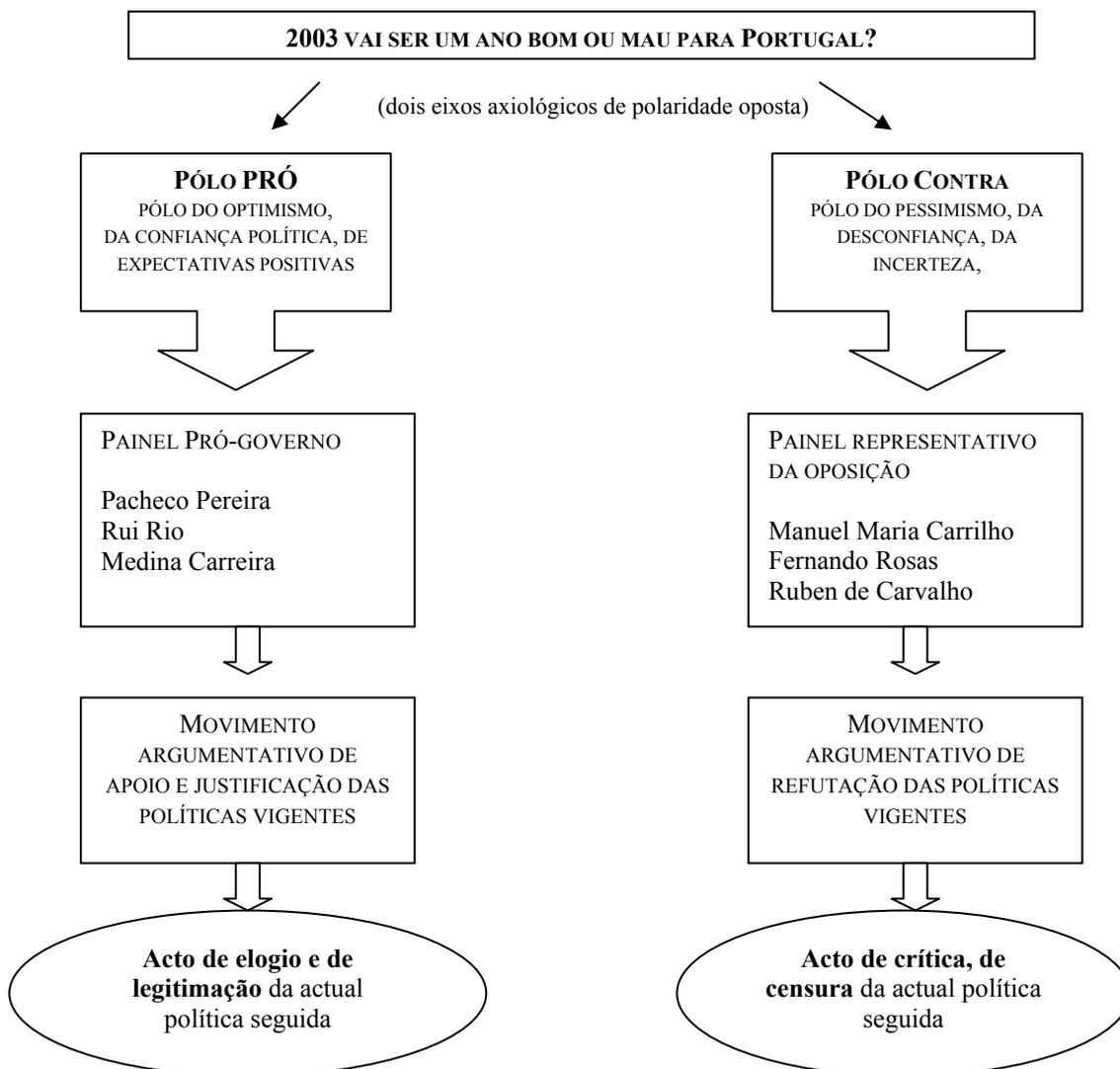


Figura 8: Organização argumentativa bipolar do debate *Prós e Contras*.

O papel da moderadora, já diversas vezes salientado, é uma vez mais fundamental não só para a para a estruturação da “polaridade”⁹⁰ do debate pelas provocações que vai

⁹⁰ Trata-se de uma polaridade ou de uma perspetivação maniqueísta da actualidade artificialmente criada no sentido de facilitar a polémica e o debate ideológico, de acordo com as regras televisivas de sedução das

introduzindo, como também para garantir a gestão democrática do tempo que é concedido a cada painel em exercício do seu movimento argumentativo. Por outras palavras, todo o debate está organizado em observância do princípio democrático de representação da nação: os representantes do governo, no painel PRÓ, os representantes da oposição no painel CONTRA, a sociedade civil representada pelos testemunhos do público que são convidados a narrar a sua experiência e a moderadora, porta-voz da sociedade civil, que é investida pelo poder de questionar. As questões que a moderadora traz a debate e que coloca aos dois painéis constituem a espinha dorsal à volta do qual se construirão os dois movimentos argumentativos PRÓ e CONTRA. A este nível, podemos distinguir:

- questões gerais que a moderadora dirige aos dois painéis, alternadamente
- questões de reformulação que a moderadora coloca no sentido de fazer com que o participante reorienta o seu discurso de acordo com o assunto em questão
- questões que a moderadora aproveita para fazer a partir de afirmações feitas pelos intervenientes no debate

Seguem-se exemplos de questões gerais colocadas pela moderadora aos dois painéis e que estruturam efectivamente as estratégias argumentativas desenvolvidas pelos intervenientes, as quais serão posteriormente tratadas no capítulo IV. As questões lançadas, que apresentamos mais amplamente no Anexo E, constituem os conteúdos que a moderadora deseja ver discutidos por cada um dos painéis, funcionando como espinha dorsal em torno da qual ambos os painéis vão construindo a sua argumentação e a sua imagem pessoal.

Nos excertos que se seguem, Fátima Campos Ferreira dá início ao debate com a questão com que abre o programa - “há pessimismo ou optimismo para 2003?”- questionando primeiramente o painel Pró (seleccionando Pacheco Pereira como alocutário) e em seguida o painel Contra (convocando Manuel Maria Carrilho).

FCF: [...] doutor pacheco pereira boa noite (.)(...) o senhor (‘) (,)está sentado no painel que denota alguns sinais de optimismo (.)(...) vamos dizer desta forma porque eu já sei que aqui não há (‘) (,) optimistas convictos totalmente (.)(...) mesmo assim (‘) (,) **eu gostava de de saber (‘) (,) o que é que o leva a ser optimista (,) (‘) o que é que o leva a assumir essa posição (‘) (,) e a acreditar (,) (pausa) {T2, 1:08 – 1:30}**

FCF: professor manuel maria carrilho (‘) (,) o senhore a:m é pessimista(‘) (,) a: está sentado desse lado (‘) (,) de qualquer forma (,) **acredita (‘) e vê algumas mudanças de atitude no sentido de uma consciencialização cada vez maior das dificuldades (-) (,) e portanto (-) (,) o rumo a: está certo(?) (,) (...)** {T2, 3:40 – 3:55}

audiências, uma vez que não existem posições tão radicais e até os próprios participantes acabam por concordar em alguns momentos uns com os outros.

Seguem-se alguns exemplos de reformulação de questões que têm como função não só restabelecer o equilíbrio dos tempos concedidos a cada participante, como também reorientar os conteúdos trazidos a debate. A forma como são formuladas as perguntas pela moderadora passa por exemplo, pelas seguintes estratégias:

- o uso do conector de reformulação “portanto”, seguido de uma frase declarativa assertiva cujo conteúdo é retomado anaforicamente pelo pronome demonstrativo “isso” inserido numa pergunta total⁹¹ orientada⁹²:

FCF: [interrompendo RR] **portanto** (-)(,) do seu ponto de vista (‘)(,) há uma linha de rumo (-)(,) e essa linha de rumo está a ser traçada pelas reformas estruturais que estão em curso (,) (-) **é isso** (?’)(..) {T3, 1:53-1:58}

- retoma do discurso anterior sob a forma de paráfrase livre, seguida de pergunta total com uso anafórico do demonstrativo “essa” também com valor de *pergunta orientada*⁹³, à semelhança da anterior:

FCF: [...] [dirigindo-se a MMC] o sô professor (‘)(,) o sô professor acabou de dizer que o país também não sabe para onde vai (-)(,) **é essa a sua convicção**(?’)(,) {T2, 5:53-5:58}

Por último, apresentamos exemplos de questões que a moderadora coloca a partir de tópicos previamente levantados pelos intervenientes no debate:

⁹¹Para esta breve apresentação da formulação das perguntas pela moderadora, seguimos a proposta tipológica de Carapinha Rodrigues (1998) para a sequência discursiva *pergunta-resposta*. Para a definição de pergunta total citamos a autora:

“1 - As mulheres também apareciam?

- Aparentemente sim. (...)

A pergunta total cria assim um enquadramento proposicional em que a proposição subjacente (p) tem um valor de verdade (uma polaridade) não especificado (...). O primeiro exemplo acima transcrito é o de uma pergunta que espera da parte de L2 «uma resposta afirmativa ou negativa acerca de um dado estado de coisas» (Mateus, M. H. et al. 1989: 237) e daí a categoria de pergunta total ser também vulgarmente designada por pergunta de tipo sim/não.” (Carapinha Rodrigues, 1998:37)

⁹² Parece-nos que o sentido da pergunta é orientado, inserindo-se num tipo de *pergunta-tag* excepcional, segundo proposta de Carapinha Rodrigues, em que ocorre “*uma frase declarativa positiva seguida de uma tag de polaridade também positiva*” (Carapinha Rodrigues, 1998:76).

⁹³ Carapinha Rodrigues (1998) define assim ‘**pergunta orientada**’: “As perguntas orientadas são geralmente, e do ponto de vista formal, perguntas directas de tipo total que, contrariando a sua aparente vocação de pedidos de informação, não visam buscar o valor de verdade da proposição subjacente a elas, mas antes orientar o seu receptor no sentido de este confirmar o valor de verdade que o locutor fez passar na sua pergunta; são orientadas precisamente porque desejam que L2 admita o ponto de visat de L1.” (Carapinha Rodrigues, 1998:52).

Questão: a problemática da educação⁹⁴

FCF: ruben de carvalho (.) (,) **eu não vou (*) eu não queria deixar fugir a questão da educação (.) (,)** {T12, 2:21-2:24} [PP mantém a vez]

FCF: [dirigindo-se a RC] **essas reformas estruturais por exemplo na educação (.) (,) estão no caminho certo aqueles sinais que já foram mostrados (?) (,)** {T12, 2:45-2:49}

Como esquematizado na figura 8, os dois painéis constroem um movimento diferente: de legitimação das políticas vigentes no caso do painel PRO, e de refutação e até ataque das mesmas políticas no caso do painel CONTRA. A análise das estratégias de argumentação seguidas por ambos os painéis será desenvolvida no Capítulo IV.

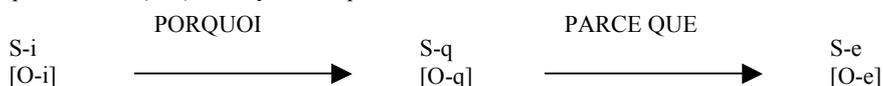
3.3. Prós e Contras – cruzamento de outros tipos de discursos

Além do debate televisivo se apresentar como espaço canônico de cruzamento de sequências dialogais e argumentativas, neste *Prós e Contras* assistimos frequentemente à irrupção de outras sequências textuais, com especial relevo para as narrativas no caso concreto dos discursos proferidos pelos testemunhos convidados do público. Estes discursos surgem inseridos num outro tipo de interação verbal que é a *entrevista*⁹⁵ dirigida a convidados do público, que é utilizada neste debate *Prós e Contras* como pretexto para a moderadora ir lançando temas de discussão aos dois painéis PRÓ E CONTRA convidados. Este sub-gênero de interação verbal é também o espaço privilegiado para a emergência de outras sequências textuais, na perspectiva de Adam (1992), nomeadamente narrativas, explicativas e descritivas. Seguem-se dois exemplos de sequências narrativas dominantes, embora outras sequências (explicativas⁹⁶ e descritivas⁹⁷) surjam naturalmente intercaladas:

⁹⁴ Lançada por MMC (cfr. Track 11) em termos de qualificação e continuada por PP (cfr. Track 12).

⁹⁵ Para a definição de *entrevista*, cfr. *rodapé* 32 (capítulo I).

⁹⁶ Um exemplo de sequência explicativa é visível no primeiro excerto extraído da vez de Lourença Barrento (LS), no momento em que justifica que nunca teve oportunidade de ir à escola: “**porque nunca tive oportunidade de ir à escola (*) (,) porque tinha que ficar com as minhas irmãs (-) (,) mais pequeninos (*) (,)**”. Adam define a **sequência explicativa** com base na proposta de J.-B. Grize (*Logique et Langage*, 1990, Paris, Ophrys), dando relevo ao conector causativo *porque* como indicador: “Pour J.-B. Grize, la «structure générale d’une séquence explicative» (1990 :107) est la suivante: un premier opérateur [POURQUOI] fait passer d’une schématisation S-i, qui présente un objet complexe (O-i), à une schématisation S-q, qui fait problème (objet problématique O-q), puis un second opérateur [PARCE QUE] permet de passer de S-q à une schématisation explicative S-e (O-e). La séquence explicative de Grize est la suivante :



” (Adam, 1990 : 132).

Exemplo 1

FCF: e quando é que aprendeu a ler (?)(.)

LB: **olhe aprendi a ler (‘)(, há quatro anos (.)(..) comecei a andar à escola (‘)(, porque nunca tive oportunidade de ir à escola (‘)(, porque tinha que ficar com as minhas irmãs (-)(, mais pequeninos (‘)(, e e n t ã o (‘)(, agora pensei em ir à escola (‘)(, se que era para aprender a fazer o m ê nome (‘)(, que escusava de muitas as vezes (‘)(, precisava de assinar qualquer papel (-)(, e eu pedia (‘)(, e ainda me falavam é mal (.)(..) e agora antão (-)(, graças a deus (-)(, à nossa professora rosa mena (‘)(, não preciso já d’andar a pedir a ninguém (‘)(, qu’eu já ssino o m ê nome (.))(, {T13, 0:33-}**

Exemplo 2

FCF: mas o desemprego (-)(, doutor pacheco pereira (‘)(, o desemprego não tem (‘) não afecta s ó: (-)(, as obras a a construção civil (‘)(, e neste caso por via das obras públicas (‘)(, afecta muitos outros sectores da vida nacional (‘) e particularmente aqueles (-)(, a sectores mais industriais (‘)(, por exemplo a desl o c a l i z a ç ã o de empr e s a s (-)(, estrang e i ras para países da europa particularmente de leste (-)(, que oferecem (-)(, condições melhores que as nossas (-)(, já é um facto (‘)(, a: há várias fábricas (-)(, de têxteis quer no norte do país quer mesmo aqui no sul do país (‘)(, rosário fontinha (-)(, é uma dessas vítimas (‘)(, uma operária têxtil (-)(, a: creio que a sua fábrica (-)(, vestus é na zona de setúbal (‘)(, {T21, 4:12-4:47} a: e está desempregada (.))(, a fábrica saiu de portugal (.))(, não foi assim(?)(..) {T22, 0:00-0:05}

RF: sim (-)(, **era uma fábrica muito boa (-)(, tinha muito boas condições de trabalho (-)(, nós trabalhávamos muito (‘)(, mas era uma fábrica que tinha (‘)(, já tava muito automatizada (‘)(, dizem que: hoje que as fábricas não têm qualidade (.))(, as nossa tinha era tudo já muito automatizado (.))(, de repente pertencia a um grupo (-)(, que era o grupo cancer (-)(,...**

FCF: a senhora fazia costura (.))(, na fábrica (.))(, não é (?))(,)

RF: sim eu fazia costura (.))(, aa: (‘)(, ...) **começaram a mandar as encomendas todas para os países de leste (‘)(, e nós ficámos todas desempregadas (.))(,**

FCF: esta era uma fábrica que produzia para exportação (.))(,

RF: **XXX exportação era tudo exportação tudo para países da: europa (.))(, e depois (-)(, nós ficámos todas desempregadas (!‘)(, quatrocentas e dezanove trabalhadoras (‘)(, setenta por cento das trabalhadoras (‘)(, têm mais de quarenta e cinco anos (‘)(, eu tenho cinquenta já neste momento (‘)(, e agora eu penso (‘)(, quando acabar o desemprego (‘)(, daqui a três anos ondê qu’ eu vou trabalhar (‘)(, porque eu não acredito (-)(, com tanto**

⁹⁷ A **sequência descritiva** surge frequentes vezes ao serviço da sequência narrativa. Encontramos um exemplo de sequência descritiva no momento em que Rosário Fontinha (exemplo 2) caracteriza a fábrica em que trabalhava: “era uma fábrica muito boa (-)(, tinha muito boas condições de trabalho (-)(, nós trabalhávamos muito (‘)(, mas era uma fábrica que tinha (‘)(, já tava muito automatizada (‘)(, dizem que: hoje que as fábricas não têm qualidade (.))(, as nossa tinha era tudo já muito automatizado”. Adam começa por definir a sequência descritiva como uma enumeração de características: “L’*énumération apparaît dès lors comme une sorte de base ou de degré zéro de la procédure descriptive.*” (Adam, 1992: 81). Essa enumeração não é linear, mas sim hierárquica, à semelhança da ordem seguida numa entrada de dicionário: “Ce qui différencie le prototype de la séquence descriptive de celui du récit, c’est surtout, comme les Anciens et Valéry le pressentaient, le fait que cette structure ne reflète pas le moindre ordre des opérations. En revanche, je dirai que la critique de Valéry néglige le fait que le nombre de procédures, réduit et très strict, est révélateur d’un ordre singulier : non pas linéaire, mais hiérarchique, vertical en quelque sorte proche de l’ordre du dictionnaire (...)” (Adam, 1992 : 84) [itálicos nossos].

desemprego que há no país e tantas fábricas a fechar e o governo a falar em tantos despedimentos (‘)(,) onde é que eu vou arranjar trabalho (‘)(,) {T22, 0:04-1:04}

Segundo J.M. Adam (1992: 64), uma sequência narrativa⁹⁸ prototípica apresenta uma arquitectura específica (cfr. figura 9), de onde se destacam cinco momentos:

- i) uma situação inicial geralmente marcada por verbos no Pretérito Imperfeito do Indicativo;
- ii) a ruptura desse equilíbrio marcada por verbos no pretérito perfeito;
- iii) uma reacção a essa complicação;
- iv) uma tentativa de resolução
- v) a situação final, com o estabelecimento de uma nova ordem de coisas.

Este encadeamento lógico-cronológico é assegurado pelo protagonista que assegura a unidade da “narrativa”, de acordo com a tradição de estudos em narratologia (cfr. rodapé 98).



Figura 9: Esquema do protótipo da sequência narrativa⁹⁹ segundo J.M. Adam (adaptado e traduzido, *apud* Adam, 1992: 57).

No exemplo 1, a “protagonista” Lourença Barrento relata as circunstâncias da aprendizagem da leitura e da escrita, que nos parecem poder ser analisadas segundo o esquema proposto por J. M. Adam para a sequência narrativa:

1. situação inicial: não sabia ler nem escrever - **“nunca tive oportunidade de ir à escola”**

⁹⁸ Os estudos da narrativa enquanto tipo de texto radicam na Teoria da Literatura e nos trabalhos de G. Genette (1980) e Greimas (1973), entre outros. Em Linguística do Texto/Discurso, os trabalhos de Adam (1985) sobre a estrutura da sequência narrativa foram determinantes.

⁹⁹ Embora Adam introduza a dimensão da moralidade, este elemento não é obrigatório na estrutura da narrativa e não o é seguramente nos exemplos que escolhemos.

2. complicação: dependia dos outros para assinar documentos e era mal tratada - **precisava de assinar qualquer papel (-)(,) e eu pedia (‘)(,) e ainda me falavam é mal (.)(..)**
3. reação: decidi ir para a escola - **“há quatro anos (.)(..) comecei a andar à escola”**
4. resolução: aprendeu a ler e a escrever- **“aprendi a lere (‘)(,) há quatro anos”**
5. situação final: deixou de depender dos outros – **“e agora antão (-)(,) graças a deus (-)(,) à nossa professora rosa mena (‘)(,) não preciso já d’andar a pedir a ninguém (‘)(,) qu’eu já ssino o mê nome (.)(..)”**

O exemplo 2 é mais um relato de uma experiência feita por um convidado do público, Rosário Fontinha, que parece eliminar alguns momentos intermédios na sua narrativa reduzindo-a a uma estrutura mínima mas coerente, como sugerimos em seguida:

1. situação inicial: estava empregada como costureira numa boa fábrica – **“era uma fábrica muito boa (-)(,) tinha muito boas condições de trabalho (-)(,) nós trabalhávamos muito (‘)(,) mas era uma fábrica que tinha (‘)(..) já tava muito automatizada (‘)(,)”**
2. complicação: exportação de produtos para o leste da Europa – **“começaram a mandar as encomendas todas para os países de leste (‘)(,)”**
3. situação final: ficou desempregada juntamente com as colegas – **“nós ficámos todas desempregadas”**

Estes dois exemplos parecem fazer-nos concluir que estas entrevistas, pelo modo oral em que são realizadas, possuem uma tal especificidade que talvez exija uma reavaliação dos critérios de organização das sequências textuais propostas por Adam, uma vez que estas surgiram essencialmente a partir da análise de textos escritos, exigência essa que não faz parte, porém, dos objectivos deste trabalho.

Podemos, contudo, concluir que a entrevista estabelece com o debate uma relação de dependência funcional com objectivos argumentativos, neste caso concreto do programa *Prós e Contras*. Por outras palavras, a entrevista cumpre a função da “exemplaridade”, porque traz para o debate exemplos, histórias de vidas, que ao darem voz a emoções e a

casos individuais de insucesso vão tornar mais difícil o movimento argumentativo desenvolvido pelo painel Pró em favor do optimismo para 2003. Daí que seja mais frequente a moderadora pedir a um elemento do painel Pró que comente os casos de insucesso apresentados na entrevista, como acontece com a entrevista feita a José Manuel Pereira, português insatisfeito que quer emigrar, na sequência da qual a moderadora interpela Medina Carreira:

FCF: portanto XXX eu vou-me dirigir a:m a o: professor medina carreira (.)(..) o que é que os políticos portugueses devem fazer para quebrar este des e n c a n to (?)(.) a: **duma certa a: camada (‘) da população (‘) e particularmente trabalhadores da agricultura como José Manuel Pereira (?)(.)** {T7, 2:52-3:07}

Também na sequência das entrevistas feitas a Lourença Barrento e a Margarida Silva, Fátima Campos Ferreira dirige-se a Pacheco Pereira, do painel Pró, colocando-lhe a questão da educação, tema sempre polémico e onde subsistem carências profundas, sem grandes perspectivas de solução a curto prazo:

FCF: [dirigindo-se a PP] eu a: eu te deixe-me devolver-lhe uma pergunta (,) aí pra cima (‘) e depois falará também (.) (,) a: a margarida acaba de falar numa questão que me parece que é muito importante que a questão d’a t i t u d e (.)(..) a ela situa este professor (-) (..) **fidalgo (‘)(,) d’apelido fidalgo (-)(,) João Paulo Fidalgo (.))(,) que conseguiu a:m (-) que conseguiu e: dar-lhe (‘)(,) este espírito de de de cien t i s ta (‘)(,) foi ele que lho que lho deu (?)(,) não é(?)**(,) que a fez acreditar que era possível (‘)(,) e que desenvolveu o gosto da pla pla pla c i ê n c i a (-)(,) que lhe deu certamente (‘) (,) a **noções de exigência (-)(,) referências de disciplina (-)(,) não é (?)(,) a: isto era importante que o país e: se (-)(,) utilizasse estas referências estes modelos para prosseguir em frente (?)(,)** {T15, 0:06-0:41}

O princípio da isenção e do equilíbrio explica que a moderadora traga igualmente para o programa casos de sucesso (como o de Margarida Silva, o de Carlos Fontinha ou o de João Carreira), embora estes tenham um valor simbólico menos representativo do que os casos de insucesso no quadro conjuntural que Portugal atravessa na época. A entrevista inscreve-se também no formato ritualizado do programa, constituindo de facto um recurso com função argumentativa que a moderadora usa para gerar polémica no debate.

CAPÍTULO IV. ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS E CONSTRUÇÃO DA IMAGEM PESSOAL

Abordaremos, neste capítulo, as estratégias argumentativas que contribuem para a construção de uma imagem positiva e dominante do locutor durante o funcionamento do debate e que, por consequência, constituem mecanismos conducentes à persuasão. Consideramos, assim, três tipos fundamentais de estratégias:

- 1) estratégias de controlo/domínio do debate pelo locutor
- 2) estratégias discursivas de construção do ethos pelo locutor no discurso
- 3) estratégias discursivas de construção do auditório pelo locutor

A análise deste capítulo recaiu apenas sobre as intervenções dos participantes no debate, que são, como vimos atrás, os verdadeiros interessados em “vencer” os adversários discursivos e, no limite, convencer o público. Uma análise cuidada das marcas de subjectividade discursiva deixadas pela moderadora ao longo do programa serão certamente interessantes e até com valor de argumentativas. Porém a sua função fundamental, no programa e no debate, não é argumentar, pelo que nos restringimos à análise das estratégias argumentativas de construção da imagem pessoal desenvolvidas pelos participantes no debate.

4.1. Estratégias de controlo/domínio do debate

Em *La Conversation*¹⁰⁰ (1996), C. Kerbrat-Orecchioni faz uma descrição das características que permitem estabelecer aquilo que designa por “relações verticais”¹⁰¹, ou seja, relações interpessoais estabelecidas durante as interacções verbais que se constroem em torno do eixo da dominação, do poder e da hierarquia, decorrentes do estatuto social dos participantes ou da sua habilidade discursiva. Orecchioni parte do princípio de que nem sempre se estabelece uma relação igualitária¹⁰² entre os participantes numa interacção, facto que é mais evidente quando o tipo de interacção é um debate em que cada um dos participantes procura “vencer” o “adversário” discursivo. As formas de controlo/domínio do debate que analisaremos neste sub-capítulo manifestam-se ora a nível linguístico propriamente dito, ora a um nível estrutural, em função da organização da alternância de vez. Trata-se, na nossa opinião, de um tipo de estratégias argumentativas, na medida em que estão ao serviço do movimento argumentativo global do locutor, que é o de vencer o seu adversário discursivo, convencendo o seu destinatário final – o público.

R.Vion (1992) chama também a atenção para o facto de que o debate, tal como a discussão, é um exemplo de interacção competitiva cujo objectivo é o de dominar ou ganhar vantagem sobre o outro:

“Qu’il s’agisse d’un débat ou d’une discussion, la recherche de l’avantage peut passer par de multiples voies, de nombreuses stratégies.”(R. Vion, 1992:251)

As “estratégias” ou os marcadores de poder de que o locutor se serve para ganhar vantagem num debate são aquilo que K. Orecchioni designa por *taxèmes* ou “relacionemas verticais”¹⁰³, polarizados entre “taxemas” de posição alta ou dominante e “taxemas” de posição baixa ou dominada.

¹⁰⁰ Na verdade, K.-Orecchioni já tinha apresentado este assunto em *Les Interactions Verbales* Tome II (1992), no capítulo 2 sobre as relações verticais (pp. 71-140). Em *La Conversation* (1996), apresenta uma versão resumida mas mais clara do mesmo assunto.

¹⁰¹ K.-Orecchioni define assim as **relações verticais**: “*Qu’on l’appelle «pouvoir», «hiérarchie», «domination», ou «rapport de places», cette dimension renvoie au fait que les partenaires en présence ne sont pas toujours égaux dans l’interaction : l’un d’entre eux peut se trouver en position «haute» de «dominant», cependant que l’autre est placé en position «basse» de «dominé»*”. (K.-Orecchioni, 1996 : 45) [negritos nossos]. A autora descreve ainda estas relações verticais como assimétricas, graduais e dependentes de factores externos ou contextuais (como a idade, o sexo, o estatuto social, o papel interaccional) e internos (forma como os participantes gerem ou deixam ser geridas as suas tomadas de palavra na interacção).

¹⁰² A assimetria na relação entre os interlocutores do debate é um dos objectivos a atingir pelos próprios interlocutores, que nada tem a ver com a natureza do debate, que à partida pressupõe um estatuto igualitário para todos os participantes.

¹⁰³ Eliminámos, porém, neste trabalho, os “taxemas” não verbais (marcadores proxémicos, cinésicos, vestuário e aparência) e paraverbais (marcadores prosódicos) por questões de organização metodológica, tendo-nos centrado apenas nos “taxemas” verbais. Para este assunto, cfr. C.K.Orecchioni (1996:46) e C.K.Orecchioni (1992: 75-82)

Assim, de acordo com a proposta de Orecchioni (1996: 46-48), os taxemas verbais de marcação de relações verticais que nos parecem relevantes para a análise do debate *Prós e Contras*, são os seguintes:

- **formas de tratamento**, repartidas entre o uso dos pronomes pessoais (tu/você) e dos nomes de tratamento (títulos honoríficos, acadêmicos, etc.); o seu uso recíproco reflecte uma relativa igualdade entre os interlocutores, enquanto que o seu funcionamento assimétrico exprime uma relação hierarquizada;
- **organização das alternâncias de vez:**
 - *aspectos quantitativos*: o participante que consegue falar durante mais tempo parece geralmente dominar a conversação (neste caso, o debate);
 - *aspectos qualitativos*: fenómenos interaccionais como a **interrupção**¹⁰⁴ e a **intrusão**¹⁰⁵ funcionam geralmente como taxemas de posição alta; quer a interrupção quer a intrusão funcionam como estratégias de “usurpar” a vez, contribuindo assim para assegurar o aspecto quantitativo do domínio temporal do debate;
 - “*manutenção forçada de vez*”: trata-se de um nível de organização das alternâncias de vez não previsto por Orecchioni nesta descrição, mas que nos parece funcionar também como um taxema de dominância; tal como a intrusão e a interrupção, a “manutenção forçada de vez” permite concluir raciocínios, acrescentar argumentos, alargar o seu domínio temporal na interacção e por consequência argumentativo;

¹⁰⁴ K.Orecchioni define a **interrupção** como : “*chaque fois que L2 prend la parole alors que L1 n’a pas terminé son tour (...)*”(Orecchioni, 1996 :32). A interrupção é frequentemente seguida de simultaneidade de vezes ou *overlap* no debate, na medida em que apesar de L2 interromper, L1 pode manter a palavra ao mesmo tempo. Orecchioni assinala também que em algumas sociedades ou situações a interrupção pode não ter um valor positivo e ser mesmo considerado ofensivo ou rude. Parece-nos contudo que na situação de debate político televisivo a interrupção bem sucedida funciona como taxema de dominância discursiva e consequentemente argumentativa.

¹⁰⁵ K.Orecchioni define dois tipos de **intrusão**, mas é a seguinte que se adequa ao nosso debate em análise: “*L1 sélectionne L2, mais c’est L3 qui prend la parole en se sélectionnant*”(Orecchioni, 1996 :32). Na intrusão há um locutor ilegítimo na sequência do sucessor da palavra que toma a palavra.

- ♦ **organização estrutural da interacção:** dimensão associada às iniciativas de tomada de palavra e à sua importância como taxema de posição alta; numa interacção como o debate, que obedece a um formato próprio e em que os participantes assumem papéis bem definidos, o destaque vai para o papel do moderador¹⁰⁶, que reúne os principais taxemas de posição alta deste nível: responsabilidade pela abertura e fechamento das principais unidades conversacionais, gestão das tomadas de vez, etc.;

- ♦ **actos de fala**¹⁰⁷:
 - são taxemas de posição alta os seguintes actos de fala: ordem, interdição, autorização, conselho, crítica, censura, refutação, troça/zombaria, insulto¹⁰⁸

 - são taxemas de posição baixa sempre que um participante sofre qualquer um dos actos anteriores ou que produza actos como: pedido de desculpas, retractação, consentimento, autocrítica.

Da análise do debate *Prós e Contras*, é possível verificar a presença dos seguintes taxemas de posição alta ou dominante:

- ♦ assimetria nas formas de tratamento;
- ♦ prolongamento do “tempo de antena” ou a maior duração da intervenção;

¹⁰⁶ Não desenvolveremos aqui este taxema uma vez que o destaque vai para o moderador, cuja função no debate é naturalmente dominadora. Em relação ao papel de destaque do moderador, cfr. capítulo II (ponto 2.3.2.4.).

¹⁰⁷ A noção de **acto de fala** nasceu da filosofia da linguagem de J. Austin (1962) e J. Searle (1969) e partiu da constatação da dimensão accional da linguagem; por outras palavras, “dizer é fazer”, na medida em que não é apenas transmitir informações ao outro, é também agir sobre o outro. A palavra é, por isso, meio de acção. A abordagem interaccionista retomou, actualizou e enriqueceu o conceito de acto de fala extendendo-o para além dos limites da frase/enunciado. O acto de fala passou a ser encarado ao nível do texto/discurso e passou a ser designado por **macro-acto** (Van Dijk, 1977; Nef, 1980). Por exemplo, o conjunto de enunciados que compõem as trocas no debate *Prós e Contras*, estão ao serviço de um macro-acto de persuasão. A abordagem interaccionista enriqueceu o conceito de acto de fala com a análise, por exemplo, do papel que podem ter os actos de fala na construção das relações interpessoais, quer sejam horizontais, quer sejam verticais (Orecchioni, 1992, 1996). Existem ainda alguns problemas por resolver associados ao conceito de acto de fala, nomeadamente relativos ao seu inventário, à sua delimitação, à sua classificação e ao seu funcionamento no discurso. Sobre este assunto, veja-se também o artigo “Acte de langage”, de K. Orecchioni, in Charaudeau e Maingueneau (eds.), 2002. pp. 16-19.

¹⁰⁸ Searle (1969, 1979) enriqueceu a primeira proposta tipológica de classificação e de indentificação dos actos de fala levada a cabo por Austin (1962). Considerou portanto cinco tipos de actos de fala: *actos assertivos*, *actos directivos*, *actos comissivos*, *actos expressivos* e *actos declarativos*. Por sua vez, cada acto possui uma dimensão ilocutória, uma força perlocutória e é expresso por uma dimensão locutória. A abordagem interaccionista enriqueceu o conceito de acto de fala, reconheceu novos tipos de actos de fala, mas subsiste ainda a falta de uma lista e de uma classificação detalhada sobre os actos de fala.

- recurso à interrupção e o número de vezes que o faz;
- recurso à intrusão e o número de vezes que o faz;
- manutenção forçada de vez e o número de vezes que o faz;
- actos de fala de interdição, autorização, crítica, refutação, troça.

4.1.1. Assimetria nas formas de tratamento

Como o debate é mediado pela moderadora, muitas vezes os “débatteurs” têm que retomar discursos anteriores ou responder a afirmações feitas por outros “débatteurs”, pelo que os convocam no seu discurso através de formas de tratamento¹⁰⁹. Esse processo de nomeação pode ser feito através de formas de tratamento ou de vocativos, de pronomes pessoais ou de morfemas verbais de pessoa e número. Como nota M. A. Marques, as relações de proximidade/distanciamento entre os interlocutores constroem-se em torno dos pronomes Tu/Você:

“Quanto à alocação, a referência ao alocutário faz-se em português através de duas formas que marcam, em particular, relações de familiaridade/distância. O tratamento Tu/Você/Vocês, ou Tu/Você/Vós/Vocês como ainda é usado no Norte de Portugal, é muito complexo e mutante, no sentido de que são muitos e variáveis os factores que influenciam cada opção de tratamento(...)”(Marques, 2000:178)

Como referimos atrás, o uso recíproco do mesmo sistema de formas de tratamento reflecte uma relativa igualdade entre os interlocutores, ao passo que o seu uso assimétrico exprime uma relação hierarquizada, que pode ser motivada pelo estatuto social de um dos interlocutores ou pela idade. A assimetria no uso das formas de tratamento promove a imagem pública do participante que é colocado em posição superior, o que pode ser funcionar a seu favor como estratégia argumentativa, ainda que não controlada, na medida em que contribui para a construção do seu *ethos*¹¹⁰ perante o público. Porém, essa assimetria, no caso do português europeu, não é apenas reflectida pelo uso dos pronomes Tu/Você. Por outras palavras, o eixo do pronome *Você* é bastante complexo e compreende vários níveis sociais/institucionais, que são observáveis na análise de Prós e Contras.

Em Prós e Contras, encontramos os seguintes tipos de tratamento:

- 1) o tratamento simétrico por Tu

¹⁰⁹ Sobre as formas de tratamento em português europeu, veja-se Lindley Cintra (1972:12-13) e Marques, M. E. R. (1988:105).

¹¹⁰ Para a análise da construção do *ethos* ver ponto 3.4.2.

- 2) o tratamento simétrico por Você:
 - a. pelo primeiro nome – relação formal mas com alguma proximidade
 - b. pelo primeiro e último nomes – relação formal com mais distanciamento
 - c. pelo título académico seguido do primeiro e último nomes – relação formal com distanciamento

- 3) o tratamento assimétrico dentro do eixo do Você em torno da oposição:
 - a. título académico seguido do primeiro e último nomes /nome próprio
 - b. título académico seguido do primeiro e último nomes/ pronome “você”

- 4) o tratamento assimétrico dentro do eixo do Você em torno da oposição título académico/morfema verbal de 3ª pessoa (tratamento não marcado)

Cada um destes tipos de tratamento pode ser feito de forma *directa*, por vocativo, ou por forma *indirecta*, usando a 3ª pessoa. O uso da 3ª pessoa pode ser igualmente indicador da relação de tratamento entre o locutor e a dita 3ª pessoa, sobretudo se essa pessoa está presente na interacção.

Como se pode verificar pelo contraste entre os exemplos seguintes, Manuel Maria Carrilho refere-se a Fernando Rosas e a Pacheco Pereira na 3ª pessoa usando o artigo definido anteposto ao primeiro e último nomes (cfr. tratamento simétrico por Você - alínea b.), indicando uma relação formal com algum distanciamento, ao passo que Inês Serra Lopes se refere a Pacheco Pereira e a Fernando Rosas¹¹¹ pelo título académico por que são conhecidos seguido do primeiro e último nomes, assinalando um maior distanciamento interpessoal com as mesmas terceiras pessoas:

MMC: sim (,)(‘)porque há pouco (,)(‘) aa: enfim (,)(‘)eu estou de acordo com o que **o fernando rosas** acabou de dizer (,)(-) há pouco **o pacheco pereira** deu (..)(‘)de resto bons exemplos (,)(‘)do que se pode fazer (,)(‘)[...] {T15, 4:00-4:05}

ISL: [...] agora tou um bocadinho como **o doutor pacheco pereira** [...] {T9, 0:19-0:21}

ISL: estava **oo o doutor fernando rosas** a dizer só se fala de défice {T9, -3:40-3:42}

Por outro lado, Inês Serra Lopes evidencia uma relação simétrica de maior proximidade (tratamento simétrico por Você – alínea a.) com Fátima Campos Ferreira, tratando-a pelo

¹¹¹ ISL referes-se primeiro a FR como doutor e em seguida como professor:

ISL: [...] agora (,)(-) eh custa-me a crer que o **professor fernando rosas** (..)(‘) tenha grandes certezas [...] {T26, 2:11-2:15}

primeiro nome, relação essa que é própria de colegas de trabalho, na medida em que ambas são profissionais do jornalismo e da comunicação social:

ISL: [...] **ó fátima**(,)([◌]) eu acho que os anos são o que a gente faz deles [...] {T9, 0:32-0:35}

Como seria de esperar, também Fátima Campos Ferreira revela uma relação simétrica do mesmo tipo com Inês Serra Lopes e com Sérgio Figueiredo, tratando-os pelo primeiro nome:

FCF: que é a máquina fiscal (,)([◌]) que é que é a máquina fiscal (,)([◌]) **ó ó inês** (,)([◌]) ee: vamos vamos ter que ficar vamos ter que ficar por aí (..)([◌]) {T26, 2:56-3:03} ee: doutor pacheco pereira(,)([◌]) há até: [...] [não consegue, a ISL retoma a palavra]

FCF: e se bem percebi, **sérgio**, da na sua opinião, também tem havido alguma má gestão das expectativas, falando numa linguagem ma económica. mas essa é uma questão que vai ficar para a segunda parte deste prós e contras {T10, 2:56-3:38}

É exemplo do primeiro tipo de tratamento (tratamento simétrico por Tu) a forma usada entre Fernando Rosas e Pacheco Pereira, que indicia que se trata de um relação recíproca e que ambos possuem uma relação pessoal de proximidade. Vejam-se assim os seguintes excertos exemplificativos, em que Fernando Rosas usa o diminutivo de familiaridade “zé (pacheco)” a par do morfema flexional indicador da segunda pessoa do singular (tu), ao passo que Pacheco Pereira usa o pronome pessoal “tu” explicitamente, a par do nome próprio “fernando”:

FR: [intrusão] **ó ó ó zé pacheco** [PP continua a vez] {T21, 3:10}

FR: mas **ó zé** [PP continua] **estás** a insultar **estás** a insultar **estás** a insultar os médicos que até agora geriam como directores XXX [PP sempre a falar] {T30, 5:25-5:37}

PP: [interrompendo FR]eu só acho uma coisa ([◌]) **fernando** ([◌]) isto de chamar salazar às pessoas em democracia só favorece o salazar [...] **tu tens** liberdade de dizer que a senhora parece o salazar de saias e isso (...)([◌]) faz toda a diferença [...] convém ter alguma prudência vocabular [...] [FR toma a vez] {T25, 2:11-2:40}

Até este ponto, vimos exemplos de relações simétricas marcadas através das fomas de tratamento. Há porém casos que revelam relacionamentos assimétricos do tipo 3 e 4 acima listados e cuja assimetria é indicadora de taxema de dominância para o interlocutor que é colocado em posição superior.

Por exemplo, Fátima Campos Ferreira convoca Medina Carreira sempre através do seu título académico seguido do seu primeiro e último nome, procedimento que não é seguido por Medina Carreira, que a trata por Você e pelo primeiro nome (cfr. tipo 3):

FCF: o qué que nós podemos fazer pelo estado, professor medina carreira? nós cidadãos? nós sociedade civil? {T29, 0:00-0:06}

FCF: [...] [MC: **ó fátima** mas é que a questão económica] mas [RR: a questão económica é que dá de comer às pessoas é um facto(!) [riso]] é é o que tem sido crucial de facto. aa: inês serra lopes, directora [...] {T8, 3:40-3:47}

Uma vez mais, Medina Carreira é tratado por Fernando Rosas com distanciamento através do título académico, enquanto que Fernando Rosas é tratado pela forma indiferenciada de tratamento formal “você”¹¹² por Medina Carreira:

MC: [...] quando **o fernando rosas** se refere à baixa dos rendimentos (,)(-) à baixa da despesa pública [...] {T4, 3:43-3:48}

MC: [...] **você** sabe quanto é que rende o imposto sobre as grandes fortunas em espanha (,)(?) [...] {T30, 2:00-2:04} [dirigindo-se a FR]

FR: [...] e sabe uma coisa **sotôr** (,)(?) {T30, 2:10-2:12} [dirigindo-se a MC]

Outro tipo de tratamento assimétrico (que designámos de tipo 4), ainda que um pouco ambíguo de um dos lados, é o que acontece entre Fátima Campos Ferreira e os elementos dos dois painéis. A moderadora trata-os quase¹¹³ sempre pelo título académico (ver em baixo os dois primeiros excertos de Fátima Campos Ferreira), ao passo é tratada por eles pelo nome próprio ou pela 3ª pessoa verbal (ver o último excerto de Manuel Maria Carrilho), tratamento que, ainda que seja formal, não é seguramente simétrico:

FCF: **professor manuel maria carrilho** (‘)(,) o senhore a:m é pessimista(‘)(,) {T2, 3:40-3:44}

FCF: [...] [dirigindo-se a MMC] **o sô professor** (‘)(,) **o sô professor** acabou de dizer que o país também não sabe para onde vai (-)(,) é essa a sua convicção(?) (,) {T2, 5:53-5:58}

¹¹² Pode tratar-se aqui de uma questão de quebra no princípio da delicadeza, na medida em que Fernando Rosas possui, além de idades aproximadas, o mesmo estatuto social e profissional que Medina Carreira (ambos são políticos e professores universitários, embora de áreas distintas) de quem se esperaria reciprocidade no tratamento.

¹¹³ Dizemos “quase sempre” porque existem casos em que a moderadora convoca os seus participantes apenas pelo primeiro e último nomes, numa estratégia de cedência de vez rápida que tem como consequência retirar a vez a outro locutor que está a falar:

FCF: **manuel maria carrilho** (,)(,) {T15, 3:58-3:59}

FCF: **fernando rosas** (,)(,) {T15, 2:45}

FCF: **rui rio** (,)(,) {T20, 0:47}

MMC: [...] [dirigindo-se a FCF] claro que isto tem a ver com a questão dos valores que **referiu** (.) (‘) [...] {T28, 1:18-1:20}

É ainda interessante observar que com alguns participantes, Fátima Campos Ferreira altera o tipo de tratamento ao longo do debate, designadamente com Pacheco Pereira e especialmente com Ruben de Carvalho (com quem é manifestada mais familiaridade), o que pode ser indicador da existência de uma relação interpessoal prévia com menos formalidade que teve que ser camuflada pelo formato do programa. Além disso, a moderadora contribui também para a construção do ethos pessoal de cada participante, cuja presença no programa deve ser legitimada. A forma de tratamento pelo título académico reforça o estatuto social e político desses participantes, conferindo-lhes autoridade aos olhos do público. Seguem-se então exemplos da evolução das formas de tratamento dirigidas a Pacheco Pereira e a Ruben de Carvalho pela moderadora:

FCF: [...] **doutor pacheco pereira** boa noite(.) (‘) (‘) está sentado no painel que denota alguns sinais de optimismo (.) (‘) {T2, 1:08 – 1:13}

FCF: o **sotôr pacheco pereira** {T2, 2:42 – 2:48}

FCF: o que é que os portugueses têm que mudar nas suas vidas (‘) (‘) **pacheco pereira** (?) (‘) {T5, 2:10-2:25}

FCF: quer falar **pacheco pereira** (?) (‘) {T15, 0:03-0:05}

FCF: dei deixe-me (‘) (‘) e: passar com essa mesma ideia (‘) para o **doutor ruben de carvalho** (‘) (‘) {T4, 3:55-4:07}

FCF: **ruben** se me der licença... {T12, 6:49 }

Em síntese, podemos concluir acerca das formas de tratamento usadas em *Prós e Contras* que:

- são utilizados tratamentos simétricos e tratamentos assimétricos de vários tipos;
- os directores de jornais e a moderadora acusam uma relação simétrica ao nível do tratamento, uma vez que pertencem ao mesmo grupo social e institucional – são pares, são colegas de profissão na comunicação social e partilham esse papel social, embora desempenhem papéis comunicacionais diferentes no contexto do programa de televisão *Prós e Contras*;

- à semelhança do “grupo da comunicação social”, também o “grupo dos políticos” a que pertencem os dois painéis acusa um tratamento quase sempre simétrico (ex: PP¹¹⁴/RC; PP¹¹⁵/FR; MMC¹¹⁶/PP; RC¹¹⁷/MC¹¹⁸), denunciador de uma relação *inter pares*, com excepção de alguns casos como MC em relação a FR, e FR em relação a RR¹¹⁹;
- os directores de jornais referem-se sempre aos políticos intervenientes pelo título académico seguido do nome por que eles são conhecidos¹²⁰, acusando distanciamento, o que nem sempre é recíproco por parte dos políticos¹²¹;
- a moderadora coloca-se numa posição “inferior” ao seleccionar a 3ª pessoa usando o título académico seguido do nome, quando se dirige aos políticos, tratamento esse que obedece a uma intenção de justificar e legitimar a presença desses participantes no programa, na qualidade de representantes dos interesses da nação e de vozes da autoridade.

4.1.2. Duração da intervenção

Em relação aos tempos de intervenção, é possível verificar que a moderadora Fátima Campos Ferreira é quem detém a maior percentagem de tempo de enunciação, cerca de 15%¹²² do tempo total, ou seja, sensivelmente 24m21s de um total de 2h44m33s de

¹¹⁴ PP fala de RC na terceira pessoa usando apenas o primeiro nome:

PP: [...]e portanto (,)(‘) *infelizmente* [FR: XXX] *infelizmente* (,)(‘) *e eu estou de acordo com o ruben* [...] {T21, 0:36-4:39};

¹¹⁵ PP omite o título académico de FR:

PP: *agora eu sei é que o meu país (,)(‘) isso também respondendo um bocado ao fernando rosas (,)(‘)* {T5, 4:12-4:18}

¹¹⁶ MMC omite o título académico de PP:

MMC: *bom (,)(‘) eu não sou pessimista por estar s e n t a d o (..)(.) ou optimist pessimista por estar sentado deste lado (,)(‘) nem o pacheco pereira por estar sentado daquele lado (,)(‘)*

¹¹⁷ RC trata MC sem título académico:

RC: *ó ó medina carreira* [...] {T30, 2:20-2:22}

¹¹⁸ De igual modo, MC trata RC sem título académico também:

MC: *ó ó ruben de carvalho (..)(‘) você sabe que as grandes fortunas* [...] {T30, 2:58-3:00}

¹¹⁹ FR refere-se a RR pelo título académico e pelo primeiro e último nomes:

FR: eu eu eu sugeria ao **doutor rui rio** {T20,3:29-3:30}

¹²⁰ Veja-se que SF se refere a MMC com o mesmo distanciamento usado por ISL em relação a FR (ver neste capítulo em cima):

SF: [...] **o doutor manuel maria carrilho** foi o melhor crítico desse desse período de governação {T10, 1:46-1:50}

¹²¹ Veja-se o exemplo de MC que se refere a SF de forma assimétrica:

MC: eu antes do **sérgio figueiredo** ter dito o que disse (..)(‘) [...] {T29, 0:06-0:09}

¹²² No gráfico 2 aparece o valor de 17% atribuído à percentagem de tempo usado por FCF ao longo do programa e não 15%. Este desfazamento percentual deve-se ao facto de esta proporção (15%) ser feita em

duração do programa. Este valor permite confirmar a importância do seu papel enquanto gestora do debate e do programa.

Destes cerca de 25 minutos de tempo de enunciação, cerca de 49% são usados no papel de moderadora do debate e gestora da estrutura do programa, enquanto que 51% são usados no papel de entrevistadora (cfr. gráfico 1).

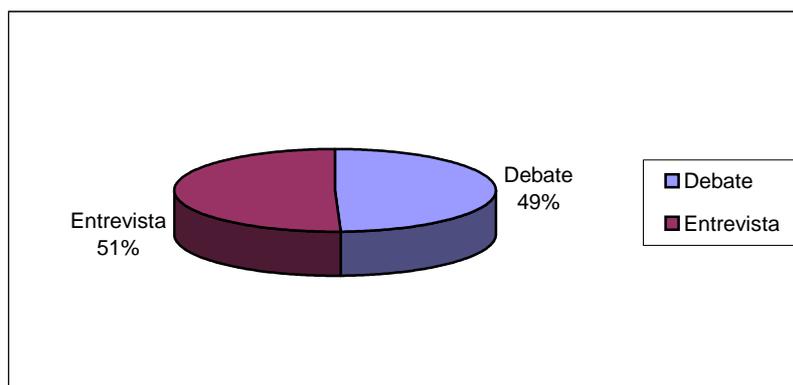


Gráfico 1: Percentagem do tempo usado por FCF como moderadora do debate e como entrevistadora.

Embora os tempos estejam equilibrados, Fátima Campos Ferreira é mais interventiva enquanto entrevistadora do que enquanto moderadora do debate, proporcionalmente em relação às durações totais de cada tipo de interacção verbal. Este facto decorre fundamentalmente, quanto a nós, de dois factores, a saber:

- 1) as exigências e pressupostos subjacentes aos papéis de moderadora (mais passivo, embora não menos dominante) e de entrevistadora (mais activo) ;
- 2) os objectivos esperados com a convocação de cada “débatteur”/entrevistado (aos débatteurs pede-se que defendam os seus pontos de vista a partir dos temas lançados – logo dispõem de mais tempo; aos entrevistados pede-se que respondam apenas às questões colocadas)

Em relação à distribuição temporal dos participantes no programa, é possível verificar que os tempos usados pelos dois painéis de “débatteurs” Pró e Contra se encontram muito bem equilibrados, ocupando respectivamente 28% e 29% do tempo total do programa, o que mais uma vez vem dar destaque à função da moderadora que conseguiu assegurar que

relação ao tempo total do programa que inclui o mini-documentário inicial e momentos em que ninguém intervém, porque são preenchidos por aplausos do público. O gráfico ? não contabiliza os momentos atrás referidos, pelo que a percentagem relativa de tomada e manutenção da vez da moderadora sobe para 17%.

ambos os painéis tomassem a palavra durante o mesmo tempo (cfr. gráfico 2). O grupo dos directores de jornais (designados no gráfico 2 por jornalistas) ocupa 16% do tempo, o que é justificado pelo seu papel menos relevante na dinâmica interaccional do debate, não obstante exercerem a função de vozes da autoridade e de especialistas, como foi já referido.

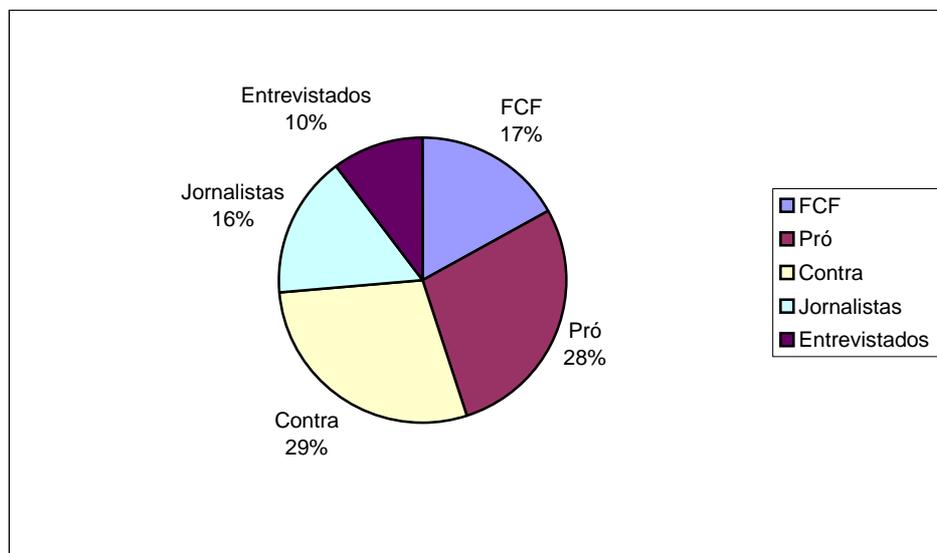


Gráfico 2: Duração das intervenções dos participantes no programa por grupos.

Os gráficos 3 e 4 seguintes mostram a duração em minutos e a percentagem relativa de intervenção dos 10 participantes no debate, nomeadamente os 6 elementos dos painéis Pró e Contra e os 3 directores de jornais e a moderadora.

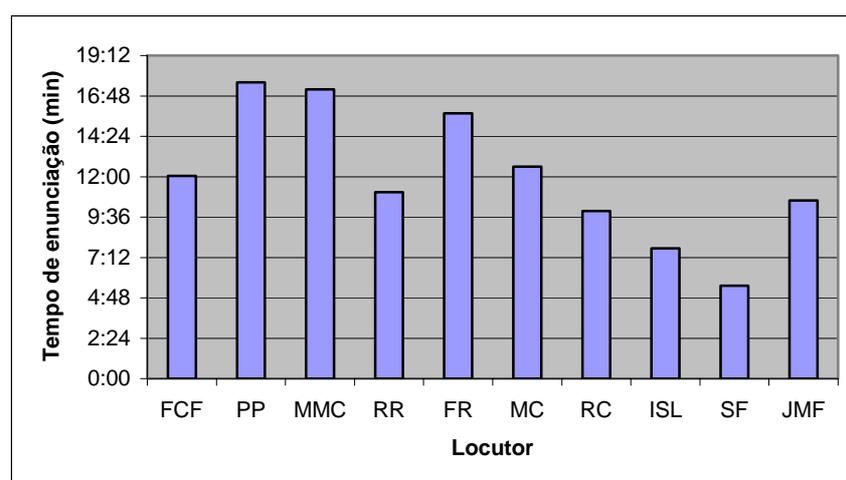


Gráfico 3: Duração das intervenções dos participantes no debate (em minutos).

É assim possível verificar que Pacheco Pereira (17m36s) do painel Pró e Manuel Maria Carrilho (17m11s) do painel Contra são os participantes que se destacam com maior duração na sua intervenção global. Há que salientar contudo que esta vantagem, por exemplo em relação a Fernando Rosas (15m46s), foi conseguida na última intervenção concedida pela moderadora. Há que salientar ainda que faz parte do formato do programa pedir a um dos elementos de cada painel que faça os últimos comentários e as conclusões finais, elevando-os portanto ao estatuto de porta-vozes do seu painel. Portanto, podemos considerar que Fernando Rosas está perfeitamente ao nível de Pacheco Pereira e de Manuel Maria Carrilho no que respeita a este tópico.

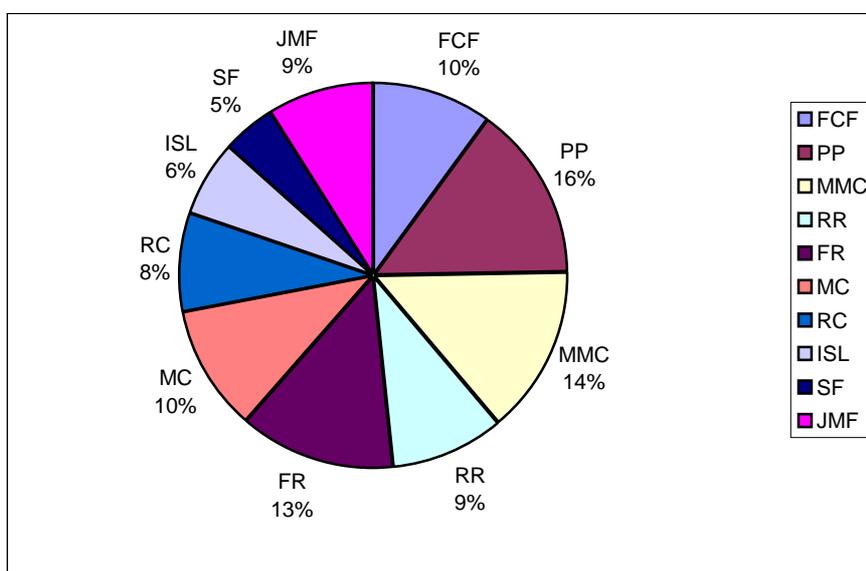


Gráfico 4: Duração das intervenções dos participantes no debate (em percentagem).

No grupo dos directores de jornais, destaca-se ainda a participação de José Manuel Fernandes, director do *Jornal Público*, com 10m35s, ou seja, cerca de 9% do tempo total do programa. Segue-se Inês Serra Lopes, com 7m45s e Sérgio Figueiredo com 5m31s.

Por último, os oito entrevistados do público ocupam o menor tempo, 10% do tempo total do programa, distribuído mais ou menos equitativamente e nunca atingindo os 3 minutos para cada convidado, conforme se pode observar no gráfico 5.

A menor participação dada ao grupo dos entrevistados decorre da sua função no programa: servir de exemplos, de vozes do povo, cujas narrativas reforçam as questões trazidas a debate pela moderadora.

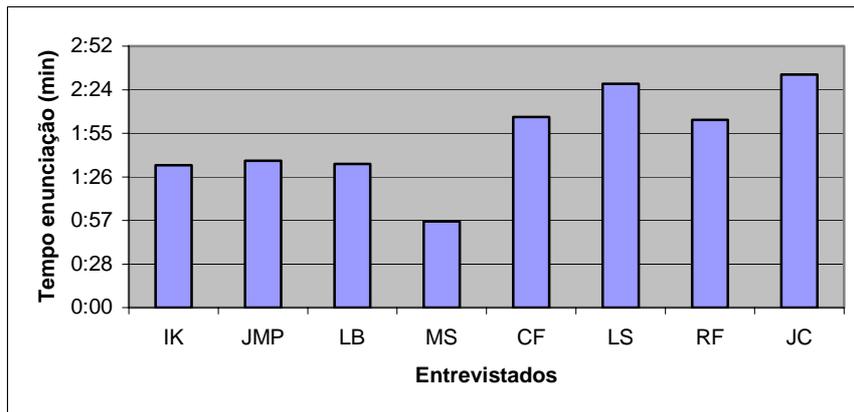


Gráfico 5: Duração (em minutos) das intervenções dos entrevistados do público.

O gráfico seguinte apresenta a totalidade das durações das intervenções dos 18 participantes ao longo do programa, do qual se destaca largamente Fátima Campos Ferreira, aqui somando os papéis de moderadora e de entrevistadora.

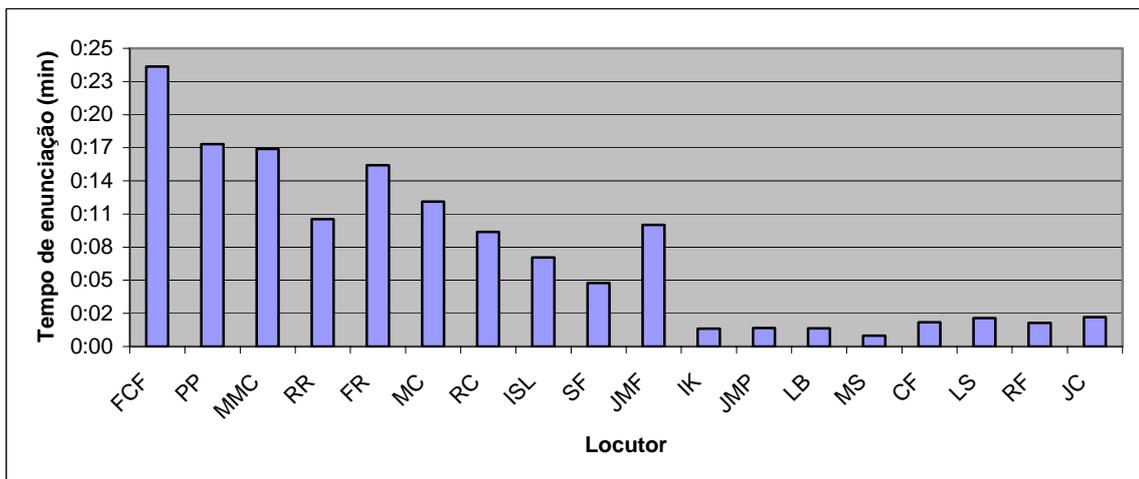


Gráfico 6: Duração (em minutos) das intervenções dos entrevistados do público.

4.1.3. Interrupção

A estratégia da interrupção tem duas funções, conforme seja feita pelos débatteurs ou pela moderadora.

Quando a interrupção é feita pela moderadora pode ter como funções:

- a) regular as durações das intervenções, no sentido de assegurar o equilíbrio entre as participações dos dois painéis:

FCF: [interrompendo FR] **deixe-me deixe-me perguntar aqui ao nosso economista** o professor medina carreira (-)(,) se esta travagem às [fala simultânea com FR] temos temos (‘) mais tempo, doutor fernando rosas (-)(,)[não consegue tomar a vez, FR insiste e mantém a sua vez]{T3, 4:24-4:31}

- b) retomar e reformular o discurso do seu interlocutor no sentido de clarificar algum assunto ou de focar a questão; neste caso a interrupção é feita sob a forma de uma frase interrogativa com orientação argumentativa:

FCF: [...] [interrompendo MMC] o sô professor (‘)(,) o sô professor acabou de dizer que o país também não sabe para onde vai (-)(,) é essa a sua convicção(?) (,) {T2, 5:53-5:58}

FCF: [interrompendoRR] **portanto (-)(,) do seu ponto de vista (‘)(,) há uma linha de rumo (-)(,) [RR: claramente] e essa linha de rumo está a ser traçada pelas reformas estruturais que estão em curso (,) (-) é isso (?) (,)**
RR: exactamente {T3, 1:53-1:58}

FR: [...] o que eu acho que há é políticas certas e políticas erradas (...) e acho que o predomínio

FCF: [interrompendoFR] então têm sido todas erradas(?)

FR: o predomínio continuado de políticas pode criar nos cidadãos uma descrença em realção às instituições [...] {T7, 5:02- 5:16}

FCF: [interrompendoFR] mas então o que que o que que tenciona por exemplo acha [FR: ora bem mas há outras soluções] que portugal deve sair da união europeia para não cumprir o pacto de estabilidade (?)

FR: há outras soluções (,)(!){T7, 5:58- 6:04}

FCF: mas está a defender que não devíamos cumprir os compromissos europeus (,)(?) qual é a alternativa (?){T7, 6:33- 6:34}

Mas a interrupção só é verdadeiramente uma estratégia argumentativa quando é feita por um dos participantes no debate e bem sucedida quando o participante consegue tomar a vez.

Normalmente a interrupção tem como objectivo refutar os argumentos do locutor anterior.

Veja-se o seguinte excerto em que Fernando Rosas interrompe Rui Rio para refutar a sua argumentação:

RR: [...] agora em vez de três quatro por cento que é o que nós herdámos (,)(‘) quatro vírgula tantos(,)(‘) queria levar para onde (,)(-) para sete pra oito pra dez [FR: XXXX] adiando o problema (?) adiando o problema (?)

FR: mas há outras políticas para combater o défice (...)(!)

RR: ah não não há (,)(.)

FR: há outras políticas pra (...)(!)

RR: vamo lá ver há diversas políticas sectoriais para combater o défice (‘) agora

FR: basta actuar mais ao nível das receitas do que das despesas (,)(.)

RR: agora desculpe o défice é só um (!) o défice é só [pausa] vai dar ao mesmo vai dar ao mesmo [FR: não não vai (!) não não vai] {T8, 0:13-0:31}

No excerto seguinte, Fernando Rosas interrompe Medina Carreira com o mesmo objectivo de refutar o seu discurso:

MC: [...] vocês quiseram um imposto sobre as grandes fortunas em portugal que não é cobrável não fazem ideia nenhuma XXX

FR: não vamos discutir tecnicamente a questão porque é

MC: não é técnica

FR: é é técnica [...] {T30, 1:46-1:53}

Neste excerto, a interrupção é usada por Medina Carreira e por Rui Rio não com o objectivo de refutar mas de tomar a vez:

FCF: sô doutor [para MC], se me dá licença, a verdade é que nós não conseguimos afastar-nos (.)(-) da discussão económica (..)(!) tamos com muita dificuldade (riso) eu já tentei levar a conversa para outras perspectivas dois mil e três, mas é difícil porque de facto a questão económica está a preocupar-nos o sentido **[MC: ó fátima mas é que a questão económica]** mas **[RR: a questão económica é que dá de comer às pessoas é um facto(!) [riso]]** é é o que tem sido crucial de facto. aa: inês serra lopes, directora {T8, 3:26-3:47} do jornal independente. a economia é de facto o ponto chave novamente em dois mil e três, o qué que perspectiva para este ano dois mil e três, vai ser um ano bom, um ano mau? {T9, 1:00-1:09}

4.1.4. Intrusão

Em *Prós e Contras*, a tomada de vez não autorizada é mais frequentemente conseguida graças à estratégia argumentativa da intrusão do que por meio da interrupção. A intrusão tem como objectivos a refutação e se possível a recuperação “ilegítima” de vez por um locutor que não tem a palavra nesse momento.

Segue-se um exemplo de intrusão típica em que Fátima Campos Ferreira interfere pedindo a Ruben de Carvalho que deixe Medina Carreira terminar a palavra, pedido esse que não só não é cumprido como Ruben de Carvalho “rouba” a palavra a Medina Carreira:

MC: [...] que nós nisto temos que meditar muito sobre as coisas (,)(‘) e temos que saber do que falamos (..)(.)

FR: não (,)(-) exactamente (!)

RC: ó ó ó medina careira (,)(‘)

FCF: deixe-o terminar o raciocínio (..)(!)

RC: a questão a questão não é enfim podemos falar das grandes fortunas mas quer dizer evidente [...] [RC toma a vez] {T30, 2:14-2: 23}

Noutro exemplo, Manuel Maria Carrilho toma a vez por intrusão, embora a moderadora tenha atribuído a palavra a Pacheco Pereira:

MMC: [...] o facto de enfim uma grande parte deste debate (,)(-) termos estado a discutir o passado (,)(‘) só mostra uma coisa (,)(-) é que não há (,)(-) perspectivas de futuro (,)(!) porque se este governo tivesse prioridades (,)(-) [palmas] se este governo tivesse objectivos(,)(-) [palmas no fundo] nós não estávamos todo o tempo a falar do passado (!) nós estávamos a falar do futuro (,)(-)

FCF: pacheco pereira (-)(,)[MMC: **eh este é um ponto absolutamente central**] não há não há perspectivas (?-)(,) [interrompida por PP]

PP: essa é uma daquelas frases (,)(-) em que o contrário também é verdadeiro (,)(!)

MMC: não é (!)

PP: é verdadeiro dizer que as condições em que este governo assumiu o poder (,)(-)por uma crise política (,)(-)provocada pelo abandono do primeiro-ministro (,)(‘)criou condições tão difíceis (,)(-)que é óbvio que o peso do passado é enorme(,)(‘) [...]

MMC: continuamos com o passado XXXX

PP: portanto tanto vale uma coisa como vale outra(,)(.) [MMC: XXXX passado] agora eu não me importo de falar do futuro (,)(-)

MMC: mas eu acho que é o que é interessante(,)(!) que é isso que interessa

[PP:XXXX] **quando nós falamos num tópico que ainda há bocadinho falamos** [e recupera a vez]{T11, 1:58-2:47}

Também Medina Carreira usa a intrusão para recuperar a vez quando a palavra tinha sido cedida a Rui Rio:

FCF: rui rio (,)(.)

RR: eu acho que há uma inadequação

MC: XXX certo certo do ponto de vista de cobrança de impostos (,)(‘) [RR: XXX] de reforma fiscal que foi aprovada no parlamento(,)(‘) [e toma a vez]{T31, 4:48-4:57}

Neste caso, o recurso à estratégia da intrusão por parte de um elemento do mesmo painel, designadamente por Medina Carreira em relação a Rui Rio, funciona como reforço argumentativo de um assunto que Medina Carreira quis esclarecer pessoalmente e não ver esclarecido por Rui Rio.

4.1.5. Manutenção forçada de vez

A manutenção forçada de vez ocorre quando a moderadora ou outro participante interrompem um dado locutor que, apesar disso, consegue manter a sua palavra. Esta estratégia é argumentativa num sentido amplo, na medida em que permite concluir um argumento ou uma ideia.

A manutenção forçada de vez pode ser feita de três formas:

- por expressões de pedido explícitas (actos de fala directivos)
- por sobreposição de vez (continuando a falar) com a moderadora que interrompe
- utilizando ambas as estratégias - pedido explícito e sobreposição de vez

Fernando Rosas, por exemplo, recorre com frequência à estratégia de manutenção de vez, com expressões de pedido, o que explica o seu sucesso em termos de duração global da sua intervenção (cfr. gráfico 4):

FR: [...] **deixe-me só acabar o raciocínio** [resposta a indicações cinésicas] e com as exportações para a europa [...]

FCF: [interrompendo FR] deixe-me deixe-me perguntar aqui ao nosso economista o professor medina carreira (-)(,) se esta travagem às [fala simultânea com FR] temos temos (‘) mais tempo, doutor fernando rosas (-)(,)

FR: deixe-me só deixe-me só di deixe-me só dizer uma coisa

CF: temos muito mais tempo (,)(!) doutor fernando rosas (‘)

FR: **porque mas depois eu respondo também a isto já agora** [riso] é (...)(-) o aspecto estrutural (!) [...] {T3, 4:18-4:35}

FCF: rui rui rio também é economista (-)(,) aa: deixe-me só ouvir a opinião dele.(.)(,)
portugal tinha esta (-)

FR: deixe-me só deixe-me só acabar o meu raciocínio[...]{T7, 7:08-7:11}

Noutro momento, Medina Carreira consegue manter a vez usando a estratégia da sobreposição de vez:

FCF: [interrompendo MC] mas a questão é saber se estas medidas(‘)(,) de redução de custos(‘)(,) [MC: **eu já lá vou eu já lá vou**] a: de redimensionação do próprio estado (‘)(,) [MC: eh] como está como está a ser preparadas nalgumas d elas(‘)(,) é são absolutamente necessárias(.)(.) {T4, 0:27-0:37}

FCF: aliás o senhor costuma dizer que (‘)(,) comparar o país a uma família que durante algum tempo [MC: **sim eu comparo a uma família**] se endividou (‘)(,) [MC: bom se quiser vamos à metáfora de família] se endividou(‘)(,) [MC: **suponhamos que somos uma família**] porque comprou aa: comprou acima das suas possibilidades (.)(,)

MC: gastámos vinte podendo apenas gastar quinze [...] {T4, 2:14-2:26}

Pacheco Pereira, por exemplo, mantém a vez com expressões de pedido e com sobreposição de vez:

FCF: [interrompe PP] concorda doutor manuel maria carrilho? [**PP: e portanto isto é uma realidade objectiva(!)**]o senhor o senhor não esteve nos últimos anos [**PP:deixe-me só dar um dado**] no governo mas alguns esteve alguns anos (.)(,)

PP: e portanto (-)

MMC: eu gostava de comentar um ponto já agora (-)

PP: deixe-me só só só só concluir (,)(,) portanto quando eu vejo [...] {T5, 4:40-4:51}

4.1.6. Actos de fala que reflectem taxemas de dominância

Ocorrem, no debate de *Prós e Contras*, os actos de fala de interdição, autorização, crítica, censura, refutação e troça que, segundo K.Orecchioni (1996:47), exprimem taxemas de dominância.

Dada a posição privilegiada e dominadora da estrutura do debate pela moderadora, os actos de interdição e de autorização são exclusivamente enunciados por Fátima Campos Ferreira, e tem como função regular os tempos de intervenção de cada uma das partes (painel pró, painel contra e directores de jornais).

Seguem-se assim dois exemplos de actos de interdição em que a moderadora tem como objectivo tirar a vez a uns para dar a vez a Medina Carreira, neste caso:

FCF: medina carreira. **deixem deixem falar o professor medina carreira por favor.** {T30, 1: 14-1:18} [aqui MC consegue falar]

FCF: **deixe-o terminar o raciocínio** (..)(!){T30, 2: 30}

Uma vez mais, cabe à moderadora autorizar uma intervenção, acto de fala esse que tanto pode ser enunciado através de uma frase interrogativa (dois primeiros excertos), como através a simples nomeação do alocutário (dois últimos excertos):

FCF: **rui rio concorda** (,)(?) {T7, 7:33}

FCF: **quer falar pacheco pereira** (?)(,)(,){T15, 0:03-0:05}

FCF: **fernando rosas** (,)(,){T15, 2:45}

FCF: **rui rio** (,)(,){T20, 0:47}

A troça é mais uma acto que exprime dominância, na medida em que ataca o adversário ou aquilo que ele representa, por meio do ridículo. Este acto consegue frequentemente reacções colectivas de riso do público, reacções essas que representam adesão e apoio por parte do público, reforçando a argumentação global e a imagem pessoal do locutor “trocista”. Em *Prós e Contras*, há apenas um exemplo¹²³ em que Fernando Rosas usa a

¹²³ Trata-se de um uso isolado de troça no programa *Prós e Contras*. O facto de ser isolado e deslocado de um debate sério justifica o espanto da moderadora e a censura de Pacheco Pereira, como se pode ver no seguinte excerto:

PP: [interrompendo FR]eu só acho uma coisa (‘) fernando (‘) isto de chamar salazar às pessoas em democracia só favorece o salazar [...] tu tens liberdade de dizer que a senhora parece o salazar de saias e isso (...)(‘) faz toda a diferença [...] **convém ter alguma prudência vocabular** [...] [FR toma a vez]{T25, 2:11-2:40}

A troça, na sua modalidade de argumento *ad personam*, é uma crítica sem dignidade, mas como contra-exemplo deve ser apresentada, o que justifica o facto de constar na nossa análise.

troça como estratégia, obtendo não só gargalhadas do público, como a perplexidade da moderadora, que o interrompe para esclarecer o objecto da troça:

FR: deixe-me dizer (..)(.) no discurso cultural (..)(‘) que é uma espécie de novo discurso neo-decadentista (..)(.) que Portugal vem por aí abaixo(,)(‘) há uma decadência (,)(‘) finalmente (,)(-) apareceu um governo que (..)(‘) uma espécie de (,) neo-bonapartismo que nos vai endireitar com (-)(..) por obra de uma espécie de (,)(-) **por uma espécie de salazar de saias adaptado ao século vinte que é a (..) (-) que é a ministra das finanças (..)(.)** eh este discurso (,)(-) este discurso

FCF: salazar de saias adaptado ao século vinte e um (?) [risos público]

FR: uh eh exactamente (..)(.) eh exactamente (..)(,) [risos público]

FCF: está a referir-se à doutora manuela ferreira leite (?) [risos público]

FR: a receita a receita a receita financeira (..)(-) a receita financeira da doutora manuela ferreira leite (,) d’um ponto de vista teórico (..)(‘) é muito semelhante à receita do salazar em mil novecentos e vinte e oito (!)(‘)(..) [...] {T25, 00:57-1:37}

Outro acto de fala que exprime taxemas de dominância é o acto de fala da crítica. A crítica é talvez o acto mais frequente ao longo do debate e constitui claramente uma manobra argumentativa de descredibilização do adversário, ainda que o alvo não seja o próprio adversário, mas a facção que representa. A crítica/acusação é um acto constantemente enunciado por todos os grupos intervenientes no debate, embora com destinatários distintos. É ainda um acto central na dinâmica do debate, na medida em que traduz o dissenso e funciona como um dos mais eficazes dispositivos argumentativo.

Assim, é o painel Contra quem dá início a este tipo de actos pela voz de Manuel Maria Carrilho, que começa por criticar a actuação do primeiro-ministro, José Manuel Durão Barroso, recorrendo ironicamente a discurso relatado do próprio Durão Barroso (cfr. expressões em itálico), obviamente considerado inconsequente, exagerado e irresponsável:

FCF: [...] o sô professor (‘)(,) o sô professor acabou de dizer que o país também não sabe para onde vai (-)(,) é essa a sua convicção(?) (,) {T2, 5:53-5:58}

MMC: eh (,)(‘) nós temos um governo (-) e sobretudo um primeiro-ministro (..)(-) q u e mais do que reconhece-lo p e l a (..)(-) digamos expressão das suas convicções (..)(‘) eu penso que nós **reconhecemos no primeiro-ministro é a o c u l t a ç ã o p e r m a n e n t e d a s suas intenções** (..)(‘) aumentou-se os impostos (,)(‘) sem o ter dito (,)(.) **permanentemente tem (,)(-) intenções que se vêm revelando (‘) na política que vai desenvolvendo(,)(-) como nestes últimos quinze dias(,)(-) que não se conhecia que não foi anunciado aos portugueses (..)(.)** e não temos uma linha de rumo (,)(!) *ora o país está de tanga (..)(‘) ora vamos ser os melhores em dois mil e seis(,)(‘) ora vamos ter a melhor escola da europa (,)(-) e do mundo em dois mil e dez(,)(‘) bom isto não é sério (,)(.) eh enfim reconhecerão que não é sério e as coisas não podem ser conduzidas assim e o país os portugueses não identificam neste discurso uma linha de rumo[...]* {T2, 5:59-6:40}

A crítica ao primeiro-ministro estende-se, na verdade, à actuação de todo o governo e é continuada pelo painel Contra, desta vez pela voz de Fernando Rosas:

FR: [...] nós estamos a mergulhar **por virtude de uma política económica ortodoxamente equilibrista em termos da contenção da despesa e de défice zero estamos a mergulhar numa recessão económica** donde realmente ninguém sabe como vai sair (..)(!) {T3, 4:55-5:06}

Por vezes, o acto de crítica é conseguido através da formulação de perguntas retóricas (directas e indirectas – ver segundo excerto em baixo), que constituem mais um dispositivo do acto de crítica, cujo objectivo não é o de conseguir respostas mas sim de lançar a polémica e as questões. A pergunta retórica é, com efeito, uma estratégia muito usada por Fernando Rosas ao serviço do acto de crítica que dirige ao partido do governo. Ela é tanto mais eficaz se for usada na forma negativa¹²⁴, como se pode verificar nos excertos seguintes (em itálico):

FR: [...] ***então a investigação não é uma política de fundo*** (..)(?) então a educação não é (..)(?) ***então por que é que a educação*** (,)(-) ***e a ciência*** (,)(-) ***junto com a cultura***(,)(-) ***são exactamente as áreas que são atingidas nos cortes orçamentais*** (..)(?) [FCF interrompe para dar a vez a MMC]{T15, 3:49-3:58}

FR: [...] ***eu pergunto ao doutor rui rio*** (..)(^c) ***eu pergunto ao doutor rui rio*** (..)(^c) ***se aquela se os vinte mil desempregados*** (..)(-) ***que apareceram só no terceiro trimestre*** (..)(-) ***do ano passado*** (..)(^c) ***em lisboa*** (..)(^c) ***e que são desempregados*** (..)(^c) ***e que têm que esperar*** (,)(-) ***por vezes*** (..)(^c) ***dois a tres anos para começar a receber o subsídio de desemprego*** (..)(^c) ***se é ou não uma questão de haver dinheiro*** (..)(^c) [aplausos] {T20, 3:43-4:10}

FR: ***porqué que o estado não tributa as grandes fortunas*** (..)(?) ***porqué que o estado não faz uma reforma fiscal ou um projecto*** [intrusão de MC] XXXX {T30, 0:12-} ***sobre a fraude e a invasão fiscal***(..)(?) ***porqué que o estado não fecha os off-shores*** (..)(?) porqué que o estado

MC: ó ó fernando ó fernando rosas (..)(!)

FR: ***deixe-me deixe-me deixe-me acabar*** (..)(.) ***porqué que o estado tolera por exemplo*** (..)(^c) ***que um que um gestor destas empresas*** (,)(-) ***desses hospitais empresarializados*** (..)(^c) ***vá ganhar mil e trezentos a mil e setecentos contos por mês enquanto os ordenados da função pública vão ser congelados*** (..)(?) esta é qué a questão (..)(!)[palmas] {T30, -0:12-0:41}

Também o painel Pró recorre ao acto da crítica como estratégia argumentativa com o mesmo objectivo de descredibilizar o adversário – a oposição, e com o propósito acrescido de justificar a sua actuação como governo e de credibilizar assim a sua imagem junto do público.

¹²⁴ Carapinha Rodrigues (1998) destaca também o papel da ***negação na pergunta retórica***, que designa por “interronegativas”: “As interronegativas, perguntas construídas negativamente, são um dos recursos postos à disposição dos falantes para a transmissão do valor retórico. De facto, sendo tradicionalmente consideradas como pedidos de confirmação positiva, ou seja, correspondendo a asserções positivas, as interronegativas são tidas por perguntas retóricas, logo orientadas.” (Carapinha Rodrigues, 1998: 69) [itálicos nossos].

O alvo da sua crítica resume-se ao governo anterior, e pode ser *directa*, através do uso de nomes e adjectivos marcados negativamente, como “erro claro”, sintagma que resume anaforicamente a frase anterior “andámos em contraciclo”, e através da responsabilização explícita do “governo anterior” através da ligação sintáctica estabelecida pelo complemento determinativo do nome (“do governo anterior”) em relação ao sintagma “erro claro”:

RR: [...] **andámos em contraciclo (..)(^o) erro claro do governo anterior (..)(^o)**
andámos em contraciclo (..)(^o) obriga-nos agora a andar em contraciclo outra vez {T3,
1:22-1:28}

A crítica pode ser também indirecta, sendo igualmente o alvo da crítica o governo anterior, embora não seja nomeado:

MC: [...] **ora o que aconteceu nos anos noventa e oito (^o) noventa e nove (^o) e dois mil (,)(^o)** e que nunca é referido é **que nós tivemos um desafogo (-)(^o) que eu não digo que fosse fictício mas foi um desafogo desapoiado da realidade (...)(.) porque de facto portugal viveu dos financiamentos externos [...] {T4, 1:34-1:50}** o que é que aconteceu (..)(?) nós hoje estamos extremamente individados (..)(.) {T4, 2:32-2:34}

PP: [...] agora eu sei é que **o meu país (,)(^o)** isso também respondendo um bocado ao fernando rosas (,)(^o) e dizendo de uma maneira dura e um pouco brutal (,)(^o) **viveu nos últimos anos do dinheiro dos contribuintes alemães holandeses e dinamarqueses (...)(!)** tem que ser claro (...)(!) a verdade é que a nossa prosperidade (,)(^o) **dinheiro que foi deitado fora de uma maneira criminosa (,)(^o)** a nossa prosperidade dos últimos anos foi uma prosperidade artificial (,)(!) [...] {T5, 4:12-4:34}

Também o grupo dos directores de jornais recorre à crítica, ora dirigida aos vários governos, que na prática cometem sempre os mesmos erros (cfr. excerto seguinte de ISL e SF), ora dirigida aos portugueses (último excerto de SF):

ISL: [...] [interrompendo FCF] mas é que **importante (..)(!)** é que **o estado tem sido o menos sacrificado nesta história toda das contas públicas (!)** [FCF interrompe] {T9, 4:26-4:32}

SF: [...] temos verificado aqui durante deste debate (..)(^o) que **a própria esquerda não entendeu ainda (..)(^o) o desastre financeiro que provocou ao país nos últimos seis anos (,)(^o) e continua a resolver os problemas tentando jogar mais dinheiro para cima dos problemas** {T10, 1:26-1:39}

JMF: [...] **nós com aquele investimento que investimos devíamos ter o dobro dos resultados** (..)(.)

FCF: o quê que está errado (,)(^o)(?) [JMF: eu acho que XX muitas coisas erradas] os métodos de ensino (,)(^o)(?) a formação de professores (,)(^o)(?) os curricula (..)(^o)(?)

JMF: tã o (...)(-) ora (...)(-) tã o (...)(-) **erradas tão errados os valores inicial (,)(-)há há valores que estão errados (,)(^o)há uma certa cultura de que (,)(-) as coisas se fazem**

(..)(´) com uma certa facilidade(,)(.) o desenrascanço habitual (,)(.)que não é necessário esforço (,)(´)para obter qualquer coisa [....]{T16, 1:54-2:18}

Outro acto que exprime taxemas de dominância é o acto da refutação. O acto da refutação parte muitas vezes da retoma de um discurso anterior para em seguida o negar, através da conjunções adversativa. O acto da refutação termina com a apresentação de argumentos/evidências que sustentam a negação do discurso anterior:

ISL: estava **oo o doutor fernando rosas** a dizer só se fala de défice aaa e tal (...)(´) há um monotema em portugal (,)(.) **não é rigorosamente verdade** (,)(!) nós próprios é que temos centrado a discussão nisso {T9, -3:40-3:49}

Noutros momentos, a retoma do discurso anterior funciona como uma concessão, que introduz um movimento contra-argumentativo:

FR: [....] oooo **pacheco pereira tem escrito e tem dito** (,)(-) bom mas **vamos preparar as reformas estruturais** (...)(.) **mas como é que vamos preparar reformas estruturais** (,)(-) quando as despesas com a educação e com a ciência baixam no orçamento (...)(?) quando o investimento público tá cortado em 16% (...)(?) quais reformas estruturais (,)(?) nós estamos a mergulhar por virtude de uma política económica ortodoxamente equilibrista em termos da contenção da despesa e de défice zero (,)(.) estamos a mergulhar numa recessão económica donde realmente (,)(-)ninguém sabe como vai sair (,)(!){T3, 4:36-5:06}

RC: a a a primeira coisa que eu gostava de dizer (,)(´) eu **aproveitando aliás o (,)(-) uma paráfrase (´) do (,)(-) medina carreira (,)(´) eh é que (,)(-)que é a paráfrase a parábola da família** (,)(´) digamos assim (,)(´) a primeira coisa que eu que eu que eu julgo que é de sublinhar (,)(´) é que consideramos portugal como um todo (´) relativamente às perspectivas (,)(´) eh é por um lado correcto (,)(´) **mas há diferenças** (,)(´) não é (,)(-) porque é evidente (,)(´) não é que há quem vá ser mais prejudicado por esta política (,)(´) quem vá ser menos prejudicado (,)(´) e até quem vá ser beneficiado (,)(´) não é (,)(-) é evidente que eh a política que se enseja não vai ser igual para todos (,)(´) [....]{T4, 0:00-0:44}

Em síntese, o painel Contra é mais activo na expressão de actos de fala de dominância, não se verificando porém a enunciação de actos de fala de posição baixa por nenhum dos dois painéis, o que evidencia a preocupação que os participantes demonstram com a gestão da sua imagem pública. O facto de o painel Contra ser mais activo na expressão de actos de dominância decorre da posição que o painel Pró ocupa como representante do governo, menos preocupado em atacar a oposição, porque está efectivamente mais interessado em justificar a sua actuação legislativa.

4.2. Estratégias discursivas de construção do ethos no discurso

Desde a antiga retórica, a imagem construída pelo orador no e pelo seu discurso constitui uma estratégia no sentido de tornar a sua argumentação mais eficaz. Aristóteles, na *Retórica*, designa essa imagem pessoal do orador por *ethos*¹²⁵, que ao lado do *pathos*¹²⁶ e do *logos*¹²⁷ constituía a mais importante das provas técnicas que tornavam um discurso persuasivo¹²⁸. Aristóteles abre assim um debate que consiste em saber qual é mais importante para a construção da imagem pessoal do locutor: a imagem que é projectada

¹²⁵ A noção de *ethos* nasceu na Retórica de Aristóteles, fundava-se nas virtudes morais e no estatuto social do orador mas era projectada pelo seu próprio discurso. Amossy (2000: 60-73) faz o percurso histórico do conceito de *ethos* desde a Retórica Clássica às novas Ciências da Linguagem. Nos estudos em argumentação contemporânea, foi Perelman (1977:111) quem reabilitou a noção de *ethos*. No quadro da Semântico-Pragmática, o termo *ethos* é retomado por O. Ducrot e integrado na sua teoria polifónica da enunciação. O *ethos*, como imagem de si mesmo, está associado ao locutor L: “*Dans ma terminologie, je dirai que l’ethos est attaché a L, le locuteur en tant que tel: c’est en tant qu’il est source de l’énonciation qu’il se voit éffublé de certains caractères qui, par contrecoup, rendent cette énonciation acceptable ou rebutante.*” (Ducrot, 1984 :201).

E. Goffman (1974), no quadro da análise conversacional, defende que em toda a interacção social existe uma “representação”, ou seja, cada locutor comporta-se de uma certa forma, desempenha um papel (part) perante os interlocutores no sentido de os influenciar.

Em Análise do Discurso, D. Maingueneau trabalha o conceito de *ethos* defendendo que este decorre do discurso, mais do que de uma imagem prévia, e distingue as noções de *ethos dito* e *ethos mostrado*: “*Ce que l’orateur prétend être, il le donne à entendre et à voir: il ne dit pas qu’il est simple et honnête, il le montre à travers de sa manière de s’exprimer. L’ethos est ainsi attaché à l’exercice de la parole, au rôle qui correspond à son discours, et non à l’individu «réel», appréhendé indépendamment de sa prestation oratoire.*” (Maingueneau, 1993 :138).

Na linha de Goffman, a noção de *ethos* é retomada nos trabalhos de K.Orecchioni (1980, 1999) sobre a subjectividade da linguagem, ou seja, as imagens valorizantes que cada um dos interlocutores dá de si mesmo na interacção verbal. Orecchioni dá exemplos do funcionamento das marcas de subjectividade no discurso, nomeadamente ao nível dos morfemas verbais, dos vários modalisadores dos deicticos de pessoa.

Para Amossy, no quadro da Análise Argumentativa, a imagem pessoal está ancorada em estereótipos, um arsenal de representações colectivas que determinam em parte a apresentação de si próprio e a sua eficácia numa dada cultura. Considera dois tipos de *ethos*: o discursivo e o pré-discursivo. O *ethos* discursivo está em relação com a imagem prévia que o auditório pode ter do orador (*ethos préalable* ou *pré-discursif*) ou com a imagem que o orador pode ter do auditório a quem se dirige. Embora observando as marcas de subjectividade propostas por Orecchioni reflectidas no *ethos* discursivo, considerámos neste trabalho o conceito de *ethos* proposto por Amossy (1999, 2000). Para uma síntese sobre as várias noções de *ethos*, cfr. também o artigo sobre o “Ethos”, de R.Amossy, in *Dictionnaire d’Analyse du Discours* (Charaudeau, P. e Maingueneau, D., eds., 2002).

¹²⁶ O *pathos*, para Aristóteles, é uma estratégia argumentativa, a que é consagrado um livro (Livro II, *Retórica*), que consiste em transmitir/provocar emoções ao/no auditório através do discurso. Desta forma, ao introduzir o factor da emoção, o orador pode tornar mais eficaz uma argumentação apenas baseada na racionalidade, no *logos*. A análise argumentativa retoma o conceito de *pathos* e trabalha-a ao nível da interacção argumentativa, analisando de que forma as emoções/paixões são construídas ao nível do discurso (Amossy, 2000: 163-182; Plantin, et al. 2000). Desta forma é possível que o alocutário se identifique com o locutor ao nível dos sentimentos experimentados. O *pathos* liga-se portanto à inscrição da afectividade no discurso. Sobre este assunto, veja-se também o artigo “Pathos”, de C. Plantin, in Charaudeau e Maingueneau (eds), 2002, pp. 423-425.

¹²⁷ O *logos* é a terceira dimensão em que se apoiava a Retórica de Aristóteles e era entendida como discurso e racionalidade. O *logos* é uma operação argumentativa que se baseia no entimema (assente no silogismo) e no exemplo (assente na analogia). O desenvolvimento do *logos* foi sendo feito no âmbito da nova retórica (C. Perelman) e da análise argumentativa (C. Plantin; R. Amossy).

¹²⁸ Sobre o conceito de *ethos* aristotélico e a sua actualidade na pragmática moderna, cfr. Eggs, E. (1999) “*Ethos aristotélicien, conviction et pragmatique moderne*”, in R. Amossy (dir.).

pelo seu discurso ou antes a imagem que decorre do conhecimento prévio e da representação colectiva (estereotipada¹²⁹) desse locutor.

Segundo R. Amossy (2000), a imagem pessoal do orador (ou seja do locutor ser do mundo) é feita a dois níveis: ao nível pré-discursivo, a que chama “*ethos préalable*” ou “*ethos pré-discursif*”, e ao nível discursivo, que designa por *ethos discursivo*. A imagem pré-discursiva engloba (*apud* R.Amossy, 2000:71):

- o estatuto institucional do locutor, as funções ou a posição social que ocupa e que conferem legitimidade ao seu discurso
- a imagem que o auditório possui da sua pessoa antes de tomar a palavra, que corresponde a uma representação colectiva, a um estereótipo acerca da sua pessoa.

A somar à sua imagem pré-discursiva, o locutor ser do mundo constrói uma imagem discursiva¹³⁰ que deriva essencialmente da sua inscrição na enunciação e da forma como trabalha os dados pré-discursivos (*apud* R.Amossy, 2000:71). O locutor constrói a sua imagem não apenas através daquilo que ele diz acerca de si próprio, mas através da modalização do seu discurso¹³¹ e da sua inscrição pessoal na enunciação¹³². O *ethos* discursivo e pré-discursivo é também construído em função de uma ideia estereotipada que o locutor tem do alocutário que o escuta e dos destinatários a quem se dirige, como veremos no ponto 4.3..

Partindo da proposta teórica de Amossy (2000), e tendo em consideração a expressão da subjectividade discursiva apresentada por K. Orecchioni (1980, 1999), analisaremos, em seguida, de que forma é feita a construção do *ethos* em *Prós e Contras*. Tomámos também

¹²⁹ Amossy define assim estereótipo: “*Le stéréotype, rappelons-le, est l’opération qui consiste à penser le réel a travers une représentation culturelle préexistante, une schème collectif figé. Un individu concret est ainsi perçu et évalué en fonction du modèle préconstruit que diffuse la communauté de la catégorie dans laquelle elle le range. S’il s’agit d’une personnalité connue, il sera perçu à travers l’image publique forgée par les médias.*” (R. Amossy, 1991) [negritos nossos]. A imagem estereotipada de um orador, sobretudo quando se trata de uma figura pública, é em grande parte construída pelos media que têm uma função decisiva na definição de estereótipos numa sociedade.

¹³⁰ D. Maingueneau defende que toda a imagem do locutor decorre do discurso (cfr Amossy 2000: 67)

¹³¹ Os conceitos de **modalização** e de **modalidade** são alvo de muitos tratamentos teóricos distintos, mas na generalidade tem a ver com as atitudes que o locutor adopta no seu discurso. Interessa-nos apenas para este trabalho considerar os índices de modalização do discurso, ou os “marcadores de modalidade” (Safarti, 1997:22). Safarti integra estes marcadores no quadro mais amplo dos marcadores de subjectividade linguística, fazendo assim uma síntese dos trabalhos de Orecchioni (1999) sobre a subjectividade da linguagem. Safarti identifica como marcadores de modalidade, os substantivos subjectivos, os adjectivos subjectivos, os verbos e os advérbios modalizadores. Para uma tipologia de modalidades considerámos a proposta de Oliveira, F. 2003, que identifica as modalidades: *aléticas* (relacionadas com a noção de verdade), *epistémicas* (relacionadas com o conhecimento e crença), *deónticas* (relacionadas com a permissão e a obrigação), avaliativas (que exprimem a avaliação axiológica do locutor numa escala bom/mau) e causais.

¹³² Assim, como afirma Amossy (1999:136), um estilo pontuado por exclamações permite intuir sobre o carácter entusiástico ou arrebatado do locutor, enquanto que um estilo lacónico e rude, pouco preocupado em observar as regras de cortesia, pode significar que estamos perante um homem íntegro e determinado que diz verdades sem problemas.

em consideração o trabalho realizado por Rosalice Pinto (2003), em que analisa as facetas do ethos argumentativo nas secções editoriais de jornais portugueses¹³³.

4.2.1. O ethos pré-discursivo

Não são consensuais os critérios¹³⁴ para a definição rigorosa da imagem prévia e estereotipada que o público possui dos locutores. De forma que, em *Prós e Contras*, considerámos que a imagem prévia que o público poderá possuir das figuras públicas que tomam a palavra é essencialmente manipulada e construída pelo programa e pela moderadora que o apresenta, quer através das informações escritas que surgem no ecrã (em rodapé) no início das intervenções dos participantes, quer através das informações que a moderadora vai dando acerca de cada participante a quem cede a vez. É, acima de tudo, uma imagem construída a partir de discursos partilhados. Além disso, embora os participantes do debate de *Prós e Contras* sejam figuras públicas mais ou menos conhecidas, cujo percurso político e profissional pertence ao domínio público¹³⁵, é na qualidade de políticos alinhados com o governo (painel Pró), de políticos alinhados com a oposição (painel Contra) e de especialistas (directores de jornais) que foram convidados para este debate, função essa que contribui para a sua imagem prévia e que deve ser sublinhada pela moderadora como representante dos objectivos do programa.

Em *Prós e Contras* contribuem, portanto, para a construção do ethos pré-discursivo:

- 1) as informações por escrito no ecrã acerca do estatuto socio-profissional dos participantes
- 2) as informações que a moderadora vai apresentando acerca do estatuto institucional e social dos seus participantes
- 3) os elogios ou as críticas que outros participantes dirigem a um locutor

¹³³ No quadro dos estudos aplicados ao português sobre o *ethos*, é de salientar o trabalho realizado por Rosalice Pinto (2003), no âmbito da sua investigação de doutoramento ainda em curso. A autora analisa o ethos do sujeito enunciador tendo por base um artigo de opinião da secção 'Espaço Público' do Jornal *Público*, a partir do qual distingue vários tipos (nomeadamente *ethos didáctico*, *ethos crítico*, *ethos crítico subjectivado*, *ethos moderado*, *ethos indagativo* e *ethos ponderado*), apoiada em critérios de ordem ortográfica, pragmática (ao nível das modalidades e dos operadores argumentativos), semântica e morfológica. R. Pinto destaca a finalidade argumentativa, subjacente ao discurso de opinião, a que obedece a construção dessa imagem multifacetada do sujeito enunciador, constituindo um exemplo muito interessante de análise do funcionamento do ethos no âmbito do artigo de opinião em português europeu.

¹³⁴ Dos casos de estudo feitos sobre o ethos, verificámos que os autores se baseiam muitas vezes nas biografias dos oradores, as quais não são igualmente conhecidas pelo auditório (cfr. Haddad, G. 1999, in Amossy dir., 1999).

¹³⁵ No Anexo D faz-se uma breve descrição biográfica de cada um dos participantes dos painéis Pró e Contra apenas com informações que são do domínio público.

As informações por escrito no ecrã que surgem em rodapé obedecem essencialmente ao critério da concisão: em poucas palavras deverão informar o telespectador acerca do nome e do estatuto profissional/social do interveniente. Contudo, é interessante observar que essa informação é sempre parcial e restritiva, na medida em que apresenta apenas uma das faces do participante – aquela que interessa convocar para o debate. Assim, por exemplo, Fernando Rosas é professor universitário na Universidade Nova de Lisboa, é um dos principais rostos do Bloco de Esquerda, é licenciado em Direito e doutorado em História. Mas é na qualidade de “historiador” que ele é apresentado neste plano de informação, que será determinante para a construção do seu ethos pré-discursivo. De qualquer modo, é do conhecimento geral a sua candidatura às presidenciais pelo Bloco de Esquerda em 2001, facto que não é de desprezar para a construção da sua imagem pessoal. Da mesma forma, Ruben de Carvalho é introduzido como “jornalista”, uma vez que é essa a sua profissão e que é actualmente cronista do *Diário de Notícias*. Contudo, a sua faceta de militante activo do Partido Comunista sobressai ao longo do seu discurso, sempre contra o governo.

Participante	Estatuto social/profissional que lhe é atribuído
Pacheco Pereira	<i>Eurodeputado</i>
Rui Rio	<i>Presidente da C.M.Porto</i>
Medina Carreira	<i>Fiscalista</i>
Manuel Maria Carrilho	<i>Deputado</i>
Fernando Rosas	<i>Historiador</i>
Ruben de Carvalho	<i>Jornalista</i>
Inês Serra Lopes	<i>Dir. Independente</i>
Sérgio Figueiredo	<i>Dir. Jornal de Negócios</i>
José Manuel Fernandes	<i>Dir. Público</i>

Tabela 5: Estatuto socio-profissional dos participantes em *Prós e Contras* veiculado pelas informações em rodapé no ecrã.

Na tabela 5, podemos observar em que qualidade é que a direcção do programa pretendeu convidar os participantes¹³⁶ do debate *Prós e Contras*.

¹³⁶ Só analisaremos a construção do *ethos* feita para e pelos “débateurs” ou participantes no debate de Prós e Contras, na medida em que são aqueles que por excelência usam a sua imagem prévia e discursiva para argumentar no sentido de persuadir. Excluímos desta análise os convidados do público, cuja participação se inscreve no tipo da *entrevista* e que possuem uma função muito concreta no programa, como já foi mostrado no capítulo II. De qualquer forma, deixamos aqui a informação que é apresentada sobre eles no ecrã, o que permite perceber também em que qualidade é que foram convidados e que exemplo pretendem trazer para o programa:

- ♦ Inna Kozyar - *Médica Ucrainiana*

Ao longo do discurso, veremos muitas vezes irrupções de outras facetas/imagens dos participantes, visíveis sobretudo em momentos em que fazem referência directa às suas profissões e à experiência que possuem numa dada matéria, como é o caso de Pacheco Pereira que numa dada altura convoca para o seu discurso o seu estatuto de ‘professor’, embora no programa esteja na qualidade de ‘eurodeputado’(cfr. tabela 5):

PP: [...] é evidente que nos professores (,)(-) **eu sou professor (..)(!) a minha profissão não é política é ser professor (..)(!)** mais importante nos professores (‘) para além do saber (-) é a empatia (..)(-)e a comunicação que tenham com os estudantes (..)(.) [...] {T15, 0:43-0:53}

Outro tipo de factores que contribuem para a construção do ethos pré-discursivo são as informações que a moderadora dá ao apresentar cada participante antes de lhe colocar a pergunta.

Por exemplo, Fátima Campos Ferreira apresenta Pacheco Pereira como “doutor”, remetendo para o seu estatuto académico de graduado e inclui-o no painel dos *optimistas* e, portanto no painel Pró:

FCF: [...] **doutor pacheco pereira boa noite (.)(..) o senhor (‘) (,) está sentado no painel que denota alguns sinais de optimismo (.)(..)** vamos dizer desta forma porque eu já sei que aqui não há (‘) (,) optimistas convictos totalmente (.)(..){T2, 1:08 – 1:20}

Mais adiante, a moderadora convoca Medina Carreira na qualidade de economista (em consonância com a sua apresentação como ‘fiscalista’ – cfr. tabela 5). A forma de tratamento que Fátima Campos Ferreira dirige a Medina Carreira indica também o seu estatuto académico de professor universitário:

FCF: [interrompendo FR] deixe-me **deixe-me perguntar aqui ao nosso economista o professor medina carreira** (-)(,) se esta travagem às [fala simultânea com FR] temos temos (‘) mais tempo, doutor fernando rosas (-)(,){T3, 4:24-4:31}

Fátima Campos Ferreira dirige-se a Fernando Rosas convocando a sua imagem de historiador e de pensador, além de informar sobre a sua condição de professor universitário a partir da forma de tratamento:

-
- ♦ José Manuel Pereira – *Quer emigrar*
 - ♦ Lourença Barrento – *Está a aprender a ler*
 - ♦ Margarida Silva – *Estudante univertária premiada internacionalmente*
 - ♦ Carlos Fontinha – *Beneficiário microcrédito*
 - ♦ Luís Sousa – *Presidente empresa cobrança dívidas*
 - ♦ Rosário Fontinha - *Desempregada*
 - ♦ João Carreira – *Presidente Critical Software*

FCF: **professor fernando rosas (-)(.) o senhor é um historiador(.) é um pensador (.)**{T7, 4:37-4:42}

FCF: justamente. sérgio, deixe-me aqui a: {T24, 4:02-4:06} lançar (.) o sérgio falou aí em referências (-) em valores (.) a: os valores mediáticos (-) que hoje (-) a: estão na nossa sociedade (.) deixe-me aqui pegar nessa nessa ideia e lançá-la **ao fernando rosas (') que é um historiador (') é um pensador (') é um homem que reflecte a:** [fala FR] todos pensam, mas o o fernando rosas (') [fala FR] aa: talvez tenha (') como o professor professor manuel maria carrilho (') e e o doutor pacheco pereira também (') enfim olhe (') somos todos fil ó sofos pronto (.) aa: assim tout cours somos todos filósofos (.) diga-me uma coisa (-) a sociedade portuguesa está a precisar de referências (?) está a precisar de: de de valores (?) está a precisar de alguém que lance novas ideias (?) e e e sirva de exemplo(?) {T25, 0:00-0:42}

Já Rui Rio, que é apresentado no ecrã como ‘Presidente da Câmara Municipal do Porto’, é convocado pela moderadora, em certo momento, na qualidade de economista. Como se pode verificar, o facto de a moderadora convocar ora uma faceta mais técnica ora mais intelectual dos seus convidados vem mostrar que o ethos pré-discursivo e o ethos discursivo não são mais que “faces da mesma moeda”:

FCF: **rui rui rio também é economista (-)** deixe-me só ouvir a opinião dele(.) português tinha esta (-)[interrompida por FR] {T7, 7:08-7:11}

Igual procedimento é feito em relação à imagem que a moderadora faz passar dos seus convidados especiais. Sérgio Figueiredo, por exemplo, é assim apresentado na qualidade de Director do Jornal de Negócios e sem a forma de tratamento académica, o que indica uma relação de maior proximidade com a moderadora, de quem é colega de profissão:

FCF: [...] **sérgio figueiredo (') director do jornal de negócios (')** aa: que diz que o ano de dois mil e dois (') foi **tão m a u tão m a u tão m a u (')** que até tivemos que pagar portagens(.) a: para sair dele(.) pelo menos ('), sérgio (-) parece que não estamos a criar **grandes ilusões (')** à volta do dois mil e três (-) ou seja (-) aa:m (-) se ele for menos mau (') já temos algum ganho ou não(?) {T10, 1:00-1:20}

Contribuem também para a construção do ethos pré-discursivo os actos de fala de elogio e de crítica que outros participantes fazem ao longo do debate/programa. Sérgio Figueiredo dirige um elogio a Manuel Maria Carrilho, num dado momento em que evoca a sua faceta íntegra como ministro do anterior governo:

SF: [...] nós tivemos até nos últimos anos do guterrismo (') que me eu recuso-me a criticar() (-) porque **o doutor manuel maria carrilho foi o melhor crítico desse desse período de governação (') a tal ponto que teve de sair (') não se sentiu bem()(-)** {T10, 1:41-1:53}

Se fazer elogios a um alocutário não é favorável à construção da imagem de si mesmo, na medida em que favorece a construção da imagem do alvo do elogio, fazer críticas¹³⁷, sobretudo directas, a algum dos alocutários presentes também não favorece a construção do próprio ethos, porque rompe com o princípio da delicadeza¹³⁸ subjacente a qualquer interacção verbal. O acto de crítica directo e dirigido a um dos alocutários não ocorre, por isso, em *Prós e Contras*, mas surge de forma indirecta por Sérgio Figueiredo, que hábil e cortesmente¹³⁹ critica os ‘débateurs’ ao elogiar os convidados do público, com o objectivo de provocar a adesão dos espectadores e telespectadores:

SF: [...] eu acho que (..)(-) eh **dos momentos mais emocionantes que tivemos aqui (..)(‘) até dos m a i s (..)(‘) aa: estimulantes vieram da plateia (‘) com todo o respeito pelos seis a convidados que o programa (..)(‘) tem**(..)(‘) e isto eh leva-nos a acreditar no futuro (..)(-) porque **há sempre uma gente desconhecida (..)(-) que não aparece nas câmaras de televisão (..)(‘) com uma história que nos emociona (..)(‘) como as senhoras de marvão (..)(‘) ou até o nosso amigo jardineiro** que através (‘) dos seus próprios meios (..)(‘) com um sistema que não é público (..)(‘) [...] {T24, 1:15-1:50}

4.2.2. O ethos discursivo

No debate *Prós e Contras* constituem marcas de ethos discursivo:

- 1) construção do locutor como entidade colectiva (valores de “nós”)
- 2) construção do locutor como entidade individual (facetas do “eu”)

Cada locutor ser do mundo convoca um locutor L cujo valor referencial pode ser inferido através de dispositivos sintáctico-semânticos¹⁴⁰ ao nível contextual e cotextual. Cada

¹³⁷ Além disso, como mostra Orecchioni (1996: 51-52), o acto de crítica dirigido a um alocutário é um acto que se inscreve dentro dos *Face Threatening Acts* (FTAs), que são actos de fala que ameaçam um dos dois intervenientes numa interacção verbal. Neste caso, a crítica ameaça a face positiva do alocutário a quem a crítica é dirigida, ou seja, tende a descredibilizar o alocutário.

¹³⁸ G. Leech dá início no final dos anos 70 a uma série de trabalhos sobre a delicadeza, continuados por P. Brown e S. Levinson. Mais recentemente, K. Orecchioni tem desenvolvido trabalhos sobre o funcionamento da delicadeza ao nível linguístico nas interacções verbais. Orecchioni define assim delicadeza: “*La notion de «politesse» est ici entendue au sens large, comme recouvrant tous les aspects du discours qui sont régis par des règles, et dont la fonction est de préserver le caractère harmonieux de la relation interpersonnelle.*” (Orecchioni, 1996 :50-51).

¹³⁹ Com o propósito de atenuar os FTAs em relação aos participantes no debate, Sérgio Figueiredo intercala o seu elogio dirigido aos convidados do público com a expressão de delicadeza “com todo o respeito pelos convidados que o programa tem”.

¹⁴⁰ Considerámos para a nossa análise os dispositivos linguísticos que M. A. Marques (2000: 219-223) designa por *mecanismos linguísticos de identificação das vozes* necessários à interpretação do valor referencial dos deícticos pessoais eu/nós. Fazem parte destes mecanismos: *estruturas de aposição, a alternância entre a*

locutor L convocado representa uma imagem parcelar no conjunto de facetas apresentadas pelo locutor ser do mundo. A primeira forma de expressão dessas imagens parcelares é feita através dos pronomes pessoais de primeira pessoa, quer o locutor se apresente diluído num “nós”, quer o locutor se assuma como entidade individual num “eu”. Esta alternância eu/nós, locutor individual/locutor colectivo, e os valores referenciais para os quais estes pronomes reenviam constituem uma estratégia construção do ethos e por consequência, uma estratégia de argumentação.

M.A.Marques (2000:180-243) apresenta uma tipologia de valores referenciais subjacente à selecção dos valores de “eu” e de “nós”, que é, em geral, comum ao funcionamento dos deícticos de primeira pessoa em *Prós e Contras*. A partir da proposta de Marques¹⁴¹, é possível verificar que o locutor de *Prós e Contras* institui-se como entidade colectiva com os seguintes valores referenciais:

Nós₁ - locutor como porta-voz de uma facção ideológica ou de um grupo profissional

Este valor referencial do pronome ‘nós’ é usado por quase todos os participantes no debate, uma vez que é, principalmente, na qualidade de seguidores de um quadro ideológico corporizado num partido que foram convidados para o programa. Através dos mecanismos linguísticos de identificação das vozes propostos por Marques (*vide rodapé 140*), podemos concluir que Pacheco Pereira fala em nome do PSD, opondo “nós” (= Eu, Pacheco Pereira + governo do PSD) a “governo do PS”, oposição essa que é reforçada pelo contraste entre os tempos verbais associados: Pretérito Perfeito Indicativo (‘propôs’)/ Presente do Indicativo (‘propomos’):

PP: [...] quando se pede grandes projectos (,)(‘) grandes ideias para portugal (,)(‘) **nós estamos todos** de acordo (,)(!) **queremos** um país mais qualificado (,)(‘) **queremos** que as pessoas vivam melhor (,)(‘) **queremos** que o país seja mais competitivo (,)(‘) não há aí nenhuma diferença entre **nós** (...)(!) os objectivos que durante muito tempo o governo do PS propôs (,)(-) são muito semelhantes àqueles que **nós** também **propomos** (rápido)(!) quer dizer são coisas gerais e vagas em que estamos todos de acordo (,)(!)[...] {T5, 2:40-3:00}

De igual modo, Medina Carreira apresenta-se como porta-voz de uma facção ideológica que apoia o governo e dirige-se a Fernando Rosas enquanto porta-voz do Bloco de

primeira pessoa do plural e a terceira do singular verbalizada por um SN, o semantismo verbal, as relações semânticas com elementos cotextuais, os deícticos espaciais e formas verbais que veiculam um valor injuntivo.
¹⁴¹ Não considerámos aqui o valor de Nós₆ (de modéstia) proposto por Marques por considerarmos que não se verifica em *Prós e Contras*.

Esquerda, ao questioná-lo acerca de um projecto que apresentou no passado e que nenhum dos outros partidos aprovou. O contraste entre os deícticos pessoais “nós” (=Eu, Medina Carreira + aqueles que defendem austeridade orçamental) vs “vocês” (Você, Fernando Rosas + Bloco de Esquerda) vs eles (PS + PSD) reforça o valor referencial subjacente a este uso de “nós” por Medina Carreira:

MC: eu só queria fazer uma pergunta ao fernando rosas (,)(‘) que é a primeira vez que o encontro (...)(-) por quê que não se aprovou o único projecto viável para tributar fortunas (..)(‘) que foi aquele que **nós** apresentámos em noventa e nove (...)(?) [...] vocês não aprovaram (..)(‘) o o governo do PS não aprovou(..)(‘) o PSD não faço ideia nenhuma se aprovou se não aprovou(..)(‘) {T30, 1:18-1:41}

Inês Serra Lopes usa “nós” não como porta-voz de uma facção ideológica, mas como porta-voz de um grupo profissional que está a representar. O valor referencial de “nós” é ainda mais restrito ao instituir-se como representante, não dos jornalistas em geral, mas dos jornalistas e funcionários do Independente, jornal que dirige. O uso da estrutura de oposição “no Independente” e a referência espacial ao local de trabalho contribuem para a determinação deste valor de “nós”:

ISL: [...] por exemplo nos media (..)(‘) onde eu trabalho **num jornal** (..)(‘) dois mil e um já foi um ano muito mau (,)(‘) e dois mil e dois foi um ano terrível (..)(!) não é para mim pouco credível que dois mil e três seja pior ainda para **nós** (..)(.) agora é evidente que é um microclima em que se sentem mais depressa as recessões (..)(‘) chegam primeiro a **nós** (..)(‘) e em que a recuperação também costuma chegar mais cedo [...] {T9, 0:42-1:07}

ISL: [...] **nós no no independente** (,)(‘) **temos** um caso curioso (..)(!) [...] {T9, 2:50-2:52}

Este uso de “nós” pelo locutor confere-lhe a autoridade da integração no grupo, reforçando a credibilidade da sua imagem individual.

Nós₂ - locutor como porta-voz dos cidadãos portugueses (voz do povo) e Nós₃ - como voz de Portugal (na sua vertente institucional), assimilando os alocutários e o público

Como nota Marques (2000:196), o objectivo deste uso de carácter doxal e abstracto é “trazer para o discurso a comunidade portuguesa nas vertentes institucional e humana e marcar a sintonia, a solidariedade do locutor (e por consequência de Nós₁) e mesmo a auto-identificação com determinados valores, atitudes e problemas sentidos” por toda a comunidade portuguesa. O locutor dilui-se assim no conjunto dos cidadãos portugueses, junta a sua voz à deles, serve-lhes de porta-voz. O uso de “Nós₂” por Pacheco Pereira (ao

nível do morfema verbal de pessoa “vamos”), constitui um artifício linguístico através do qual o locutor partilha das dificuldades sentidas por todos os portugueses:

PP: repare a pergunta que se faz neste programa é uma pergunta (..)(-) que pode ter várias respostas (..)(‘) vai ser bom ou mau para os portugueses (..) eu se quisesse o meu ponto de vista é assim (..)(.) se este ano for um ano de políticas difíceis de austeridade (..)(-) em **que vamos ter certamente todos muitas dificuldades** (..)(‘) é melhor para os portugueses do que se for um ano de facilidades (,)(.) é exactamente ao contrário (..)(.) [...] {T2, 1:30-1:51}

Medina Carreira, por exemplo, recorre a um uso de “Nós₃”, que tem como referente o país, distinguindo-se do uso de “Nós₂”, na medida em que remete para um valor institucional de Portugal como estado:

MC: [...] o **nosso grande problema está fora de Portugal** (..)(.) é que **Portugal** só pode dar de facto um salto de uma de duas maneiras (..)(-) ou ga **garantimos** financiamento externo (..)(‘) para continuar a evoluir a um ritmo relativamente lento (..)(‘) e não é crível que isso venha a acontecer (..)(‘) ou **nós conseguimos** evitar a necessidade dos financiamentos competindo no exterior [...] {T4, 1:08-1:32}

Como nota Marques (2000:203), a assimilação do locutor a estas vozes genéricas e colectivas reforça a legitimidade do locutor, dá força à sua capacidade persuasiva, sobretudo na medida em que estas vozes genéricas são o público que o escuta e que quer convencer.

Nós₄ - locutor que assimila o(s) alocutário(s)

Trata-se do uso de “nós” em que o locutor integra “Eu + Tu”, os interlocutores do debate. Assinala as marcas do quadro participativo na superfície discursiva do debate. A inclusão do “adversário” faz parte da estratégia subjacente ao discurso polémico que consiste em criar consenso, como ponto de partida do dissenso. Uma vez mais, a interpretação do sentido referencial de “nós” é obtido pelo contraste entre “plateia” vs “nós próprios”, feito por Medina Carreira:

MC: [...] duzentos milhões de contos por mês (..)(.) isto não diz nada (..)(‘) à à plateia (..)(‘) nem porventura a a **nós próprios** que é tanto dinheiro que não se faz ideia (..)(.) {T4, 3:02-3:10}

Por vezes, é uma estrutura de aposição “o Manuel Maria Carrilho, o Fernando Rosas, o Ruben de Carvalho” que possibilita a interpretação “nós” em que se inclui Medina Carreira:

MC: [...] **n ó s estamos** numa pa numa fase da vida(.)(') em que **todos temos** razão o manuel maria carrilho (..)(') o fernado rosas (pausa)(') ooo o ruben de carvalho(.)(')[...] {T7, 3:15-3:25}

Inês Serra Lopes estabelece o contraste entre “Portugal” vs “nós próprios”, remetendo para o valor referencial de **Nós₄**:

ISL: estava oo o doutor fernando rosas a dizer só se fala de défice aaa e tal (...)(') há um monotema em portugal (..)(.) não é rigorosamente verdade (,)(!) **nós próprios** é que **temos** centrado a discussão nisso {T9, -3:40-3:49}

Nós₅ - locutor que critica ou censura o alocutário indirectamente

Segundo Marques (2000:208-210), este uso de “Nós₅” decorre do carácter polémico inerente ao discurso político, e por extensão, inerente à natureza do debate como tipo de interacção verbal. Através deste uso de “nós”, o locutor convoca para o seu discurso o alocutário a quem dirige uma crítica e ao qual finge juntar-se. Na verdade, o conteúdo semântico do cotexto elimina da interpretação final a autocrítica. Medina Carreira, no excerto que se segue, recorre a este tipo de uso de “nós” com o propósito de criticar Fernando Rosas, com quem antes discutia matéria fiscal, e cuja argumentação pretende destruir, baseando-se na sua autoridade e experiência como fiscalista. O uso do operador modal “temos”, com valor deontico de obrigação, tona impossível uma leitura de autocrítica para Medina Carreira:

FR: e sabe uma coisa sotôr (,)(?)

MC: não não não é que **nós** nisto **temos** que meditar muito (..)(') sobre as coisas e **temos** que saber do que **falamos** (..)(.) {T30, 2:12-2:18}

Como refere Marques (2000:210), este uso de “nós” *“implica o alocutário, acusa-o sem o atacar ao mesmo tempo que lhe recusa, sobretudo, na continuidade discursiva, a oportunidade de defesa, no que tal atitude implicaria de refutação (...)”*.

Em relação à construção do locutor como entidade individual, destacámos as seguintes facetas de um “eu” caleidoscópico, facetas estilhaçadas de um ethos argumentativo e controlador do debate, as quais vão sendo cosntruídas através dos usos que o locuotr faz dos diferentes dispositivos linguísticos, como veremos em seguida.

1. Eu polémico, argumentador, voz da oposição

Trata-se de uma dimensão do locutor que se institui como voz de oposição, de refutação. É visível sobretudo através de estruturas linguísticas de retoma de discursos anteriores¹⁴² com o objectivo de os refutar e de verbos (como “discordar”) que exprimem dissenso. No excerto seguinte, Ruben de Carvalho retoma o discurso de Sérgio Figueiredo com o objectivo de o refutar. O advérbio “profundamente” modaliza o verbo “discordar” no sentido de o tornar mais assertivo:

RC: ora bem há uma afirmação (..)(-) eh **no seguimento dessa que o sérgio fez da qual eu discordo profundamente** (..)(.) [...] {T11, 0:23-0:31}

Uma vez mais, Ruben de Carvalho retoma o discurso de Medina Carreira desta vez para o reorientar de acordo com os seus rumos argumentativos. Desta vez é a frase coordenada adversativa que exprime o nexos sintáctico de oposição em relação ao discurso retomado:

RC: a a a primeira coisa que eu gostava de dizer (,)(^o) **eu aproveitando aliás o (,)(-) uma paráfrase (^o) do (..)(-) medina carreira (,)(^o) eh é que (..)(-)que é a paráfrase a parábola da família (,)(^o) digamos assim (,)(^o) a primeira coisa que eu que eu que eu julgo que é de sublinhar (,)(^o) é que consideramos portugal como um todo (^o) relativamente às perspectivas (..)(^o) eh é por um lado correcto (..)(^o) **mas há diferenças** (,)(^o) não é (,)(-) porque é evidente (,)(^o) não é que há quem vá ser mais prejudicado por esta política (,)(^o) quem vá ser menos prejudicado (,)(^o) e até quem vá ser beneficiado (,)(^o) não é (,)(-) é evidente que eh a política que se enseja não vai ser igual para todos (,)(^o) [...] {T4, 0:00-0:44}**

Inês Serra Lopes, para se distanciar da opinião de Fernando Rosas, prefere uma expressão de valor assertivo “não é verdade” acentuada pelo advérbio “rigorosamente”, equivalente a “absolutamente,”o que indica uma postura bem demarcada:

ISL: estava **oo o doutor fernando rosas** a dizer só se fala de défice aaa e tal (..)(^o) há um monotema em portugal (..)(.) **não é rigorosamente verdade** (,)(!) nós próprios é que temos centrado a discussão nisso {T9, -3:40-3:49}

¹⁴² Pires, A.P. (2002) estuda no âmbito da sua dissertação de mestrado as estratégias discursivas de retoma do discurso anterior no debate político televisivo pré-eleitoral. Considera basicamente dois tipos de retoma: a retoma implícita e a retoma explícita. A partir do estudo de Fonseca (1994:80), Pires e Castro (2002: 132) defendem que a retoma dos discursos anteriores no debate político televisivo tem um dos seguintes objectivos: apoiá-los, anulá-los, basear-se neles para outros rumos argumentativos ou distanciar-se deles.

Outra forma de o locutor individual construir uma imagem polémica é através da interrogação retórica dirigida ao alocutário. Trata-se de uma estratégia várias vezes seguida por Fernando Rosas e que obteve sempre aplausos do público:

FR: [...] eu pergunto ao doutor rui rio (..)(^c) eu pergunto ao doutor rui rio (..)(^c) se aquela se os vinte mil desempregados (..)(⁻) que apareceram só no terceiro trimestre (..)(⁻) do ano passado (..)(^c) em lisboa (..)(^c) e que são desempregados (..)(^c) e que têm que esperar (,)(⁻) por vezes (..)(^c) dois a tres anos para começar a receber o subsídio de desemprego (..)(^c) se é o não uma questão de haver dinheiro (..)(^c) [aplausos] {T20, 3:43-4:10}

FR: porqué que o estado não tributa as grandes fortunas (...)(?)porqué que o estado não faz uma reforma fiscal ou um projecto [intrusão de MC] XXXX {T30, 0:12-} sobre a fraude e a invasão fiscal(...)(?)porqué que o estado não fecha os off-shores (...)(?)porqué que o estado

MC: ó ó fernando ó fernando rosas (..)(!)

FR: deixe-me deixe-me deixe-me acabar (...)(.)porqué que o estado tolera por exemplo (..)(^c)que um que um gestor destas empresas (,)(⁻) desses hospitais empresarializados (..)(^c)vá ganhar mil e trezentos a mil e setecentos contos por mês enquanto os ordenados da função pública vão ser congelados (..)(?) esta é qué a questão (...)(!) [palmas] {T30, -0:12-0:41}

2. Eu líder, decidido, que assume a sua opinião publicamente e sem rodeios

Trata-se de uma estratégia em que o locutor se afirma explicitamente como voz de autoridade, capaz de construir opinião. Esta imagem construída pelo locutor é uma modulação ligeiramente distinta da anterior, na medida em que mais do que gerar polémica, visa marcar a sua superioridade discursiva, como nota Marques (2000:234):

“A imagem branda, deferente, que ressalta, em parte, da relação interaccional instituída, é invertida, ou melhor, complementada com sentidos de acutilância, de veemência e mesmo de alguma superioridade relativamente ao adversário(...)” [Marques, M. A.2000:234]

Recorre, para isso, a uma inscrição mais frequente do “eu” na superfície discursiva (quer através de morfemas verbais quer através de pronomes possessivos de primeira pessoa: “*eu sei* é que o *meu* país”), a advérbios assertivos (“obviamente”) e a verbos com valor epistémico (“acho”, “saber”), entre outros recursos, como se pode verificar nos seguintes excertos:

PP: [...] agora (..)(⁻)o que me interessa é saber se em cada área concreta (,)(^c) se está ou não está a falar a linguagem certa (..)(.) [...] {T5, 3:09- 3:15}

PP: [...] quando **vejo** que esta linguagem [...] **eu não preciso** de grandes projectos nem de grandes desígnios (..)(´) porque o que **eu quero** para o meu país é aquilo que nós todos queremos (..)(´) [...] agora **eu sei** é que **o meu país**(..)(´) e isso também para responder um bocado ao fernando rosas (..)(´) e **dizendo de uma maneira dura e um pouco brutal**(..)(´) viveu nos últimos anos do dinheiro dos contribuintes alemães(..)(´) holandeses e dinamarqueses (..)(!) tem que ser claro(..)(!) [...] {T5, 3:51-4:25}

MC: [...] **eu acho** que hoje se governa um pouco ainda à maneira de antes de estarmos na união europeia (..)(.){T7, 4:05-4:11}

FR: [...]deixe-me só deixe-me só acabar o meu raciocínio (..)(!) **não sou partidário obviamente** da irresponsabilidade de um défice sem medida(..)(´) **mas acho** que a gestão controlada de um défice como instrumento de gestão e de estimulação da economia (..)(´) é uma experiência histórica repetida [...] {T7, 7:11-7:25}

PP: [...] se eu tivesse (..)(´) **insisto** confiança naquelas sondagens (..)(´) **que não tenho** {T33, 0:00-0:07}

3. Eu voz de autoridade, bem informado, competente, culto, que invoca dados concretos ou que recorre a citações, que invoca a sua experiência profissional para sustentar a sua argumentação

Este uso de “eu” reforça a imagem do locutor como voz de autoridade, desta vez individualizada no pronome “eu”. Diferentemente dos usos de “Nós₂” e “Nós₃” em que a autoridade é veiculada pela voz do povo, neste uso de “eu” é o locutor individual que confere autoridade ao seu discurso.

Manuel Maria Carrilho, no excerto seguinte, cita um adágio de Séneca, revelando a sua formação cultural e transferindo para a sua voz o prestígio da voz citada:

MMC: [...] **eu permitia-me só citar Séneca** (..)(-) quem não conhece (´) **não há bom vento** (´) **para quem não conhece o seu porto** (..)(.) e Portugal está nessa situação (..)(.) {T2, 6:41-6:47}

Outro tipo de estratégia que contribui para a construção de uma imagem de autoridade e de competência é o inventário de dados concretos acerca de uma dada matéria, como informações sobre estatísticas, datas de ocorrência de eventos, etc., que evidencia um conhecimento especializado do tópico em discussão. Medina Carreira, por exemplo, recorre muito a esta estratégia, apresentando valores e estatísticas, o que lhe confere uma imagem de locutor bem informado, profissional e competente na matéria em análise. Além disso, reforça a sua argumentação porque a faz apoiar em argumentos cientificamente comprovados:

MC: [...] **eu estive a procurar estatísticas (..)(´) nos países principais do mundo do ponto de vista do desenvolvimento(..)(´)quarenta(..)(´) nós somos o país que tem o maior desequilíbrio externo dentro dos quarenta (pausa)(.) a seguir a nós vem a grécia com metade do desequilíbrio externo (..)(.)** h e embora aqui os meus interlocutores não gostem de números (..)(´) aa: é é com números que nós nos entendemos melhor (..)(.) **em dois mil o nosso desequilíbrio correspondeu a duzentos milhões de contos por mês (..)(.)duzentos milhões de contos por mês (..)(.)**{T4, 2:36-3:05}

O recurso a eventos históricos datados é outra estratégia seguida por Pacheco Pereira, o que lhe confere uma imagem mais intelectual e mais culta:

PP: olhe eeu: (..)(´) sabe que **desde o século dezanove que se diz que o problema dos portugueses é um problema de mentalidade** {T5, 2:24-2:29}

No excerto seguinte, a imagem veiculada pelo uso de “eu voz de autoridade” é reforçada na medida em que o locutor invoca a sua experiência profissional para conferir autoridade ao seu discurso:

MC: [...] **eu lembro-me de dizer a um responsável do governo anterior (..)(-)** olhe que vocês não estão a aproveitar a queda do juros para compor o orçamento (..)(.) ele dizia não você é um pessimista e tal (..)(.) **bom foi o que se verificou (..)(!)** [...] {T8, 2:05-2:16}

ISL: [...] por exemplo **nos media (..)(´) onde eu trabalho num jornal (..)(´)** dois mil e um já foi um ano muito mau (..)(´) e dois mil e dois foi um ano terrível (..)(!){T9, 0:42-0:50}

JMF: [...] **eu fui aluno (,)(´) também hoje em dia dou aulas (,)(´) e sei** que os professores são capazes de fazer a diferença [...] {T16, 2:30-2:35}

Essa autoridade pode ser ainda reforçada pela referência explícita à experiência como profissional de uma determinada área, como faz Pacheco Pereira em dois momentos, consoante os seus objectivos argumentativos e o assunto que pretendia defender. Estamos assim perante a convocação de imagens sociais pré-discursivas ao serviço da imagem discursiva:

PP: [...] é evidente que nos professores (,)(-) **eu sou professor (..)(!) a minha profissão não é política é ser professor (..)(!)** mais importante nos professores (´) para além do saber (-) é a empatia (..)(-) e a comunicação que tenham com os estudantes (..)(.) [...] {T15, 0:43-0:53}

PP: [...] é muito importante que as pessoas (..)(-) vivam bem (..)(-) eu eu **eu sou um político** e acho que o mais importante é que as pessoas vivam a sua vida na terra bem (,)(!) bem (!) {T33, 0:47-0:55}

4. Eu mundano, informal, jocoso, bem disposto, simpático, “igual” a todos os cidadãos

A imagem de locutor simpático, descontraído perante as câmaras, capaz de produzir o cómico é uma estratégia mais rara de ser seguida por um locutor que vem a debate na condição de político. No entanto, parece-nos constituir uma estratégia de construção da imagem pessoal positiva e eficaz, na medida em que pelo riso se consegue maior adesão do público. Apenas Rui Rio consegue dois momentos em que consegue obter gargalhadas, não só do público espectador, como dos alocutários. O efeito cómico reside na analogia da situação criada por Rui Rio que, na qualidade de autarca, compara a sua actuação à de um devedor comum que foge do seu credor. Segue-se a transcrição de um desses momentos:

FCF: rui rio

RR: **eu só temo é que este senhor¹⁴³ com a situação financeira que eu tenho na câmara do porto me vá lá bater à porta(,)(!) [risos de RR, dos interlocutores e do público]**

FCF: [risos] olhe qu'ele é do porto (,)(!)

RR: [risos] [aplausos]

FCF: sabe qu'ele é do porto(,)(!)[aplausos]

RR: ainda por cima é do porto (,)(!)ainda por cima é do porto (,)(!)[aplausos]

FCF: as empresas dele são sediadas no porto(,)(!) [aplausos]

RR: **vou ter que começar a entrar pela porta de trás(,)(.)**{T20, 0:47-1:05}

5. Eu cortês, que respeita o funcionamento da cortesia no debate, que modaliza o seu discurso no sentido de evitar FTAs (*Face Threatening Acts*)¹⁴⁴ em relação ao alocutário

Este uso de “eu” está associado a expressões linguísticas que exprimem delicadeza e modalidade, permitindo que o dissenso entre locutor e alocutário se estabeleça apenas a nível ideológico e não pessoal. Para isso, o locutor recorre a tempos do Imperfeito do Indicativo, que ancorados no momento zero da enunciação tem valor de cortesia:

¹⁴³ Referindo-se a Luís Sousa, um dos convidados do público que possui uma empresa de cobrança de dívidas.

¹⁴⁴ A este respeito, vide nota de *rodapé* 137.

MMC: [...] **eu permitia-me** só citar sêneca (..)(-) quem não conhece (‘) não há bom vento (‘) para quem não conhece o seu porto (,)(.) e portugal está nessa situação (..)(.) {T2, 6:41-6:47}

FR: [...] agora **eu gostava** de a propósito disto (..)(‘) eu acho que ee. é interessante discutirmos uma coisa que está aqui no cerne do do do problema (..)(.) {T7, 5:30-5:38}

MC: **eu só queria fazer** uma pergunta ao fernando rosas (,)(‘){T30, 1:18-1:21}

A modalização do discurso é responsável por uma imagem menos agressiva e menos dogmática do locutor, imagem que está em consonância com as regras de bom funcionamento interaccional e com a relação simétrica que o debate pressupõe.

4.3. *Construção do auditório*¹⁴⁵ *pelo locutor*

A imagem que o locutor constrói do auditório configura em si mesma uma estratégia argumentativa que dá coerência às várias facetas do ethos que apresentámos.

Como afirma P. Breton, o locutor não constrói o mesmo discurso caso tenha perante si um público de polícias ou um público de professores:

“Se eu quiser apoiar, por exemplo, a necessidade de uma política de prevenção da toxicomania, e tiver, em momentos diferentes, face a mim, dois públicos, um de professores e outro de polícias, é perfeitamente evidente que posso fazer corresponder a esta mesma opinião (a necessidade de uma política de prevenção) duas argumentações distintas, não porque o que é dito seja diferente do que penso, mas porque **é necessário ter em conta o facto de se falar para um determinado auditório.**” (Breton, P. 1998:26-27) [negritos nossos]

Assim, o argumento adequado ao público de professores seria “a prevenção é um acto pedagógico”, ao passo que o argumento “a prevenção diminui os delitos” seria mais adaptado a um auditório de polícias.

Desta forma, antes de construir o seu discurso, o locutor deve ter em conta o público a quem se vai dirigir, numa tentativa de prever as suas reacções. Segundo R. Amossy (2000), e à semelhança do que acontece em relação à construção do *ethos* pré-discursivo, o auditório resulta de uma imagem colectiva, previamente construída pelo locutor, que é projectada no e pelo seu discurso, através de um processo de “esterotipagem”¹⁴⁶(Amossy,

¹⁴⁵ R.Amossy inclui na noção de auditório os alocutários e os destinatários que não sejam necessariamente alocutários.

¹⁴⁶ Na linha da psicologia social, Amossy define o processo de **esterotipagem** como “*l’opération qui consiste à penser le réel à travers une représentation culturelle préexistante, un schème collectif figé.* Un individu

2000:40-41). O locutor deve assim ser capaz de prever as opiniões dominantes do seu auditório, as suas convicções mais profundas, as premissas e princípios que compõem a sua bagagem cultural, o seu nível de instrução, o meio de que ele faz parte e as funções que ele assume na sociedade (apud, Amossy, 2000: 36). A representação mental que o locutor faz do seu auditório é sempre uma ficção verbal e o sucesso da argumentação depende do distanciamento que essa imagem apresenta em relação à “realidade”: quanto menor for essa distância, mais persuasiva será a argumentação.

De representação mental, a construção do auditório passa a ser uma imagem discursiva, reconhecível através do que K. Orecchioni designa por “índices de alocação”(Orecchioni, 1990:87). Os índices de alocação são marcas linguísticas que permitem assinalar a presença dos alocutários e dos destinatários e são visíveis através de (Amossy, 2000:41):

- *designações nominais explícitas* (nomes próprios ou vocativos)
- *descrições do auditório* (designações directas ou indirectas que podem passar a breves descrições)
- *pronomes pessoais* (pronomes na segunda pessoa do singular e do plural ou na terceira do plural – vocês; morfemas verbais de segunda pessoa)
- *evidências partilhadas* (crenças, opiniões e valores que caracterizam o auditório - *topoi*¹⁴⁷)

No debate *Prós e Contras*, o objectivo dos locutor não é convencer o alocutário, mas sim o público espectador no estúdio e de preferência o público telespectador. Na verdade, o debate não passa de uma encenação televisiva, em que cada participante assume um papel, e em que cada participante está à partida consciente de que em momento algum convencerá integralmente os seus alocutários/adversários. Convencer o adversário discursivo não é o objectivo primeiro do programa nem sequer do debate televisivo, cuja existência se rege pelo princípio da informacionalidade ao serviço dos cidadãos. O objectivo do debate televisivo vai ao encontro, na verdade, de duas intenções subjacentes: informar o público /convencê-lo que está a assistir ao melhor canal televisivo; e informar o público/ convencê-lo de que se apresenta a opinião mais correcta sobre a actualidade.

concret ou un ensemble d'individus sont ainsi perçus et évalués en fonction d'un modèle préconstruit." (Amossy, 2000: 40) [negritos nossos].

¹⁴⁷ Considerámos neste trabalho o conceito de *topos* usado por Anscombre (1995): “(...) **principes généraux qui servent aux raisonnements** mais ne sont pas des raisonnements. Ils ne sont jamais assertés en ce sens que leur locuteur ne se présente jamais comme en étant l’auteur (même s’il l’est effectivement), mais ils sont utilisés. Ils sont presque toujours comme faisant l’**objet d’un consensus au sens d’une communauté** plus au moins vaste (...). C’est pourquoi ils peuvent très bien être créés de toutes pièces, tout en étant présentés comme **ayant force de loi**, comme allant de soi. » (Anscombre, 1995 :39) [negritos nossos].

Porém, como vimos atrás (cfr. capítulo III.), o debate é palco privilegiado de discurso argumentativo, o que explica o interesse do locutor em orientar a sua argumentação para a entidade que institui como destinatário principal - os portugueses.

Assim, tal como a construção discursiva do *ethos*, também a imagem discursiva do auditório constitui em si mesma uma estratégia de argumentação.

Portanto, em *Prós e Contrás*, é possível dizer que o auditório é compósito e constituído por:

- alocutários (participantes no debate)
- convidados do público
- público espectador no estúdio
- público telespectador em casa

A pluralidade do auditório pode, contudo, ser analisada em termos de uma *hierarquização de destinatários*, como defende K.Orecchioni (1990:90), na medida em que nem todos os destinatários que compõem o auditório possuem o mesmo relevo. Como destinatários instituídos pelo debate *Prós e Contrás*, ainda que o seu estatuto de destinaridade não seja constante, podemos contar com os seguintes:

- destinatário principal: “os portugueses”, o “povo português”, ou seja, o público espectador e telespectador, além dos convidados representativos do público
- destinatários secundários:
 - os “débatteurs”
 - o governo de maioria PS anterior
 - o governo de coligação PSD- CDS/PP em exercício

Em *Prós e Contrás*, o destinatário principal da argumentação é, efectivamente, o público (espectador e telespectador), ou seja, os cidadãos portugueses, mesmo que não seja invocado explicitamente no discurso através de índices de alocação. Como destinatários secundários, o locutor selecciona os alocutários, ou seja, os participantes no debate. O *tropo comunicacional*¹⁴⁸, i.e., a convocação de um alocutário directo sem que este seja o destinatário principal do discurso, constitui também uma estratégia discursiva ao serviço da argumentação, presente em *Prós e Contrás*. No excerto seguinte, Fernando Rosas convoca Rui Rio como alocutário e destinatário, no âmbito de uma interrogação retórica,

¹⁴⁸ Sobre este assunto, ver capítulo I, *rodapé* 52.

embora o destinatário final seja o público, de quem obtém reacção positiva (com aplausos). Além disso, Rui Rio nem sequer dá resposta¹⁴⁹ posteriormente às questões de Fernando Rosas, o que mostra que mesmo Rui Rio não se considerou o destinatário principal do discurso de Fernando Rosas:

FR: [...] **eu pergunto ao doutor rui rio (..)(^o) eu pergunto ao doutor rui rio (..)(^o) se aquela se os vinte mil desempregados (..)(^o) que apareceram só no terceiro trimestre (..)(^o) do ano passado (..)(^o) em lisboa (..)(^o) e que são desempregados (..)(^o) e que têm que esperar (,)(^o) por vezes (..)(^o) dois a tres anos para começar a receber o subsídio de desemprego (..)(^o) se é o não uma questão de haver dinheiro (..)(^o)** [aplausos] {T20, 3:43-4:10}

Existem outros destinatários secundários, como o governo PSD em exercício, ou como o anterior governo PS, alvos de actos ilocutórios de censura, como vimos antes, no âmbito dos actos de fala que exprimem taxemas de dominância, como é o caso do acto de crítica/acusação.

Mas são efectivamente os portugueses os destinatários por excelência de um debate que é amplamente difundido por um canal de televisão público, em directo, e em horário nobre.

A imagem discursiva dos portugueses que os locutores constroem é geralmente favorável e positiva, mas acima de tudo desresponsabilizadora da conjuntura negativa em que o país se encontra. A sua representação discursiva decorre, em termos linguísticos, de expressões nominais na 3ª pessoa e estruturas descritivas e de aposição, semanticamente referenciadoras do povo português.

Em linhas gerais, os portugueses são uma entidade colectiva, anónima e multifacetada, cujas diferentes facetas o locutor vai convocando de acordo com os seus objectivos argumentativos. Dessas facetas podemos dizer que os portugueses são:

- uma entidade que não possui os mesmos direitos nem as mesmas regalias

RC: [...]a primeira coisa que eu que eu que eu julgo que é de sublinhar (,)(^o) é que consideramos portugal como um todo (,)(^o) relativamente às perspectivas (..)(^o) eh é por um lado correcto (..)(^o) mas há diferenças (,)(^o) não é(,)(^o) porque é evidente (,)(^o) não é que há **quem vá ser mais prejudicado por esta política (,)(^o) quem vá ser menos prejudicado (,)(^o)e até quem vá ser beneficiado(,)(^o)** não é (,)(^o) é evidente que eh a política que se enseja não vai ser igual para todos(,)(^o) é evidente que um maior desemprego afecta fundamentalmente quem está desempregado(..)(^o)! [...] {T4, 0:14-0:50}

RC: [...] e este custo **não vai ser pago igualmente por todos os portugueses** (,)(^o) [FCF interrompe] {T4, 2:08-2:12}

¹⁴⁹ Após a intervenção de Fernando Rosas, a moderadora cede a vez a Pacheco Pereira e não a Rui Rio. Contudo, Rui Rio, quando toma a vez, não volta a referir-se às questões colocadas por Fernando Rosas.

- uma entidade que tem carências sérias a vários níveis, nomeadamente ao nível da educação, da formação, carências essas que é preciso suprir

PP: olhe eeu: (..)(^c) sabe que desde o século dezanove que se diz que **o problema dos portugueses é um problema de mentalidade** (,)(.) eu acho que isto não é muito útil para a discussão porque a mentalidade (..)(^c) aquilo que nós chamamos mentalidade deriva exactamente **da formação (,)(^c) da literacia (,)(^c)da (,)(-)no fundo da educação**(,)(.) {T5, 2:24-2:37}

- uma entidade compósita constituída por diferentes grupos socio-económicos

ISL: [...] talvez seja a: quase inevitável (,)(^c)que as pessoas este ano(,)(^c) em geral **os consumidores** (,)(^c) sintam muito (,)(^c) o que por exemplo **nós nos jornais** sentimos já durante dois mil sentimos já durante o ano de dois mil e dois (..)(.) [...] {T9, 1:16-1:26}

SF: [...] então são os **trabalhadores** que têm que pagar a crise (,)(?) [...] {T10, 1:22-1:24}

PP: [...] quando (,)(^c) por exemplo (,)(^c) é preciso introduzir critérios de qualificação dos **professores** (,)(-) porque nós sabemos que são um grupo profissional (,)(^c) f u n d a m e n t a l para a qualificação do país(,)(^c) [...] {T12, 1:01-1:09}

- uma entidade não responsável pelo rumo económico do país, vítima das más políticas governativas em vários sectores

MMC: [...] é porque **nós não produzimos nada que os outros países queiram** (,)(!) [...] nós gastamos a a (,)(-)o dobro do cimento por exemplo investimos o dobro (,)(-)da a a união europeia (..)(.) nós a a construção civil conta numa percentagem de dezoito por cento para a formação do pib em portugal (..)(!) o crédito bancário em setenta e cinco por cento é concedido a empresas de construção (..)(!) **nós assim (,)(-)não saímos (,)(-)da cepa torta** (..)(!) **e quais são as políticas que estão aí para alterar isso** (..)(?) é isso que eu não vejo (,)(!) [...] {T11, 4:00-4:34}

RC: [...] é evidente (,)(^c) é evidente(,)(^c) que **o problema da educação (,)(^c)é um problema que envolve (,)(-)não é (,)(-)um conjunto enorme de responsabilidades** (,)(^c)**o pa da onde o primeiro responsável (,)(^c) é antes de mais nada(,)(^c) o estado** (..)(.) {T12, 4:53-}

- uma entidade plural à qual o locutor se junta, quando usa o pronome pessoal da primeira pessoa do plural com valor referencial de “**Nós₂**” e “**Nós₃**”, e de quem se institui como porta-voz, acusando e criticando a má actuação dos governos

PP: [...] os senhores¹⁵⁰ deixaram-**nos** (,)(-) mais pobres (..)(!) e querem que **a gente** continue a comportar-**se** [MMC interrompe] na na não na na na não [aplausos]

¹⁵⁰ Pacheco Pereira dirige-se a M.M. Carrilho. Manuel Maria Carrilho integra-se no alocutário colectivo, embora o destinatário de “os senhores” seja a maioria governativa do PS que governou anteriormente.

deixaram-nos mais **pobres** (..)(!)[aplausos] deixaram-nos mais p o b r e s (..)(!) e querem que **a gente se** continue a comportar (,)(-) como ricos (..)(.) {T12, 00:06-00:19}

Muitas vezes, o locutor retoma um discurso anterior, em que se apresentou a imagem menos positiva de um sector do auditório, não só para a refutar, como também para a favorecer, sempre usando o argumento da desresponsabilização do cidadão. É o caso de Ruben de Carvalho, que reformula a imagem do emigrante português menos bem apresentada por Inês Serra Lopes. Numa evidente estratégia argumentativa, Ruben de Carvalho provoca a adesão do público ao defender os mais fracos, aqueles que não têm voz, os emigrantes portugueses:

ISL: [...] aquele senhor¹⁵¹ está disposto a emigrar(,)(^o) **muito** provavelmente (,)(^o) porque em portugal não é **recompensado** (,)(^o) o sacrificio que ele vai ter que fazer lá fora(,)(.) mas não o faz **cá** (..)(!) não o faz cá (..)(!) **porque que os portugueses são (,)(-) os melhores trabalhadores como emigrantes (..)(?)** {T9, 2:08-2:24}

RC: [...] quando é evidente e até já foi aqui citado (,)(^o) que o trabalhador português (,)(^o) emigra (,)(^o) trabalha em qualquer outro sitio (,)(^o) tem elevadíssimos graus de produtividade (,)(.) por quê (..)(?) **porque é preguiçoso cá (,)(^o) e trabalhador no no no Luxemburgo ou trabalhador em França (,)(?)** [PP: não não] ou bem pelo contrário (,)(^o) as condições sociais em que ele vive em Portugal(,)(^o) [...] **então a culpa é dos trabalhadores (,)(?) [...]** **no vosso discurso a culpa da falta de educação da falta de educação [risos] é dos professores (..)(.) a culpa da falta de produtividade é dos trabalhadores (,)(.)** não quer dizer [FCF: ruben se me der licença] as grandes vítimas as grandes vítimas são sempre os grandes culpados (,)(!){T12, 6:00- 6:54}

Esta mesma estratégia de defesa dos mais fracos é a que suscita mais vezes aplausos da parte do público no estúdio, o que parece ser bastante indicadora da sua eficácia como mecanismo para provocar a adesão do público por meio da emoção. É um tipo de estratégia frequentemente usado pelo painel Contra, visível nos dois excertos seguintes. No primeiro caso, Fernando Rosas defende o grupo das trabalhadoras fabris (veja-se a frase relativa “que passaram o fim do ano à porta da fábrica”, que intensifica a carga emotiva da descrição). No segundo excerto, Ruben de Carvalho defende a imagem do sector dos desempregados e daqueles que não têm êxito. No terceiro excerto, Ruben de Carvalho constrói a imagem do consumidor, desprotegido e vítima de campanhas insidiosas de convite ao endividamento.

FR: eu sugeria ao doutor rui rio (..)(^o) que perguntasse **às operárias que passaram o fim do ano à porta da fábrica** (..)(^o) para não roubarem as máquinas(,)(^o) para poderem ter (,)(^o) o subsídio de desemprego(,)(^o) se o problema é ou não de não haver dinheiro (..)(!)[**aplausos**] eu pergunto ao doutor rui rio (..)(^o) eu pergunto ao doutor rui rio (..)(^o) se

¹⁵¹ Referindo-se a José Manuel Pereira, o segundo convidado do público que quer emigrar.

aquela se **os vinte mil desempregados** (..)(-) que apareceram só no terceiro trimestre (..)(-) do ano passado (..)(^c) em lisboa (..)(^c) e que são **desempregados** (..)(^c) e que têm que esperar (,)(-) por vezes (..)(^c) dois a tres anos para começar a receber o subsídio de desemprego (..)(^c) se é o não uma questão de haver dinheiro (..)(^c) [**aplausos**] {T20, 3:29-4:10}

RC: independentemente (..)(^c)de querer chamar a atenção(..)(-)não é (,)(-)para um facto [...] e como de costume (..)(^c)**como de costume** (..)(^c) **fala-se(..)(^c) do êxito** (..)(^c) não é (,)(?) **houve uma intervenção d'alguém que está desempregado** (..)(^c) não é (,)(?) [vozes por baixo] d'alguém que está desempregado e essa intervenção (,)(^c)**ao que parece(..)(^c) não interessa** (..)(^c) **a ninguém** (..)(!) [aplausos] não interessa ser citada e eu acho que ela é fundamental (..)(!) [**aplausos**] {T29, 0:43-1:13}

RC: [...] quando durante anos(..)(^c) o apelo ao endividamento (,)(^c)foi objecto de campanhas brutais (,)(^c) da banca (,)(^c) **compre** (,)(!) **faça o que quiser** (,)(!) **endivide telefone** etc. (,)(!) [aplausos] o estado utilizou alguma forma de [aplausos] conter esta questão (..)(?) [aplausos] {T29, 2:39-2:57}

Em resumo, a imagem dos portugueses é assim multifacetada, rarefeita, estilhaçada, na medida em que reflecte uma construção mental do locutor, indissociável das suas convicções, dos seus valores, das suas referências e dos seus paradigmas ideológico-políticos.

CONCLUSÕES

O trabalho que realizámos teve como objectivo estudar as estratégias discursivas e interaccionais que contribuem para a construção de uma imagem de dominância e de protagonismo ao nível de um subtipo de interacção verbal particularmente competitivo, o debate político televisivo, cuja finalidade é vencer, convencendo. A construção e projecção da imagem pessoal (ou do ethos do locutor) pelo discurso constitui em si mesma uma estratégia argumentativa em sentido lato, na medida em que o objectivo último do locutor é persuadir o outro, levá-lo a aderir ao seu ponto de vista baseado na imagem de credibilidade e de autoridade que transmite.

Para isso foi necessário, antes de mais, analisar a especificidade do subtipo do debate no que respeita à sua organização discursiva e à estrutura e funcionamento dos seus quadros comunicativo e participativo. Seleccionámos a edição de 6 de Janeiro de 2003 do programa *Prós e Contras*, que nos serviu de corpus de análise, e que constituiu um exemplo bastante interessante, tendo em vista os nossos objectivos de investigação, visto que:

- cumpre os requisitos inerentes ao conceito de *debate* (dimensão dialogal e dialógica – é um polílogo, assente no dissenso, carácter organizado, dimensão argumentativa, dentro de um quadro comunicativo “pré-fixado”, composto por pelos menos dois participantes, um moderador e o público);
- o estatuto socio-profissional dos participantes, os temas tratados, a dimensão polémica e o fim argumentativo conferem o carácter político ao debate;
- é mediatizado pela televisão, o que tem como consequência acrescentar-lhe outras coordenadas: a transmissão em directo, a par da tensão e do imprevisto associados

às intervenções; a difusão para milhares de portugueses; o carácter de encenação dos ideais da democracia directa (é palco de uma teatralização, levando o debate parlamentar a casa dos telespectadores, trazendo-o para a praça pública).

Da análise de *Prós e Contras*, foi antes de mais importante perceber que o subtipo do debate constitui a espinha dorsal do programa, mas que o formato do programa é algo distinto e ritualizado, que obedece antes de mais a leis televisivas e publicitárias, impondo portanto uma divisão do programa em partes, intercaladas por intervalos. Assim, o programa *Prós e Contras* é composto por outros tipos de interação verbal (como a entrevista) e por outros tipos discursivos (mini-reportagem audio-visual, mensagens via sms), embora todos esses discursos estejam ao serviço do debate, como agentes polemizadores. O debate é, assim, espaço de cruzamento de vários discursos, ainda que sejam privilegiadas as dimensões dialogal e argumentativa, segundo a proposta tipológica de base prototípica apresentada por J.M.Adam.

Particularmente interessante foi a análise do quadro participativo de *Prós e Contras*, bastante mais complexo do que aquilo que as descrições teóricas do quadro participativo do debate deixavam adivinhar. Dos dezoito participantes no programa, nove intervêm no debate, organizados em três grupos de três: o painel Pró, representativo do governo vigente, o painel Contra, representativo da oposição, e o grupo dos directores de jornais, os especialistas, as vozes da autoridade. A dinamizar o debate e a conduzir e o programa está a moderadora, figura central que reúne as funções de entrevistadora, polemizadora, provocadora e gestora dos conteúdos e das questões lançadas a debate. Resta falar do público (espectador e telespectador) que, embora não intervenha directamente no debate, assume um papel fundamental, na medida em que é o destinatário primeiro e último da argumentação construída pelos intervenientes no debate, já que é por conseguirem a sua adesão que os locutores do debate se esforçam por se destacarem. De forma que a imagem que o locutor projecta do público no seu discurso constitui em si mesma uma estratégia de argumentação.

No que respeita ao enquadramento teórico-metodológico, podemos dizer que este trabalho assenta essencialmente em duas abordagens no âmbito da Análise do Discurso: uma abordagem enunciativa e interaccionista (na linha dos trabalhos sobre a enunciação e sobre as interações verbais, desenvolvidos por C. Kerbrat-Orecchioni e R. Vion), aplicada à descrição do quadro comunicativo de *Prós e Contras* e às relações de domínio do debate,

perspectivadas como estratégia argumentativa; e uma abordagem saída da análise argumentativa (na linha das propostas de R. Amossy, 1999, 2000), cujo conceito aristotélico de *ethos* e de imagem do auditório recuperámos como estratégia argumentativa decorrente de manobras discursivas.

Assim, da análise do debate como tipo de interacção verbal encaixado no programa *Prós e Contras*, concluímos que existem três tipos de estratégias que concorrem para a construção de um *ethos protagonista do debate*, que visa a vitória argumentativa, e que concentra em si qualidades de:

- *dominador e controlador do debate*, qualidades essas manifestadas através de taxemas de posição alta ao nível das relações estabelecidas entre os intervenientes no debate. Esta dimensão do *ethos* protagonista do debate é visível linguisticamente através do:
 - uso assimétrico das formas de tratamento (por exemplo TU/VOCÊ), já que promove a imagem pública do participante que é colocado em posição superior, o que pode funcionar a seu favor como estratégia argumentativa, porque contribui para a definição do seu *ethos* pré-discursivo;
 - maior duração relativa e absoluta das intervenções do locutor, já que o participante que consegue falar durante mais tempo tem mais oportunidades de exprimir os seus pontos de vista e de construir o seu *ethos* discursivo;
 - maior frequência de interrupções, intrusões e manutenções forçadas de vez, como estratégia conducente à anterior, visando a obtenção de maior tempo de intervenção;
 - expressão de actos de fala de interdição, autorização, crítica, censura, refutação e troça, expressivos de taxemas de dominância; neste domínio, são de salientar os actos de crítica, visto que constituem a essência dissentiva e polemizadora do debate.

- **porta-voz de uma facção ideológica, de um partido ou de um grupo profissional**, para que concorrem as imagens do ethos pré-discursivo e um uso referencial do pronome pessoal “nós” (valor de Nós₁);
- **porta-voz dos cidadãos portugueses** (voz do povo) e **como porta-voz de Portugal**, igualmente visível através dos valores referenciais do pronome pessoal “nós” (valor de Nós₂ e Nós₃);
- **participante no quadro participativo do debate**, ao assimilar o alocutário no uso que faz do pronome “nós” (valor de Nós₄);
- **crítico, refutativo, assertivo**, manifestado no uso referencial de Nós₅;
- **polemizador, argumentador, voz da controvérsia**, visível na retoma de discursos anteriores para em seguida os refutar, no uso de advérbios modalizadores e expressivos de modalidades assertivas, no uso de perguntas retóricas, na presença muito marcada do pronome “eu”;
- **voz da autoridade, competente, culto, bem informado**, visível através do recurso a citações, ou através do inventário de dados concretos e comprováveis, como estatísticas, datas e eventos;
- **cortês, que modaliza o seu discurso**, que evita a agressão verbal ao adversário, que contorna as FTAs, que domina as regras de cortesia e de delicadeza subjacentes às interacções verbais;
- **mundano, informal, jocoso, bem disposto, simpático, “igual” a todos os cidadãos**, capaz de provocar o riso no público.

Além de todas estas qualidades que contribuem para a definição do ethos do “débateur” dominante, protagonista, existe ainda outra estratégia de que o locutor se serve para atingir o seu objectivo persuasivo: a construção discursiva da imagem do público para quem se destina a sua argumentação. Essas imagens, geralmente parcelares, convocam grupos estereotipados de cidadãos portugueses (de acordo com os objectivos argumentativos do locutor), cidadãos esses sempre apresentados favoravelmente e desresponsabilizados dos

aspectos negativos de que enferma o país. Acima de tudo, pelo uso do pronome “nós” com os valores referenciais descritos em Nós₂ e Nós₃, o “débateur” protagonista solidariza-se com esse público que convoca, mistura-se com ele naquilo que ambos partilham: a condição de homem, a condição de português e a condição de cidadão europeu.

Apesar de termos chegado a esse momento, a análise deste programa está longe de estar terminada. Ao longo desta investigação, muitas foram as questões que se levantaram, mais ou menos laterais a esta linha de investigação, e que abrem, na nossa opinião, linhas de trabalho futuro muito interessantes. A primeira delas seria por exemplo analisar de que forma a manipulação prosódica do discurso está ao serviço da argumentação e da construção da imagem pessoal do locutor, a par das estratégias puramente linguísticas. Na mesma linha, e de acordo com a proposta da análise argumentativa (R. Amossy, 2000, 163-182), seria também profícuo verificar de que modo o locutor utiliza as vias do pathos no sentido de provocar emoções no auditório. Também esta estratégia é argumentativa e contribui para a definição de um tipo de ethos diferente, mais emocional, que inscreve afectividade no seu discurso.

Outra linha de investigação enriquecedora seria analisar as dimensões paraverbais (cinésica, proxémica e, como já foi referido antes, prosódica) do programa *Prós e Contras* como mais uma estratégia de construção da imagem do locutor. Este filão de investigação já foi iniciado por I. G. Rodrigues (2004), mas não associado ao subtipo do debate e não visando o objectivo argumentativo do discurso.

O papel do moderador é outra dimensão da análise do debate televisivo que valeria a pena aprofundar, sobretudo a figura do locutor – Fátima Campos Ferreira – que preside à moderação do debate *Prós e Contras*. Nesta linha muito haveria a dizer sobre a subjectividade da moderadora, nesta e em outras emissões do programa *Prós e Contras*, sobretudo ao nível da forma como coloca as questões, como faz os comentários, como dirige as entrevistas e como gere o debate.

Finalmente, muito trabalho fica por fazer ao nível da etiquetagem completa do corpus que nos serviu de base de trabalho, trabalho esse que importa concluir, não só a nível linguístico como prosódico, usando preferencialmente ferramentas computacionais, na medida em que representa um recurso interessante de análise linguística de fala espontânea.

REFERÊNCIAS

- AAVV. *Journal of Pragmatics* 35 (2003), vol. 35, nr 3, ELSEVIER.
- Adam, J. M. 1985. *Le texte narratif*. Paris : Nathan.
- Adam, J. M. 1987. "Textualité et Séquentialité. L'exemple de la description". *Langue Française* 74. pp.51-72.
- Adam, J. M. 1990. *Éléments de linguistique textuelle*. Liège : Mardaga.
- Adam, J. M. 1992. 2000. *Les Textes, types et prototypes*. Paris : Nathan.
- Adam, J. M. 1996. «L'Argumentation dans le dialogue». *Langue française* 112. Paris : Larousse.
- Adam, J. M. 1998. «Les genres du discours épistolaire. De la rhétorique à l'analyse pragmatique des pratiques discursives». In Siess, J. (org.) *La Lettre entre réel et fiction*. Caen : Editions SEDES.
- Amor, E. 1991. *Didáctica do Português*. Lisboa: Texto Editora.
- Amossy, R. 1991. *Les Idées reçues. Sémiologie du stéréotype*. Paris : Nathan.
- Amossy, R. 1999. *Images de soi dans le discours – La construction de l'ethos*. Paris :Delachaud et Niestlé.
- Amossy, R. 2000. *L'argumentation dans le discours. Discours politique, littérature d'idées, fiction*. Paris : Nathan.
- Anscombe, J.C. 1995. *Théorie des topoï*. Paris : Kimé.
- Anscombe.J.C.; Ducrot, O. 1983. *L'argumentation dans la langue*. Liège : Mardaga Editeur.
- Austin, J. 1962. *How to do things with words*. Oxford: Oxford University Press.
- Austin, J. L. 1962. *How to do things with words*. Oxford.

- Authier-Revuz, J. 1982. «Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive : éléments pour une approche de l'autre dans le discours», *DRLAV*, 26, 91-151.
- Bakhtine, M. (1934)1978. *Esthétique et théorie du roman* (trad. francesa). Paris : Gallimard.
- Bakhtine, M. 1984. *Esthétique de la création verbale*. (trad. francesa) Paris : Gallimard.
- Barros, C. 1998. « Convencer ou persuadir : análise de algumas estratégias argumentativas características do texto da *Primeira Partida de Afonso X*». In, Fonseca, J. (org.) *A Organização e o Funcionamento dos Discursos. Estudos sobre o Português*. Porto: Porto Editora. Tomo I.
- Benveniste (1970), « L'appareil formel de l'énonciation, » in, *Langages* 217, pp. 12-18
- Benveniste, E. 1966. *Problèmes de Linguistique Générale*. Paris : Gallimard.
- Benveniste, E. 1974. *Problèmes de Linguistique Générale II*. Paris : Gallimard.
- Bourdieu, P. (1996) 1997. *Sobre a televisão* (trad. portuguesa). Oeiras: Celta.
- Brassart, D. G. 1996. "Didactique de l'argumentation écrite: approches psycho-cognitives". In *Argumentation*, vol 10, n° 1. pp. 69-87.
- Breton, P. & Gautier, G. (2000), 2001. *História das Teorias da Argumentação*. Lisboa: Bizâncio (trad. Port.)
- Breton, Philippe. (1996), 1998. *A Argumentação na Comunicação*. Lisboa. Publicações Dom Quixote.
- Bronckart, J.-P. et al. 1985. *Le fonctionnement des discours*. Paris : Delachaux et Niestlé Ed. Bronckart, J.-P. 1996. «Activité langagière, textes et discours. Une approche de psychologie du langage ». In *Langue Française* 97. pp. 3-13.
- Brown, P., Levinson, S. 1978. "Universals in language use: Politeness phenomena", in Goody, E. (eds.) *Questions and Politeness. Strategies in social interaction*. Cambridge: CUP: 56-289.
- Brown, P.; Fraser, C. 1979. "Speech as a marker of situation", in Scherer and Giles (eds). 1979: 33-62.
- Bucholtz, M. 2000. 'The Politics of Transcription', in *Journal of Pragmatics* 33: 1439-1465.

- Casetti, F., Lumbelli, L., Wolf, M. 1981. «Indagine su alcune regole di genere televisivo», *Ricerche sulla comunicazione. Quaderni semestrali dell'Instituto A. Gemelli Franco Angeli* n° 3, Milan: Ikon, 11-122.
- Castro, R. V., Pires, A. P. 2002. “Para a análise do discurso político: as estratégias de ‘posicionamento’ no debate televisivo”, in *Actas do XVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, APL, 2002, pp. 127-138.
- Chaim Perelman & Lucie Olbrecht-Tyteca. (1958).1970. *Traité de l'argumentation. La nouvelle rhétorique*. Bruxelles : Édition de l'Université de Bruxelles. (3^a ed. 1976)
- Charaudeau, P. e Ghiglione, R. (1997), 2000. *A palavra confiscada. Um género televisivo: o talk show*. Lisboa: Instituto Piaget. (tradução port.)
- Charaudeau, P. et Maingueneau, D. 2002. *Dictionnaire d'Analyse du Discours*. Paris :Seuil.
- Cintra, L. F. L. 1972. *Sobre formas de tratamento na língua portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Cosnier, J.; K. Orecchioni, C.1987. *Décrire la conversation*. Lyon : Presses Universitaires de Lyon.
- Coutinho, M. A. 2003. *Textos e Competência Textual*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e Tecnologia.
- da Moeda. Aristóteles. *Retórica*. (introd. de M. Alexandre Junior) 1998. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa
- De Pater W. A. 1965.*Les « Topiques » d'Aristote et la dialectique platonicienne. Methodologie de la définition. Études Thomistes*. Vol X. Fribourg: St. Paul.
- Denis,V.1988: «L'interview dans les médias», in *Cahiers de Linguistique Sociale* 12 : 84-85.
- Doury, M. 1995. «Duel sur la Cinq : Dilogue ou Trilogue ?» in Plantin, C. et Kerbrat-Orecchioni (eds) *Le Trilogue*. Lyon : Presses Universitaires de Lyon. pp.224-249.
- DuBois, J. J. 1991. “Trancription Design Principles for Spoken Discourse Research”, *Pragmatics* 1: 71-106.
- Ducrot, O. 1980. *Les Échelles Argumentatives*. Paris : Minuit.
- Ducrot, O. 1984. *Le dire et le dit*. Paris :Minuit.

- Ducrot, O.; Anscombe, J. C. 1976. «L'argumentation dans la langue», in *Langages*, Juin 1976, 42, p.5-27.
- Ducrot, O.; Anscombe, J. C. 1997. *L'argumentation dans la langue*. Liège : Mardaga.
- E. Goffman. 1974. *Les Rites d'Interaction*. Paris: Minuit.
- Fillmore, C. J. 1975. *Santa Cruz lectures on deixis:1971*. Bloomington, IN : Indiana Linguistics Club.
- Fonseca, F. Irene. 1992. *Deixis, Tempo e Narração*. Porto: Fundação Engº António de Almeida.
- Fonseca, J. 1992. *Linguística e Texto/Discurso – Teoria, Descrição, Aplicação*. Lisboa: ICALP.
- Fonseca, J. 1994. *Pragmática Linguística. Introdução, Teoria e Descrição do Português*. Porto: Porto Editora.
- Fuentes Rodríguez, C. 2000. *Linguística pragmática y análisis del discurso*. Madrid: Arco/Libros.
- Genette, G. 1980. *Narrative Discourse*. New York : Cornell Univ. Press.
- Goffman, 1981. *Forms of Talk*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press
- Goffman, E.1976. “Replies and Responses”, in *Language in Society* 5. 257-313.
- Greimas, A.J. 1973. «Les actants, les acteurs et les figures», in C. Chabrol (ed), *Sémiotique narrative et textuelle*. Paris : Larousse.
- Gumperz, J. 1982. *Discourse Strategies*. NY : Cambridge University Press.
- Halliday, M.& Hasan, R. 1976. *Cohesion in English*. Londres: Longman.
- Herrero Moreno, G. 2000. “El discurso polémico: el desacuerdo y los actos disidentes”, in *Lengua Discurso y Texto – I Simposio Internacional de Análisis del Discurso*. Madrid: Visor Libros. Volumen II.
- J.-B. Grize.1990.*Logique et Langage*. Paris : Ophrys.
- Jakobson, R. (1960) s/d. «Linguística e Poética». In *Linguística e Comunicação*, S.Paulo: Cultrix.
- Jakobson, R. 1963, 1968. *Éssais de Linguistique Générale*. Paris : Minuit.
- Kallmeyer, W.;Schütze, F. 1976. « Konversationsanalyse ». In *Studium Linguistik 1*, 1-28.

- Kerbrat-Orecchioni, C. (1980, 1990). *Les interactions verbales I/ Approche interactionnelle et structure des conversations*. Paris : Armand Colin. (edição revista)
- Kerbrat-Orecchioni, C. 1986. *L'implicite*. Paris: Armand Colin.
- Kerbrat-Orecchioni, C. 1996. *La Conversation*. Paris:Seuil.
- Kerbrat-Orecchioni, C. 1999, 2002. *L'énonciation. De la subjectivité dans le langage*. Paris : Armand Colin.
- Kerbrat-Orecchioni, C.1992. *Les Interactions Verbales*, Tome II, Paris : Armand Colin.
- Kerbrat-Orecchioni, C; Plantin, C. (eds.) 1995. *Le Trilogue*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon.
- Kleiber, G. 1990. *La semantique du prototype*. Paris, PUF.
- Leech, G.1983. *Principles of Pragmatics*. London/New York: Longman.
- Mangueneau, D.1991. *L'énonciation en linguistique française – embrayeurs, temps, discours rapporté*, Paris, Hachette.
- Mangueneau, D.1993. *Le contexte de l'oeuvre littéraire. Énonciation, écrivain, société*. Paris : Dunod.
- Marques, M.A. 2000. *Funcionamento do Discurso Político Parlamentar. A organização enunciativa no debate de interpelação ao governo*. Braga: CEHUM (Dissertação de Doutoramento).
- Marques, M.A. 2003. «Renovação dos Discursos – Novas Formas de Interação e Legitimação dos Interlocutores» in *Diacrítica, Ciências da Linguagem*, nº 17-1 (2003) Braga: Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho: 189-219.
- Marques, M.E.R.1988. *A complementação verbal. Estudo sociolinguístico*. 4 vols. Tese de Doutoramento. Lisboa: Universidade Nova. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.
- Martins, L.C. 1998. *Ora bem prontos vá! Marcadores Discursivos num Texto Oral do Português*. FLUP
- Mateus, M. H.; Andrade, A.; Viana, C.; Villalva, A.1990. *Fonética, Fonologia e Morfologia do Português*. Lisboa: Uiversidade Aberta.
- Mateus, M.H.M. et al. 1989. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- Moeschler J. ; Reboul, A. 1998. *La pragmatique du discours*. Paris : Armand Colin.

- Moeschler, J. 1982. *Dire et contredire. Pragmatique de la négation et acte de réfutation dans la conversation*. Berne/Francfort sur M. : Peter Lang.
- Moeschler, J. 2001. “Pragmatique. État de l’art et perspectives”, in *Marges Linguistiques*.
- Molinié, G. 1992. *Dictionnaire de Rhétorique*. Paris : Librairie Générale Française.
- Nascimento, M. Fernanda Bacelar. 2000. “O corpus de referência do português contemporâneo e os projectos de investigação do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa sobre variedades do português falado e escrito”, in, Gärtner, E.; Hundt, C.; Schönberer (eds.). 2000. *Estudos de Gramática Portuguesa I*. Frankfurt am Main: TFM. pp. 185-200.
- Nascimento, M. Fernanda Bacelar; Marques, M. Lúcia Garcia; da Cruz, M. Luísa Segura (eds.) 1987. *Português Fundamental : métodos e documentos, inquérito de frequência*. Lisboa: INIC/ CLUL, vol. 2; tomo 1.
- Nef, F. 1980. “Note pour une pragmatique textuelle”, in *Communications*, 32, pp. 183-189.
- Oliveira, F. 2003. “Modalidade e Modo”, in Mateus, M. H. M.; Brito, A.; Duarte, I.; Faria, I. 2003. *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa: Caminho.
- Payrató, L. 1995. “Transcripción del discurso coloquial”, in *El español coloquial. Actas del I simposio sobre análisis del discurso oral*. Almería. Universidad de Almería: 45-70.
- Perelman, Chaïm. 1977. *L’empire rhétorique*. Paris: Vrin.
- Petitjean, A. 1989. “Les typologies textuels”. *Pratiques* 62. pp. 86-125.
- Pinto, Rosalice. 2003. “O ethos e a argumentação nos editoriais portugueses – um desvendar crítico”, in Marques, M. A.; Pereira, M. E.; Ramos, R. E Ermida, I. (orgs.). 2004. *Práticas de Investigação em Análise Linguística do Discurso. Actas do II Encontro Internacional de Análise Linguística do Discurso*. Braga: CEHUM.
- Pires, Ana Paula. 2002. *Estratégias Discursivas de Marcação da Diferença no Debate Político Televisivo*. ILCH. Universidade do Minho. (diss. Mestrado)
- Plantin, C. 1990. *Essais sur l’Argumentation. Introduction linguistique à l’étude de la parole argumentative*. Paris : Kimé.
- Plantin, C.; Doury, M.; Traverso, V. 2000. *Les émotions dans les interactions*, Arci/Presses Universitaires de Lyon.
- Plantin, Christian. 1996. *L’argumentation*. Paris: Seuil.

- Ramilo, M. C.; Freitas, T. 2002. “A linguística e a linguagem dos media em Portugal: descrição do projecto REDIP”. comunicação apresentada no XIII Congresso Internacional da ALFAL, San José, Costa Rica, in www.iltec.pt.
- Rodrigues, I.M.G. 1998. *Sinais conversacionais de alternância de vez*. Porto: Granito.
- Rodrigues, M. C. Carapinha. 1998. “A sequência discursiva pergunta-resposta”. in Fonseca, J. (org.) *A Organização e o Funcionamento dos Discursos. Estudos sobre o Português*. Porto: Porto Editora. Tomo II.
- Roulet, E .1991. « Une approche discursive de l’hétérogénéité discursive », *Études de Linguistique Appliquée*, 83, pp.117-130.
- Sarfati, G-E. (1997), 2001. *Éléments d’Analyse du Discours*. Paris: Nathan Université.
- Schegloff, E.; Sacks, H. 1973. “Opening up closings”. In *Semiótica 7.4*.
- Schiffrin, D. 1987. *Discourse Markers*. Cambridge: Cambridge University Press
- Searle, J. 1969. *Speech Acts. An essay in the philosophy of language*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Searle, J. 1969. *Speech Acts*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Searle, J. 1979. *Expression and Meaning*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Sebeok, T. 1991. *A sign is just a sign*. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press.
- Toulmin, Stephen.1958. *The Uses of Argument*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Van Dijk, T. A. 2001. “Text and Context of Parliamentary Debates”. In, *Paul Bayley (org.)* (no prelo).
- Van Dijk, T. A.1977. *Text and Context*. London/New York: Longman.
- Vion, R. 1992. *La communication verbale. Analyse des interactions*. Paris : Hachette.
- Werlich, E. 1975. *Typologie der Texte. Entwurf eines textlinguistischen Modells zur Grundlegung einer Textgrammatik*. Heidelberg: Quelle & Meyer.

ANEXO A. LISTA DOS PARTICIPANTES EM *PRÓS E CONTRAS*

(apresentados segundo ordem de entrada em cena)

Nome	Sigla	Estatuto dentro do quadro participativo
Fátima Campos Ferreira	FCF	Moderadora
Pacheco Pereira	PP	Painel Pró
Manuel Maria Carrilho	MMC	Painel Contra
Rui Rio	RR	Painel Pró
Fernando Rosas	FR	Painel Contra
Medina Carreira	MC	Painel Pró
Ruben de Carvalho	RC	Painel Contra
Inna Kozyar	IK	Convidada 1
José Manuel Pereira	JMP	Convidado 2
Inês Serra Lopes	ISL	Convidada 3 (Especial)
Sérgio Figueiredo	SF	Convidado 4 (Especial)
Lourença Barrento	LB	Convidado 5
Margarida Silva	MS	Convidado 6
José Manuel Fernandes	JMF	Convidado 7 (Especial)
Carlos Fontinha	CF	Convidado 8
Luís Sousa	LS	Convidado 9
Rosário Fontinha	RF	Convidado 10
João Carreira	JC	Convidado 11

ANEXO B. DESCRIÇÃO DETALHADA DOS MOMENTOS DO PROGRAMA

1. Abertura e início da primeira parte

- Saudação, enquadramento socio-económico do país, anúncio do tema do debate, anúncio dos convidados que compõem os dois painéis pela moderadora
- Mini-reportagem audiovisual caracterizadora da conjuntura do país
- Anúncio da sondagem televisiva – convite aos telespectadores para participarem na sondagem via sms
- Referência aos testemunhos do público e anúncio de três convidados especiais (directores de jornais)

2. Início do debate

- FCF interpela PP
- Resposta de PP e interacção com a moderadora [Track 2]
- FCF interpela MMC
- Resposta de MMC e interacção com a moderadora [Track 2]
- FCF interpela RR, resposta de RR e interacção com a moderadora [Track 3]
- FCF interpela FR, resposta de FR e interacção com a moderadora [Track 3]
- FCF interpela MC, resposta de MC e interacção com a moderadora [Track 4]
- FCF interpela RC, resposta de RC e interacção com a moderadora [Track 5]
- FCF interpela PP, resposta de PP e interacção com a moderadora e intrusão de MMC [Track 5]
- FCF interpela MMC, resposta de MMC e interacção com a moderadora [Track 6]
- FCF entrevista IK [Track 6]
- FCF entrevista JMP [Track 7]
- FCF interpela MC
- Resposta de MC [Track 7]
- FCF interpela FR, resposta de FR e interacção com a moderadora [Track 7]
- FCF dá a palavra a RR, resposta de RR
- Interacção entre FR e RR [Track 8]

- FCF interpela MC [Track 8]
- FCF interpela ISL [Track 9]
- Resposta de ISL e interação com a moderadora [Track 9]
- FCF interpela SF [Track 10]
- Resposta de SF [Track 10]
- FCF revela os resultados da sondagem televisiva até ao momento
- Anúncio do intervalo pela moderadora [Track 10]

3. Intervalo

4. Início da segunda parte

- Anúncio da segunda parte do programa por FCF [Track 11]

5. Retoma do debate

- FCF interpela RC [Track 11]
- FCF interpela MMC [Track 11]
- FCF interpela PP [Track 11]
- Intrusão de MMC que retoma a palavra [Track 11]
- Intrusão de FCF [Track 11]
- Interpelação de MMC [Track 11]
- FCF interrompe MMC e interpela PP [Track 12]
- Resposta de PP [Track 12]
- FCF interpela RC e resposta de RC [Track 12]
- Intrusão de PP que toma a palavra [Track 12]
- Resposta de RC a PP e tentativas de intrusão de PP [Track 12]
- FCF interrompe RC e toma a vez para fazer uma mini-entrevista a LB [Track 13]
- FCF toma a palavra e faz outra mini-entrevista a MS [Track 14]
- FCF interpela PP e resposta de PP [Track 15]
- FCF interpela FR e resposta de FR [Track 15]
- FCF interpela MMC e resposta de MMC [Track 15]
- FCF interpela JMF [Track 16]
- Resposta de JMF e interação com a moderadora [Track 16]

- ♦ FCF revela os resultados da sondagem televisiva até ao momento [Track 17]
- ♦ Anúncio de novo intervalo pela moderadora [Track 17]

6. Intervalo

7. Início da terceira parte

8. Retoma do debate

- ♦ Anúncio da terceira parte do programa por FCF [Track 18]
- FCF dá início à entrevista de CF [Track 18]
- FCF entrevista LS [Track 19]
- FCF interpela MC e resposta de MC [Track 20]
- FCF interpela RR e resposta de RR [Track 20]
- FCF interpela FR e resposta de FR [Track 20]
- Intrusão de RC e de FCF [Track 20]
- FCF interpela PP e resposta de PP [Track 21]
- Intrusão de RC [Track 21]
- FCF toma a palavra e entrevista RF [Track 22]
- FCF entrevista JC [Track 22]
- FCF interpela MMC e interacção com a moderadora [Track 23]
- FCF interpela RR e resposta de RR [Track 23, 24]
- Intrusão de RC e de FR [Track 24]
- RR retoma a palavra [Track 24]
- FCF interpela SF a quem pede um último comentário [Track 24]
- Resposta de SF [Track 24]
- FCF interpela FR e resposta de FR [Track 25]
- Intrusão de PP e interacção com FR [Track 25]
- FCF interpela ISL, resposta de ISL e interacção com FCF [Track 26, 27]
- FCF interpela PP, resposta de PP e interacção com FCF [Track 27]
- FCF interpela MMC, resposta de MMC e interacção com FCF [Track 28]
- FCF interpela JMF a quem pede um comentário final, interacção de JMF com FCF [Track 28]
- FCF interpela MC e resposta de MC [Track 29]

- FCF interpela RC e resposta de RC [Track 29]
- FCF interpela RR e resposta de RR [Track 29]
- Intrusão de RC [Track 29]
- Interação entre RR e RC [Track 29]
- FCF interpela FR e resposta de FR e tentativas de intrusão de MC [Track 30]
- FCF interpela MC mas FR mantém a vez [Track 30]
- FCF interpela MC [Track 30]
- Interação entre MC e FR [Track 30]
- Intrusão de RC [Track 30]
- Resposta de MC [Track 30]
- Resposta de FR [Track 30]
- Interação entre MC e FR [Track 30]
- FCF interpela MC [Track 30]
- Intrusão de RC [Track 30]
- MC retoma a palavra [Track 30]
- PP toma a palavra [Track 30]
- Intrusão de FR [Track 30]
- PP responde [Track 30]
- Interação entre PP e FR [Track 30]
- Intrusão de RC [Track 30]
- Intrusão de FR [Track 30]
- Interação entre PP e FR [Track 30]
- FCF interpela MMC e resposta de MMC [Track 31]
- Intrusão de PP [Track 31]
- MMC retoma a palavra [Track 31]
- Intrusão de MC [Track 31]
- Intrusão de RC [Track 31]
- Outras tentativas de intrusão [Track 31]
- MC responde a RC [Track 31]
- RC responde a MC [Track 31]
- MC responde a RC [Track 31]
- FR toma a palavra [Track 31]
- MC responde [Track 31]
- Intrusão de FR [Track 31]
- MC responde [Track 31]

- FCF coloca uma questão [Track 31]
- FCF passa a palavra a RR [Track 31]
- Intrusão de RC [Track 31]
- Interação entre MC e RC [Track 31]
- FCF interpela RR [Track 32]
- RR perde a palavra para MC [Track 32]
- RR responde [Track 32]
- FCF toma a palavra e pede as conclusões finais a PP [Track 32]
- ♦ FCF comenta os resultados da sondagem [Track 32]
- PP responde [Track 33, 34]
- FCF pede as conclusões finais a MMC, resposta de MMC [Track 34]

9. Encerramento

- ♦ FCF faz os últimos agradecimentos a todos os convidados e aos telespectadores e encerra o programa [Track 34]

ANEXO C. REPORTAGEM AUDIO-VISUAL

[ano novo (,)(´) vida mais cara (..)(.) renda de casa luz gás e portagens (-)(.) aumentaram a um de janeiro (..)(-) até ao final do ano (´) outros aumentos ameaçam o poder de compra dos consumidores (..)(.) e (´) os portugueses estão pessimistas (´) (.) em sondagem para o diário de notícias (-) e para a TSF (..)(´) mais de metade dos inquiridos (´) acredita que este ano (´) a situação do país vai piorar (..)(.) os escândalos em 2002 criaram uma crise de confiança (,)(´) o caso moderna (,)(´) corrupção na GNR e no futebol (,)(´) e a pedofilia na casa pia (,)(´) deixaram o país em estado de choque (..)(.) a crise económica também contribuiu para o desânimo (..)(.) os portugueses mantêm os salários mais baixos da europa (,)(´) o pior nível de vida (,)(´) a maior taxa de iliteracia (,)(´) e apenas dez por cento têm formação superior (..)(.) o facto de termos a mais baixa taxa de produtividade da união europeia (´) é apontado como causa directa do nosso atraso (..)(-) seis anos de governo socialista incentivaram o consumo (,)(´) as privatizações e a adesão ao euro animaram o mercado (..)(.) o resultado do trabalho iniciado na era cavaco silva (..)(´) a inflação e o desemprego baixaram (,)(.) a expo 98 foi o espelho da saúde económica do país (..)(.) mas dois anos (-) depois os sintomas de crise (´) denunciaram a ausência das reformas estruturais (..)(.) levantaram-se vozes de críticas contra as opções feitas (,)(´) em dois mil e um (..)(.) os maus resultados eleitorais levaram antónio guterres à demissão (..)(.) durão barroso vence (,) as eleições (,)(´) manuela ferreira leite ministra das finanças (,)(´) exige que se poupe (´) para cumprir os dois virgula oito por cento de défice (,) impostos pela europa (..)(.) o iva aumenta (,)(´) o perdão fiscal atrai cerca de mil milhões de euros (,)(´) as portagens da crel rendem duzentos e oitenta e oito milhões aos cofres do estado (´) e muitos protestos (..)(.) igualmente polémica é a proposta do código de trabalho (.) os sindicatos não gostam da nova lei (,)(´) a cgtf faz greve geral (..)(.) em dois mil e quatro a europa vai alargar-se a dez novos países de leste (´) com economias mais competitivas (..)(.) ao contrário de portugal (,)(´) produzem muito (-) e a baixo custo (..)(.) durão barroso parece no entanto (´)(,) optimista (..)(.) aponta dois mil e quatro como ano de recuperação (´) e diz mesmo que em dois mil e seis (,) (-) teremos o maior crescimento da união europeia (.) mas até lá será dois mil e três um bom ano para portugal(?) [Track 2b]

ANEXO D. DADOS BIOGRÁFICOS DOS PARTICIPANTES NO DEBATE

Carreira, Medina: Conhecido advogado e fiscalista. Fundador do Partido Socialista, foi sub-secretário de Estado no VI governo provisório após o 25 de Abril de 1974 e ministro das Finanças de Mário Soares no I Governo Constitucional. Em 2000 abandonou a militância do PS por ruptura com o primeiro-ministro António Guterres. Nas legislativas de 2002 apoiou abertamente o programa de governo e o choque fiscal apresentado por Durão Barroso. Demitiu-se das funções de Presidente do Conselho Nacional da Segurança Social assim que Durão Barroso aceitou o cargo de Presidente do Conselho Europeu. Gere um blog na internet (“*A Grande Loja do Queijo Limiano*”) e é comentarista sobre matéria económica no semanário *Expresso* e no *Diário Económico*.

Carrilho, Manuel Maria: Político e professor catedrático de Filosofia da Universidade Nova de Lisboa. Nasceu em Coimbra em 1951. Licenciou-se em Filosofia na Universidade de Lisboa em 1975. Doutorou-se em Filosofia Contemporânea na Universidade Nova de Lisboa em 1985. Tem participado em actividades de diversas instituições nacionais e internacionais (Instituto de Filosofia da Linguagem da UNL, a Fulbright Commission, a Internacional Society for the Study of Argumentation, o Collège de Philosophie, etc.). Tem pertencido a comités de várias revistas (*Argumentation*, *Culture/Europe*, *Hermes*). A sua actividade académica tem-se ainda repartido entre publicações e participações em conferências nacionais e internacionais.

É membro do Partido Socialista desde 1986. Foi ministro da cultura entre 1995 e 2000. É desde 2000 deputado eleito pelo círculo do Porto. Pertence à comissão política do PS e integra a Comissão de Negócios Estrangeiros e Assuntos Europeus na Assembleia da República. É um dos vice-presidentes do Grupo Parlamentar do PS desde 2002.

Carvalho, Ruben: Jornalista e militante do Partido Comunista Português. Nasceu em Lisboa a 21 de Julho de 1944. Licenciado em Jornalismo em 1963, trabalhou e colaborou em publicações como *O Século*, *Diário de Lisboa*, *Jornal de Letras* e o *Avante!*, cuja redacção chefiou de 1974 a 1995. Durante o Estado Novo, foi membro da Comissão Juvenil das Candidaturas da Oposição Democrática, tendo sido preso pela PIDE cinco vezes. É militante do Partido Comunista Português desde 1970, tendo sido eleito membro do Comité Central do PCP em 1987 e deputado à Assembleia da República em 1995. É um

dos principais dinamizadores da Festa do Avante desde a sua fundação, em 1976. É actualmente cronista do *Diário de Notícias* e tem colaborado em diversos órgãos de comunicação social como comentador político.

Pereira, José Pacheco: Político e professor no ISCTE e na Universidade Autónoma de Lisboa. Nasceu no Porto em 1949. É licenciado em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Manifestou-se activamente contra o governo do Estado Novo, pelo que foi o fundador do Clube da Esquerda Liberal e participou na candidatura presidencial de Mário Soares. Em 1988, tornou-se membro do Partido Social Democrata, de que é actualmente deputado. Fez parte da sua Comissão Política Nacional e foi também presidente do Grupo Parlamentar. Colabora regularmente em diversos órgãos de comunicação social como comentador político. Tem publicado diversas obras de reflexão política e assina um *blog* na internet, o *Abrupto*, em que comenta os vários assuntos da actualidade política nacional.

Rio, Rui: Economista e actual Presidente da Câmara Municipal do Porto. Nasceu no Porto, a 6 de Agosto de 1957. Licenciou-se em Economia e Gestão em 1982, pela Faculdade de Economia da Universidade do Porto. Iniciou a carreira política em 1981 ao vencer, pela Juventude Social Democrata, as eleições para a Associação de Estudantes da Faculdade de Economia do Porto. Em 1991 foi eleito deputado à Assembleia da República pelo Partido Social Democrata. A sua formação em economia levou-o a dedicar-se, principalmente, à Comissão Parlamentar de Economia, Finanças e Plano. Rui Rio esteve na Assembleia da República durante dez anos, tendo sido neste período porta-voz do Grupo Parlamentar do PSD para as questões económicas e financeiras por duas vezes. Foi ainda secretário-geral do Partido Social Democrata em 1996 e 1997 e vice-presidente do Grupo Parlamentar entre 1999 e 2001. Paralelamente à carreira política, Rui Rio tem escrito regularmente artigos de opinião para diversos jornais como *O Público*, o *Comércio do Porto*, o *Diário Económico* e o *Diário do Norte*.

Rosas, Fernando: Historiador professor universitário e político português. Nasceu em Lisboa a 18 de Abril de 1946. Licenciado em Direito pela Universidade Clássica de Lisboa, 1969 adquiriu o grau de Mestre em História dos Séculos XIX e XX pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1986. Doutorou-se em História Económica e Social Contemporânea pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, em 1990, onde é professor agregado desde 1996. A sua actividade de investigação é amplamente reconhecida no âmbito da História

do Estado Novo, sendo por isso autor de uma vasta e importante obra sobre este período. É consultor da Fundação Mário Soares e de várias estações de televisão e rádio. É ainda director da revista História e presidente do Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa, onde coordena várias iniciativas científicas no âmbito da cooperação deste instituto com diversas instituições. Em 2001 foi candidato pelo Bloco de Esquerda às eleições presidenciais.

ANEXO E. TEMAS TRAZIDOS A DEBATE PELA MODERADORA

Questão 1: optimismo ou pessimismo para 2003?

- Ao painel PRO

FCF: [...] doutor pacheco pereira boa noite (.)(..) o senhor (‘) (,)está sentado no painel que denota alguns sinais de optimismo (.)(..) vamos dizer desta forma porque eu já sei que aqui não há (‘) (,) optimistas convictos totalmente (.)(..) mesmo assim (‘) (,) **eu gostava de de saber (‘) (,) o que é que o leva a ser optimista (,) (‘) o que é que o leva a assumir essa posição (‘) (,) e a acreditar (.) (pausa)** {T2, 1:08 – 1:30}

- Ao painel CONTRA

FCF: professor manuel maria carrilho (‘) (,) o senhore a:m é pessimista(‘) (,) a: está sentado desse lado (‘) (,) de qualquer forma (,) **acredita (‘) e vê algumas mudanças de atitude no sentido de uma consciencialização cada vez maior das dificuldades (-) (,) e portanto (-) (,) o rumo a: está certo(?) (..)** {T2, 3:40 – 3:55}

Questão 2: o rumo actual do país

- Ao painel CONTRA

FCF: professor manuel maria carrilho (‘) (,) [...] **vê algumas mudanças de atitude no sentido de uma consciencialização cada vez maior das dificuldades (-) (,) e portanto (-) (,) o rumo a: está certo(?) (..)** {T2, 3:40 – 3:55}

- Ao painel PRO

FCF: [...] rui rio (.) (,) {T2, 6:48-6:50} **o país não tem uma linha de rumo, doutor rui rio(?) (,) (,) {T3, 0:00-0:02}**

- Ao painel CONTRA

FCF: doutor fernado rosas (-) (,) a:m (-) (,) **vemos uma linha de rumo (‘) nessas reformas estruturais do seu ponto de vista (?) (,) (,) {T3, 2:00-2:04}**

Questão 3: o problema económico que o país atravessa

- Ao painel PRO

FCF: professor medina carreira (.)() **era necessária essa travagem à quatro rodas no que diz respeito à {T3, 5:06-5:11} (redução?) dos custos do estado (')() por exemplo(?)()** {T4, 0:00-0:02}

- Ao painel CONTRA

FCF: dei deixe-me (')() e: passar com essa mesma ideia (') para o doutor ruben de carvalho (')() **aa:m (,) como é que agora (')() acha que o país pode pagar os tais duzentos milhões (')() a: com os quais se endividou durante tanto tempo (?)()** {T4, 3:55-4:07}

Questão 4: é necessária uma alteração de atitudes por parte dos portugueses?

- Ao painel PRO

FCF: oo os problemas (-)() os problemas do p a í s (')() creio eu que não são só eco n ó m i c o s (.)() e portanto (') o país debate-se com outro t ipo de desafios (.)() por exemplo (')() **é necessário uma alteração de atitudes de forma de estar (-)() os portugueses (-)() o que é que os portugueses têm que mudar nas suas vidas (.)() pacheco pereira (?)()** {T5, 2:10-2:25}¹⁵²

Questão 5: desencanto que os políticos provocam na população/ descrédito dos políticos portugueses

- Ao painel PRO

FCF: portanto XXX eu vou-me dirigir a:m a o: professor medina carreira (.)() **o que é que os políticos portugueses devem fazer para quebrar este des e n c a nto (?)()** a: camada (') da população (') e particularmente trabalhadores da agricultura como josé manuel pereira (?)() {T7, 2:52-3:07}

- Ao painel CONTRA

FCF: professor fernando rosas (-)() o senhor é um historiador (.)() é um pensador (.)() e há pouco ouvimos ali o josé manuel pereira (-)() para além das dificuldades (.) a: económicas (') e de (-)() d'arranjar um trabalho permanente (')() ouvimo-lo de desac r e d i t a r dos políticos (.)() portugal vive também (.) esta (-)() este período de dificul d a des (-)() em várias em vários sectores em várias áreas da sociedade (.)() **perderam-se referências (?)()** é isso (?)() a qué que nos devemos agarrar (?)() **houve uma falta há uma falta de valores(?)()** {T7, 4:37-5:01}

¹⁵² MMC toma a vez interrompendo PP e dando também resposta a esta questão, sem interferência da modreadora (cfr. Track 6).

Questão 6: a questão do défice orçamental e do pacto de estabilidade¹⁵³

- Ao painel CONTRA

FCF: **mas está a defender que não devíamos cumprir os compromissos europeus(?)**(,)(, **qual é a alternativa(?)**(,)(, {T7, 6:31-6:35}

- Ao painel PRO

FCF: ó doutor rui rio (-)(,deixe-me ouvir a opinião (‘)(..) do professor medina carreira que ele está ali **f a r t** o de de (-) d’acessar com a cabeça que não(‘)(,) o senhor acha que havia alternativa (-)(..) dei dei dei deixe-me ouvir a sua opinião (.))(, **havia alternativa (-)(,) a: a este a aa: esta necessidade de cumprir o défice (?)** desta forma (?))(, a XXXX digamos (.))(, {T8, 1:27-1:43}

Questão 7: comentário do caso de Margarida Silva e a questão da atitude e da educação

- Ao painel PRO

FCF: eu a: eu te deixe-me devolver-lhe uma pergunta (,) aí pra cima (‘) e depois falará também (.) (,) **a: a margarida acaba de falar numa questão que me parece que é muito importante que a questão d’a t i t u d e** (.)(..) a ela situa este professor (-) (..) fidalgo (‘)(,) d’apelido fidalgo (-)(,) **joão paulo fidalgo** (.))(, que **conseguiu** a:m (-) que conseguiu e: dar-lhe (‘)(,) este espírito de de de **cien t i s t a** (‘)(,) foi ele que lho que lho deu (?) (,) não é(?))(, que a fez acreditar que era possível (‘)(,)e que desenvolveu o gosto da pla pla pla c i ê n c i a (-)(,) que lhe deu certamente (‘) (,) a noções de exigência (-)(,) referências de disciplina (-)(,) não é (?) (,) **a: isto era importante que o país e: se (-)(,) utilizasse estas tas referências estes modelos para prosseguir em frente (?)**(,)(, {T15, 0:06-0:41}

- Ao painel CONTRA

FCF: **fernando rosas** (.))(, {T15, 2:45}

FCF: **manuel maria carrilho** (.))(, {T15, 3:58-3:59}

Questão 8: o endividamento das famílias portuguesas e o valor do dinheiro

- Ao painel PRO

FCF: professor medina carreira (.)(..) **a verdade é quee: parece que este senhor lhe vem dar razão** (.))(, **o indvidamento das famílias portuguesas (‘)(,) é de facto muito alto** (.)(..) {T20, 0:00-0:08}

¹⁵³ FR retoma a questão económica do pagamento do défice e das políticas para combater o défice. FCF recoloca a questão a RR.

FCF [dirigindo-se a MC]: esta esta ideia (-) que:m este este senhor luís souza nos deixou de que **as pessoas (‘)(,) dão pouca importância ao dinheiro (‘)(,) a: não não dão ao dinheiro o o o preço e a: e o: relevo que ele tem (‘)(,) portanto gastam-no facilmente (‘)(,)** {T20, 0:14-0:28}

- Ao painel PRO

FCF: **rui rio (‘)(,)** {T20, 0:47}

- Ao painel CONTRA

FCF: **fernando rosas (‘)(,)**{T20, 3:28}

Questão 9: há referências e valores na sociedade portuguesa?

- Ao painel CONTRA

FCF: justamente. sérgio, deixe-me aqui a: {T24, 4:02-4:06} lançar (‘)(,) **o sérgio falou aí em referências (-) em valores (‘)(,) a: os valores mediáticos (-)(,) que hoje (-)(,) a: estão na nossa sociedade (‘)(,) deixe-me aqui pegar nessa nessa ideia e lança-la ao fernando rosas (‘)(,) que é um historiador (‘)(,) é um pensador (‘)(,) é um homem que reflecte a: [fala FR] todos pensam, mas o o fernando rosas (‘)(,) [fala FR] aa: talvez tenha (‘)(,) como o professor professor manuel maria carrilho(‘)(,) e e e o doutor pacheco pereira também (‘)(,) enfim olhe (‘)(,) somos todos fil ó sofos pronto (‘)(,) aa: assim tout cours somos todos filósofos (‘)(,). **diga-me uma coisa (-)(,) a sociedade portuguesa está a precisar de referências (‘)(,) está a precisar de: de de valores (‘)(,) está a precisar de alguém que lance novas ideias (‘)(,) e e e sirva de exemplo(‘)(,)** {T25, 0:00-0:42}**

- A ISL

FCF: **há referências há valores na so na nossa sociedade ainda (‘)(,) inês serra lopes (‘)(,) ou melhor não estamos a precisar de m a i s referências (‘)(,) e de novas referências (‘)(,)** {T26, 0:13-0:20}

FCF: e por falar ó inês (‘) e **por falar em descrédito das instituições (‘)(,) se é que ele existe (‘)(,) mas há até quem seja ainda (-)(,) que vá quem vá ainda mais longe (‘)(,) como o: sociólogo antónio barreto (‘)(,) e diga (‘)(,) que portugal pode desaparecer (‘)(,) na sequência (‘)(,) na a: da da evolução da globalizaçã o (‘)(,) da evolução da união europeia (‘)(,) e a t é (‘)(,) com o o constante domínio espanhol que estamos a sofrer (‘)(,)** {T27, 0:16-0:37}

- Ao painel PRO

FCF: **pacheco pereira (‘)(,)** {T27, 1:03}